
Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas
VERUS
EDITORA
A garota do CALENDÁRIO
NOVEMBRO
Audrey Carlan

Audrey Carlan

A garota do CALENDÁRIO

NOVEMBRO

Tradução
Andréia Barboza

VERUS
EDITORA

Editora
Raïssa Castro

Coordenadora editorial
Ana Paula Gomes

Copidesque
Lígia Alves

Revisão
Maria Lúcia A. Maier

Capa e projeto gráfico
André S. Tavares da Silva

Foto da capa
© Viorel Sima/Shutterstock (casal)

Título original
Calendar Girl: November

ISBN: 978-85-7686-565-0

Copyright © Audrey Carlan, 2015
Todos os direitos reservados.
Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase Literary Agency

Star Books Digital

Tradução © Verus Editora, 2016
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C278g

Carlan, Audrey
A garota do calendário [recuso eletrônico]: novembro / Audrey Carlan; tradução Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2016.
recurso digital (A garota do calendário; 11)

Tradução de: Calendar Girl: November
Sequência de: A garota do calendário: outubro

Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-565-0 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Barboza, Andréia. II. Título. III. Série.

16-36937

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Ekatarina Sayanova
Editar a história de alguém
é como criticar o filho de uma mulher.
Não é fácil fazer isso sem que seja doloroso.
De alguma forma, todas as vezes,
você conseguiu cuidar disso para mim.
Você trabalha com graça, compaixão e consideração.
Sou inegavelmente grata a você.
Sob sua orientação e a cada história,
eu me torno uma escritora melhor.
Obrigada.

SUMÁRIO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

A garota do Calendário | Dezembro

1

Flocos de neve. Únicos, frágeis e diferentes entre si. Absolutamente fascinantes. Peguei com a boca um que caiu do céu. Ele derreteu no instante em que tocou minha língua. Os flocos me mantiveram encantada enquanto vários deles caíam sobre meus cílios, distorcendo momentaneamente minha visão. Pisquei, afastando-os, e suspirei. A névoa do meu hálito quente imitou uma nuvem de fumaça. Com as mãos abertas, girei lentamente, permitindo que os flocos claros caíssem sobre mim.

— Se você já tiver terminado de brincar na neve, podemos ir para o hotel? — Wes riu. — Estou congelando! — Ele pressionou o nariz frio no calor do meu pescoço. Por trás, circulou os braços ao meu redor e me abraçou apertado. Cobri seus braços com os meus.

— Isso é tão legal! Raramente neva em Las Vegas e, definitivamente, nunca em L.A. — Assisti com admiração àquela maravilha da natureza.

Ele se aconchegou em meu pescoço, deixando uma trilha de beijos até a nuca.

— Superlegal... As minhas bolas estão congelando e o meu pau virou um pedaço de gelo.

— Bem, eu sempre adorei picolé. — Eu ri e me virei, ficando cara a cara com ele. — Obrigada por ter vindo comigo. Honestamente, eu não estava pronta pra ficar longe de você.

Wes sorriu de um jeito que me fez querer pular em cima dele. O meu namorado estava um gato, mesmo agasalhado e usando gorro.

— Quem não ia querer passar duas semanas em Nova York com uma bela dama? — Ele se inclinou, esfregou o nariz no meu e me deu um selinho.

Mentiroso. Quando a equipe do programa disse que eu teria de ir para a Big Apple por duas semanas, gravar com algumas celebridades para o especial do dr. Hoffman, "Seja grato", um quadro semanal como o meu "Vida bela", Wes não pareceu muito interessado. Disse que evitava a costa Leste durante os meses de

inverno como quem evita a peste. Ele achava que o oceano Atlântico não era quente o suficiente, ou que as ondas não eram propícias para um surfista dedicado... e que as temperaturas, em comparação com a Costa Dourada da Califórnia, eram baixas demais.

Eu estava preocupada com a perspectiva de ficar sem ele por duas semanas. Para mim era muito cedo. Fazia pouco tempo que ele havia saído do cativeiro. A simples ideia de estar longe dele por qualquer período de tempo me dava urticária, mas fiz tudo que pude para agir normalmente. Ele estava se recuperando, e a terapia ia incrivelmente bem. A última coisa que eu queria era que Wes pensasse que eu não acreditava que ele podia se manter por duas semanas sem a namorada superprotetora para vigiá-lo.

No entanto, quando fiz planos de entrevistar meus amigos — Mason Murphy, o arremessador do Red Sox, e Anton Santiago, o rapper Latin Lov-ah —, ele mudou de ideia. Uma noite, na semana anterior, Wes me confidenciou que tinha conversado uma sessão inteira com sua terapeuta, Anita Shofner, sobre os homens que haviam passado pela minha vida. Ele sabia que eu recebia ligações regulares de Mason, Tai, Anton, Alec, Hector e Max. Claro que não se importava com as ligações de Max, meu irmão recém-descoberto, ou de Hector, porque ele era gay e tinha um relacionamento sério com Tony. Mas Wes admitiu sentir um pouco de ciúme dos outros quatro. Ele conhecera Anton e gostara do fato de o Latin Lov-ah ter me ajudado a atravessar um momento difícil, mas, ainda assim, não confiava nele, por causa de sua reputação de mulherengo. Até Mason, que estava completamente apaixonado por Rachel, sua relações-públicas, o deixava arrepiado.

Eu mencionei algo a respeito disso? Não. Não quando o objetivo era trazer meu namorado para Nova York comigo. Eu sabia que era cruel, mas, quando ele perguntou o que nós faríamos depois que eu os entrevistasse, dei de ombros e respondi que faria o que eles quisessem. Cinco minutos depois, Wes estava fazendo as malas.



— Quando nós vamos encontrar os seus amigos? — Havia uma pontada de irritação em seu tom.

Sua reação por rever Anton e conhecer Mason tinha sido estranha. Meu namorado sempre foi pé no chão, sempre foi seguro. No entanto, depois da

experiência na Indonésia, ele ainda não havia recuperado completamente seu jeito tranquilo de ser. A terapeuta me assegurou que levaria tempo e pediu que eu continuasse a oferecer coisas boas para Wes pensar — ou seja: nós e a nossa relação, que florescia.

— Hoje à noite nós vamos ver o Anton e a Heather. Ele vai fazer um jantar pra gente na casa dele. O Mace e a Rach só chegam no fim da semana.

O que eu não contei era que Anton havia oferecido seu apartamento em Manhattan para que ficássemos lá durante nossa estadia. Eu sabia que Wes não ficaria animado. Quando estávamos em Miami, ele até gostou de Anton, mas naquela época nós ainda estávamos admitindo nosso amor um pelo outro. Estávamos ocupados demais com nossos pensamentos para nos preocupar com alguém em volta.

Arrumamos nossas coisas nas gavetas da cômoda do hotel tranquilamente, tomamos banho e fizemos amor. Eu podia sentir a tensão escoar dos poros de Wes quando ele gozou dentro de mim, com palavras de amor saindo de seus lábios.

Enquanto eu recuperava o fôlego, deitada sobre ele feito um cobertor, senti Wes levantar minha mão direita, levá-la aos lábios e beijar os dedos, um por um. Em seguida, o cretino sorrateiro deslizou algo pesado em meu dedo anelar.

— Quando é que nós vamos nos casar? — ele perguntou, de repente. Estávamos nus, sonolentos, tínhamos acabado de fazer sexo intenso e prazeroso e eu estava mole, deitada em cima do seu peito. Eu o havia cavalgado como se não houvesse amanhã e provavelmente ficaria com as marcas de seus dedos nos quadris para comprovar.

Pisquei e afastei o cabelo do rosto, colocando uma mão em cima da outra sobre o seu coração. Eu gostava de senti-lo bater debaixo de mim, sabendo que era meu.

— Isso é um pedido? — brinquei.

Seus olhos se estreitaram, e ele inclinou o queixo em direção a minha mão. Olhei para a aliança de diamantes que brilhava para mim.

— Nós já falamos sobre isso. — E acrescentou: — Você sabe que não vai ouvir um pedido. Você não tem a opção de recusar. — Suas palavras eram firmes e não deixavam espaço para discussão.

Inclinando-me, eu me sentei sobre ele e concentrei toda a atenção no anel mais elegante que eu já tinha visto, e que agora adornava meu dedo. Tinha uma faixa de diamantes em toda a volta. Não era chamativo como a maioria das alianças de noivado. Não. Esta era simples, mas muito brilhante. A quantidade absurda de diamantes preenchia todo o aro que envolvia meu dedo. Não prenderia em nada. E

eu ainda poderia pilotar a Suzi usando minhas luvas de couro. Era simplesmente perfeito.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Você não vai pedir mesmo? — Sufoquei um pequeno soluço enquanto olhava para o que era, aparentemente, um anel de noivado.

Ele se sentou, passou um braço ao meu redor, apoiou os calcanhares no colchão e se impulsionou para trás, até que estivesse recostado na cabeceira, comigo no colo.

Entrelaçou os dedos em meu cabelo, mantendo meu rosto na direção do seu.

— Você realmente precisa que eu peça? — Seus olhos estavam num tom verde brilhante quando me obrigou a encará-lo.

— Precisar? Não. Querer? Meio que sim — admiti, enquanto as lágrimas escorriam.

Wes suspirou e esfregou a testa na minha.

— Não me faça me arrepender disso — sussurrou, a voz tremendo com o que era, provavelmente, ansiedade, ou até mesmo preocupação, em relação a minha resposta. — Mia, meu amor, minha vida... Quer casar comigo?

Olhei em seus olhos e vi apreensão, como se eu pudesse dizer não. Nem em um milhão de anos eu perderia a chance de me prender a esse homem pela eternidade.

— Em vez de outro anel, posso ganhar outra moto?

Wes piscou, inclinou a cabeça para trás e riu.

Beijei seu peito enquanto isso, percorrendo uma trilha até o pescoço e a orelha.

— Sim, baby. Eu quero casar com você — eu disse as palavras que sabia que ele queria ouvir.

Ele apertou os braços ao meu redor.

— Vou te fazer muito feliz.

Encarei seu rosto.

— Então você vai me dar uma moto nova? — perguntei, esperançosa. Ele balançou a cabeça e me beijou com muita intensidade, até minha boca ficar tão dolorida que eu mal podia sentir seus lábios nos meus.

— Quando? — rosnou no meu ouvido, se dirigindo para meus seios nus. Parecia que a segunda rodada começaria em dois segundos e meio.

— Hum... ano que vem? — respondi, colando sua cabeça ao meu peito enquanto ele mordiscava um mamilo ereto.

— Humm. Tudo bem. Primeiro de janeiro, então — Wes resmungou contra meu seio. Puxou o outro mamilo e chupou com força o primeiro.

— Ah... sim — gemi. — Espera. O quê?

Bati na porta da cobertura de Anton em Nova York. Wes estava a meu lado, um braço ao redor da minha cintura, me mantendo bem perto. A porta se abriu quando eu estava prestes a bater novamente. Fiquei bastante surpresa por ter que bater, já que a recepção havia nos anunciado.

— Você chegou! — Heather falou, pulando. Ela usava ankle boots abertas na frente que a deixavam muito mais alta do que já era. Seu cabelo loiro estava arrumado do mesmo jeito que sempre usava quando estávamos em Miami, como o de uma estrela do rock. Vestia uma blusa pink justérrima e de mangas compridas que dizia "Pink é o novo preto" em letras brancas sobre os seios. A peça estava por dentro do jeans skinny, com um cinto de tachas que transmitia uma aparência de "sou foda". Havia mechas em tom de fúcsia no cabelo, que a faziam parecer incrível. Caramba, ela *era* incrível.

Eu realmente precisava sair mais com as meninas. Ginelle vinha me enchendo havia duas semanas para ir fazer compras com ela em L.A. Eu teria que fazer isso quando voltasse.

Heather me tirou dos braços de Wes e me puxou para os seus, me balançando para a esquerda e a direita. Em seguida, se afastou um pouco e me olhou.

— Garota, eu não comprei roupas pra você em Miami? Por que você não usa? — Seu nariz se enrugou sem nenhuma má intenção. Ela só estava sendo honesta.

Gemi e balancei a cabeça.

— Estou confortável assim. — Puxei a camiseta de mangas compridas do show da Lorde, a que havia assistido com Maddy no ano anterior. Aquela garota mandou muito bem, e a camiseta era legal. Eu a combinei com jeans justos, rasgados nas coxas, e botas de caubói com salto de cinco centímetros. Cindy tinha mandado um par para Maddy e outro para mim, para nos lembrar do que nos esperava no Texas. Eram muito legais. De couro preto, com um design interessante no bico, mais quadrado que arredondado. A melhor parte? Tinha uma fivela incrível na altura do tornozelo.

Heather observou meus pés.

— Humm, as botas são bonitas.

Wes pigarreou atrás de mim.

— Ah, merda. Heather, lembra do meu namorado, o Wes? — Fiz um gesto para o ombro dele.

— Hum, acho que você quer dizer noivo, linda. — Ele sorriu e piscou.

Os olhos de Heather se arregalaram, como se ela tivesse sido eletrocutada.

— Santa surpresa, Batman! Você vai se casar? Que incrível! — Ela nos puxou para um abraço coletivo, colocando os braços ao redor do nosso pescoço. — Aí sim! O Anton vai adorar a notícia. Casamento é com ele mesmo.

Eu ri.

— Como assim? Que eu saiba ele nunca se casou.

— Não, mas foi noivo muitas vezes — ela disse casualmente. Heather nos levou pela cobertura espaçosa até a cozinha, onde encontramos Anton balançando os quadris diante do fogão de seis bocas, num ritmo que só ele podia ouvir. O cheiro era absolutamente divino. Senti um toque de algo apimentado, que me fez lembrar da comida do sul.

— Quem vai se casar? — Anton se virou com uma espátula de madeira na mão. — *Lucita!* Você? Me diz que não é verdade. — Ele cruzou as mãos sobre o coração e se apoiou na borda da bancada.

Eu ri. Wes não. Ele passou um braço sobre meus ombros.

— É sim. Mostre o anel pra eles. Nós vamos nos casar no dia 1º de janeiro. — As palavras dele estavam repletas de orgulho viril.

Levantei a mão e olhei para Wes, confusa.

Os olhos de Anton se arregalaram.

— Tão rápido. Uau. Como a minha avó diria, vocês não perderam tempo. — Ele sorriu e piscou.

— Ainda não marcamos a data. — Levantei o olhar para meu namorado.

Suas sobrancelhas subiram muito.

— Acho que marcamos sim, um pouco antes de virmos pra cá. Lembra?

— Qualquer coisa discutida no calor do sexo não conta. Isso é coerção! — Fiz beicinho.

Wes sorriu.

— Que pena. Você concordou. Agora só falta decidir o lugar. — Ele entrelaçou os dedos em minha nuca, massageando a tensão de um dia inteiro de viagem que ainda estava lá, para não mencionar o peso de ficar noiva. Eu ainda nem tinha contado para Maddy ou Gin. Elas iriam pirar se ele falasse alguma coisa antes de eu ter a chance de contar para elas.

— Vamos falar sobre isso mais tarde. Tudo bem? — Eu me inclinei e o beijei

uma vez, depois outra, por via das dúvidas. Assim ele saberia que eu não o estava rejeitando.

Ele segurou meu rosto. Rapidamente, virei a cabeça e beijei a palma de sua mão. Seus olhos estavam desconfiados, mas eu podia ver que provavelmente tinha a ver com quem e onde estávamos.

— Tudo bem, linda. Mais tarde. Amanhã. — Sua resposta foi firme e tinha uma ponta de autoridade.

Acordo era acordo.

— Combinado. Agora, Anton, me conte o que tem feito. Seu último álbum arrebentou, por sinal!

— Ah, *Lucita*, esse álbum foi foda. Você gostou da música em que eu dublei a voz de uma garota?

— Muito! E, Heather, como vai a carreira de empresária?

Na última vez em que nos vimos, ela havia acabado de ser promovida. Anton não tinha percebido que estava explorando sua melhor amiga e assistente pessoal. Quando ele estava prestes a perdê-la, ofereceu um aumento para que ela ficasse. Até onde eu sabia, estava tudo ótimo agora.

Antes que ela pudesse responder, Anton se intrometeu, o que não era totalmente incomum para ele, que adorava ser o centro das atenções. Bem adequado à sua profissão de rapper de sucesso também.

— A H é *asombrosa*... como vocês dizem? Incrível! Os shows que ela está negociando, os contratos com marcas de roupa. Fantásticos! Promover essa garota foi a melhor decisão que eu já tomei. Fico feliz de ter pensado nisso.

— Você?! — Heather e eu gritamos ao mesmo tempo e, em seguida, tivemos um ataque de riso.

— Tudo bem, talvez a ideia não tenha sido minha. Mas eu concordei.

Revirei os olhos. Heather sorriu e cruzou os braços.

— Tanto faz, Anton. O que você está preparando para o jantar? — perguntei, me aproximando e esbarrando em seu quadril.

Ele não parou de mexer o molho, que observava como um falcão.

— Ah, a comida preferida da minha família, e minha também. *Arroz con pollo*.

— Reconheci a palavra "arroz", mas o que mais tem?

Ele riu.

— Basicamente arroz com frango.

— Vejo que você está se esforçando bastante — falei, inexpressiva.

Anton afastou meu cabelo do ombro e passou o polegar em minha bochecha.

— Pra você, *Lucita*, o mundo. — Seu tom era sério, mas o brilho nos olhos mostrava diversão.

Eu ri.

— Com frango e arroz?

Suas sobrancelhas se estreitaram.

— Ei, não brinque com isso. Todo mundo adora frango e arroz, *sí*?

— *Sí*, Anton. Wes, quer beber alguma coisa? — Eu me virei e olhei para Weston. Ele estava fuzilando a nuca de Anton, e eu não fazia ideia do motivo. — Wes? — perguntei novamente, até que seus olhos verdes focaram em mim. — Bebida?

Heather se aproximou e abriu o freezer.

— Tenho uma Cristal gelando. Acho que devíamos fazer um brinde agora, em vez de tomar os martínis que eu ia preparar. Com certeza nós temos motivo pra comemorar, já que você vai se casar! Meu Deus! Você está surtando? — ela perguntou enquanto ia até um armário e pegava quatro taças de champanhe.

Inspirei profundamente e deixei toda a tensão sair de meus ombros enquanto segurava minha mão e olhava para o anel.

— Surtando, não. Mais feliz do que pensei que estaria neste momento da minha vida? Com certeza!

Olhei para Wes, e todo o seu corpo pareceu se suavizar. A tensão que ele parecia carregar um minuto antes se esvaiu com minhas palavras. Seus ombros estavam relaxados, e ele apoiou o queixo na palma da mão e o cotovelo no balcão da cozinha, em uma postura casual.

— Que mulher não ficaria louca de felicidade?

Eu me debrucei sobre o balcão e segurei a mão dele. Ele a levantou e beijou a palma. Os arrepios começaram na parte inferior das minhas costas, e eu os segui mentalmente enquanto faziam cócegas pela coluna. Eles se transformaram em ondas de calor quando ele passou o polegar pelo centro da minha palma. Juro que era como um botão de acesso direto ao meu clitóris. No momento em que ele deslizou a unha na carne macia da minha mão, tive que abafar um gemido. Agora não era o momento nem o lugar para isso. Ainda teríamos uma noite inteira pela frente antes que pudéssemos nos perder um no outro mais uma vez. E era o que faríamos. Ah, sim, com certeza.

Decidi ali mesmo que deixaria meu namorado tão duro que ele perderia a cabeça de tesão antes mesmo de me levar de volta para o hotel.

Entrando no jogo, segurei sua mão e puxei seu braço. Então, passei o dedo na

parte interna do antebraço, do cotovelo até o pulso, onde tracei várias vezes um padrão em forma de oito. Seus olhos brilharam e ele sorriu, mostrando os dentes brancos e os lábios deslumbrantes, que eu nunca me cansava de beijar. Por um momento me preocupei: meu plano secreto de seduzi-lo e deixá-lo louco de desejo poderia se voltar contra mim. Meu namorado era rápido no gatilho. Dei a volta no balcão da cozinha e parei ao lado dele. Ele me reivindicou no mesmo instante.

Heather serviu o champanhe ridiculamente caro.

— Vem, Anton. Baixe o fogo e venha aqui — ela insistiu.

Anton virou alguns botões, girou na ponta dos pés, como se estivesse em um clipe do Michael Jackson, inclinou o corpo para trás, estendeu o pé e deslizou até ela.

— Exibido — tossi.

Naquele momento, Wes começou a rir. Meu namorado estava finalmente relaxando, mas acho que, em primeiro lugar, tinha muito a ver com o fato de eu estar usando a aliança; em segundo, com o fato de eu estar presa a seu lado; e, em terceiro, com o fato de Anton ser um completo palhaço. Sexy pra caramba, mas ainda assim um palhaço. A primeira parte eu nunca admitiria, nem mesmo sob extrema pressão, pois Wes perderia a cabeça. Se as fãs do Anton soubessem quão fofo ele era, ainda o amariam, porque sua música era perfeita e ele era absolutamente gostoso, mas o fato de ser um palhaço talvez o fizesse conseguir algumas garotas legais. Eu esperava que sim.

Anton levantou a taça, e todos nós o imitamos.

— À *Lucita* e ao seu *hombre*. Que vocês brilhem tanto quanto o sol e compartilhem muitos dias perdidos de amor. *Salud.*

Abri um sorriso enorme, e, pela primeira vez, Wes realmente sorriu para Anton e assentiu. Anton olhou para meu namorado e depois para mim, inclinou o queixo e bebeu a taça inteira de uma só vez. Terminou com um caloroso:

— *Segunda ronda.*

Wes apertou meu ombro, e eu olhei para ele.

— Estou contente de estarmos aqui — admitiu.

Fechei os olhos, inspirei e encostei a testa em seu pescoço.

— Eu também. Eles são bons amigos e só querem o melhor pra mim. Que. É. Você — cutuquei sua bochecha com o nariz a cada palavra.

Wes pegou meu rosto e deu um selinho em meus lábios.

— Eu sei disso. A minha cabeça ainda está... você sabe... contaminada — ele falou tão baixo que só eu pude ouvir. Não importava, porque, depois do nosso

brinde, Anton retornou para a cozinha e Heather voltou a encher as taças. Em seguida, se afastou para colocar uma música para tocar.

— Não. — Acariciei sua têmpora. — Mande as preocupações embora. Nunca vai haver outro. Eu juro.

Ele assentiu e se inclinou perto o suficiente para que eu pudesse sentir sua respiração em meus lábios. Eu quase podia saborear as notas do champanhe em seu hálito.

— E eu vou garantir isso — ele sussurrou em minha boca antes de tomar meus lábios num beijo profundo, molhado, muito mais intenso do que era apropriado para o lugar.

Terminamos o beijo ao som de aplausos e gritos dos nossos espectadores do outro lado do balcão. A noite seria longa.

2



— Não! Não toque nela. Gina! Gina!

Acordei com a voz alta de Wes. Ele estava chamando por Gina. Esfreguei os olhos, tentando afastar o sono, as muitas taças de champanhe e os martínis em abundância, e me sentei.

Ao meu lado, Wes se revirava na cama. O lençol estava retorcido ao redor de seu corpo, e a testa, pontilhada de suor. Até seu peito brilhava com a transpiração, refletindo a luz da lua, que entrava através das janelas. Ele devia estar nas garras desse pesadelo há muito mais tempo que o usual. Normalmente eu conseguia colocar a mão em seu braço ou peito e ele se acalmava, às vezes acordava, às vezes não. Fazia dias que ele não tinha um pesadelo. Quase uma semana. As coisas estavam indo muito bem na terapia. Porém, ao deixarmos Malibu para vir a Nova York, ele perdera a sessão da semana anterior.

Por um segundo, me amaldiçoei por ser tão egoísta. Eu quis que ele viesse comigo nessa missão em Nova York, quando provavelmente ele precisava do conforto e da segurança de casa para continuar o processo de cura. Haviam se passado apenas cinco semanas desde o sequestro. Não era tempo suficiente para deixar o único lugar que o fazia se sentir seguro. *Merda!*

Levantei da cama assim que ele gritou novamente.

— Gina... não. Não, ah, meu Deus. Mia! Mia! Essa é a minha mulher! Tire essas mãos sujas de cima dela! — ele gritou, seu corpo arqueando no que parecia uma meia-lua extremamente dolorosa.

Acendendo as luzes, eu o chamei:

— Wes! Por favor, volta pra mim! — Eu não queria correr o risco de tocá-lo com ele tão transtornado. Na única vez em que fiz isso, ele deu um tranco com o braço e me atingiu com o cotovelo na costela, me deixando com uma contusão que o fez se sentir pior do que eu. Desde então, eu não o tocava tentando acordá-lo.

— Se você encostar na Mia... eu vou te matar. Eu vou te matar! Ela é minha! — ele gritou.

Pegando a garrafa de água do meu lado da cama, abri a tampa, fiz uma oração para o cara lá de cima e derramei um pouco no peito de Wes.

Seu corpo tremia e seus braços balançavam em direções opostas. Eu estava preparada para isso e apenas saí do caminho a tempo de evitar um golpe seu.

— Mia! — Suas pupilas estavam dilatadas, e os lábios arreganhados, mostrando os dentes. — Você está bem? — ele grunhiu. Eu não tinha certeza se era porque ele estava com raiva de mim, ainda preso no pesadelo ou se realmente queria saber.

Umedeci os lábios e afastei o cabelo do rosto.

— Estou bem. Você me ama? — Fiz a mesma pergunta que fazia a cada vez que ele tinha um desses sonhos.

— Mais que qualquer coisa no mundo. — A resposta foi instantânea.

Ele se moveu para levantar, mas eu estendi a mão. Ainda não tinha certeza de quem era aquela pessoa. O meu Wes. O Wes do cativeiro. O Wes vítima. Ou o Wes perigoso, com raiva.

— Quem sou eu? — perguntei, tentando me certificar de que ele não estava mais mergulhado no pesadelo.

— Mia Saunders, em breve Mia Channing. — Suas palavras eram suaves, embora tensas, como se falar doesse.

Sorri um pouco ao ouvir meu nome combinado com o sobrenome dele.

— Soa bem.

— Com certeza. Venha aqui. — Seus olhos estavam voltando ao tom de verde brilhante pelo qual eu me apaixonara meses antes, mas eu ainda estava desconfiada.

— Por que você me ama?

Ele sorriu, coçou o queixo e deixou a mão cair sobre o lençol.

— Porque eu não sou eu mesmo sem você. E não quero nunca mais ser eu mesmo sem você.

Fechei os olhos e engatinhei sobre a cama, diretamente para o seu colo.

— Baby — segurei seu rosto —, me diz o que aconteceu.

— Depois — ele sussurrou, antes de passar o braço ao meu redor e sugar meu mamilo através da camisola de seda.

Wes adorava me ver de lingerie. O que foi uma surpresa. Ele parecia ser o tipo de homem que a preferia no chão, porque normalmente a tirava quase tão rápido quanto eu a colocava. Arqueei com seu beijo ardente, amando a forma como a seda roçava contra o bico junto com seu toque. Divino.

Sem avisar, ele encontrou a barra da camisola, que estava enrolada em meus quadris, e a puxou sobre minha cabeça para ter acesso livre aos meus seios. Eles estavam inchados e doloridos de necessidade, enquanto Wes alimentava meu desejo com longas lambidas, sugando com força ao mesmo tempo em que os mordiscava. Ele acariciou cada pico em chamas até que ambos estivessem vermelhos e redondos como cerejas.

— Eu amo os seus seios. — Girou a língua ao redor de um.

— E eles te amam — ofeguei, querendo mais, precisando de muito mais.

Rebolando, me esfreguei contra sua virilidade, que cresceu orgulhosamente entre minhas coxas. Wes estava nu embaixo de mim. Quando terminamos de fazer amor depois do jantar com Anton e Heather, ele não se preocupou em vestir a cueca. Apenas rolou ao meu lado quando coloquei a camisola — sem calcinha — e pulei de volta para a cama com ele. Wes enganchou uma perna sobre a minha.

— Me leve pra dentro, linda. Eu quero você em volta de mim.

Não havia palavras melhores que essas.

— Com prazer — sussurrei em seus lábios, sugando o inferior enquanto ficava de joelhos e segurava seu pau longo e grosso, direcionando-o para minha entrada.

Fechando os olhos, eu o levei para dentro de mim, curtindo o momento enquanto cada centímetro de sua ereção esticava ao máximo meus tecidos mais sensíveis. Uma vez que eu estava sentada, com seu pau profundamente dentro de mim, nós suspiramos. Foi um daqueles suspiros que fazem desaparecer tudo o que aconteceu antes. Vida, sonhos ruins, todas as coisas que ainda tínhamos de fazer durante o dia que estava por vir. Tudo se foi. Desapareceu no instante em que nossos corpos se uniram. Puro êxtase.

Com as mãos em meus quadris, eu o deixei me mover para cima e para baixo, no ritmo que ele estabeleceu. Com Wes, todas as vezes eram incríveis. Não havia absolutamente nada como o prazer que eu sentia quando ele estava fundo dentro de mim. Eu nunca superaria isso. Sabia que, não importava o que o futuro nos reservasse, eu morreria querendo estar apenas com esse homem pelo resto da vida.

Seguindo seu ritmo, eu me movi um pouco mais rápido. Subindo devagar e descendo com força, grunhindo, até que ele começou a acelerar os movimentos. A cada estocada, era como se seu pau estivesse penetrando diretamente a minha alma.

— Tão fundo... — gemi e tomei seus lábios em um beijo escaldante.

Ele gemeu em minha boca enquanto nossos corpos se contorciam um contra o outro.

— Eu preciso te foder com força, Mia. Espantar os demônios... — Ele fechou os

olhos, os dedos cravados em meus quadris.

— Vamos perseguir esses demônios, baby. — Eu me levantei um pouco e apertei meus músculos internos, para que ele não tivesse escolha a não ser prestar atenção na mulher nua sentada em seu colo e ao redor de seu pau.

— Cacete... Você é boa demais pra mim — ele falou, enquanto deslizava as mãos em minhas costas e segurava meus ombros.

Ah, merda. Sempre que ele segurava meus ombros, eu sabia que estava se preparando para usar o máximo de impulso. Eu andaria engraçado no dia seguinte, mas o orgasmo que estava prestes a vir balançaria o meu mundo. Como eu suspeitava, no momento em que me ergui, ele me puxou para baixo com força e meteu fundo em mim. Gritei, me sentindo dividida ao meio por seu pau grosso, me penetrando profundamente. Ele bombeava, entrando e saindo, pegando tudo o que precisava para lutar contra os demônios que o atormentavam. E eu estava lá com ele. Cada impulso e estocada, cada respiração que saía da nossa boca traziam meu homem de volta para mim, de volta para o aqui e agora. Para o lugar onde o amor reinava, e os demônios poderiam voltar para morrer em seus buracos.

Meu corpo se apertou ao mesmo tempo em que os impulsos de Wes se tornaram mais insistentes. Seus dentes estavam cerrados, os olhos fechados com força. Eu não o deixaria cair no abismo sem estar lá com ele.

— Wes... — falei, em tom de aviso.

Ele me penetrava implacavelmente, nos levando ao ápice. Cada nervo e cada neurônio estavam vivos em meu corpo, despertos, prontos para pegar fogo, mas eu precisava dele lá comigo. Sempre comigo.

— Wes, baby. — Minha voz estava fraca, perdida na névoa de desejo extremo. Eu estava sendo atingida por uma onda de prazer tão grande que me engoliria por inteiro, mas eu o queria lá também. — Wes... — Sufoquei um soluço com a sensação estilhaçante de cavalgar em seu pau, que estava prestes a me levar além da capacidade de resistir.

Finalmente, finalmente, ele abriu os olhos. As esferas verdes ardentes de luxúria olharam para mim, e ele rosnou uma única palavra:

— Goze.

Pela primeira vez, aquela palavra foi o que bastou. Disparei como um foguete em órbita, prendendo meu corpo ao redor do seu enquanto ele me penetrava mais algumas vezes. E, juntos, encontramos o nirvana.

Seus gritos se misturaram aos meus, e eu *soube* que ficaríamos bem. Enquanto pudéssemos resgatar um ao outro do inferno, nós sempre teríamos isso.

Depois de alguns segundos, caí de volta na cama, esgotada e querendo saber o que tinha acontecido. A terapeuta disse que Wes precisava trabalhar essas questões, ou elas se agravariam — e os pesadelos poderiam piorar.

Encaixando meu corpo sobre o dele, apoiei o queixo nas mãos, que estavam sobre seu coração.

— Então... o que aconteceu no sonho?

Ele suspirou e passou a mão pelas camadas indisciplinadas de cabelo loiro-escuro. A aparência de quem acabou de acordar o deixava maravilhoso. Se ele não tivesse acabado de me conduzir num passeio de montanha-russa, eu estaria pronta para montar nele de novo. Infelizmente, a ardência e a sensação dolorida entre minhas pernas confirmavam que meu centro de prazer precisava de uma folga.

— Eu não quero essa merda na sua cabeça, Mia. Cacete, eu não quero essa merda nem na *minha* cabeça, muito menos que você se preocupe com isso.

— Foi um flashback? — Eu sabia que ele os tinha com bastante regularidade.

Ele negou, fez uma pausa e mordeu o lábio, pensativo.

— Mais ou menos, eu acho. Eu estava lá na cabana, mas as coisas estavam diferentes. No início eles pegaram a Gina, como realmente aconteceu.

Estremeci, sabendo exatamente o que os terroristas tinham feito com sua ex. Ser estuprada repetidamente não doía apenas nela. Wes tinha sido forçado a ver aquilo acontecer dia após dia.

— E o que mudou? — perguntei suavemente, sem querer demovê-lo de compartilhar aquilo.

Ele inspirou, piscou algumas vezes e passou a mão nas mechas de cabelo que tinham caído no meu rosto. Por alguns segundos, acariciou os fios entre os dedos.

— Ela se transformou em você — Wes finalmente disse.

— Como assim?

Suas sobrancelhas se franziram, mas ele continuou brincando com meu cabelo. Seu olhar estava concentrado em meu rosto, analisando minhas feições com uma intensidade que nunca tinha demonstrado antes.

— O cabelo era diferente no início. Era o cabelo escuro da Gina, não preto e sedoso como o seu. — Ele franziu a testa. — Depois, tinha os lábios. — Com um dedo, ele traçou minha boca. Respondi beijando a ponta do seu dedo. — O nariz se

alongou diante dos meus olhos. — Ele passou o mesmo dedo por minha testa até a ponta do nariz. — Mas eu ainda não acreditava... — Sua voz ficou rouca, como se ele tivesse feito gargarejo com um punhado de pedras.

— Não acreditava em quê?

— Eu sabia que era ela, até que os olhos azuis viraram verde-claros. Olhos que eu só vi em uma pessoa... você.

— Ah, Wes... Meu Deus... — Engoli a emoção que obstruía minha garganta. — Não era eu.

Ele fechou os olhos e apontou para o coração.

— Eu sei disso aqui, mas aqui — apontou para a têmpora — os detalhes se misturam às vezes. E hoje foi pior. Num minuto estava acontecendo como em uma daquelas noites em que eles pegaram a Gina, mas depois ela se transformou em você. E, Mia... eu não teria sobrevivido se tivesse visto isso acontecer com você. Eu mal consigo lidar com o fato de ter presenciado essa crueldade com alguém de quem eu gosto, mas você? Meu Deus... Só pensar nisso já está me matando.

Segurei seu rosto.

— Wes. Eu estou bem aqui. Nunca estive lá. Você sobreviveu a uma coisa horrível. Presenciou uma das piores coisas que podem acontecer com alguém de quem você gosta. Mas não era eu. Eu queria que tivesse alguma forma de arrancar essas lembranças de você durante a noite. Afastar você daquele lugar, dessa linha de pensamento.

Wes cruzou as mãos em minhas costas nuas.

— Você está conseguindo. Isso que você está fazendo. A maneira como tem me ajudado durante a noite. Está melhorando. Eu juro que está.

Lágrimas se formaram em meus olhos.

— Então arrastar você pra cá não te fez piorar?

Ele sorriu, levantou a cabeça e me puxou contra seu peito, até tocar o nariz no meu. Depois me beijou longa e lentamente, de forma muito profunda. Sua mão segurou minha nuca, para me manter à sua mercê.

Mordiscando meus lábios, ele moveu o rosto alguns centímetros para trás.

— Você é a única coisa que me mantém são. Sem você, sem o nosso amor, eu teria seguido por um caminho muito ruim. Você, Mia, me dá uma razão pra continuar, uma razão pra viver. Você me dá esperança no que está por vir. Estar com você não é uma dificuldade. Eu não teria vindo se achasse que ficar longe de você era uma boa ideia.

Aconcheguei-me em seu peito e beijei a pele sobre seu coração.

— E, se você não tivesse vindo, eu não teria este anel brilhante no dedo. — Mexi a mão direita para que pudéssemos ver os diamantes brilhando ao luar. Ele era espetacular e me deixava sem fôlego cada vez que eu olhava para o design clean. O estilo era a minha cara e provava que meu namorado me conhecia muito bem.

Ele bufou.

— Não pense nem por um minuto que eu não faria o pedido na primeira chance que tivesse. Eu comprei esse anel logo depois que fui embora de Miami.

— Miami? Mas isso foi há meses!

Ele riu.

— Sim. Não sei se você se lembra, mas nós tivemos pouco tempo antes de você ir para o Texas... E depois eu viajei a trabalho. A viagem do inferno.

Eu me encolhi.

— Depois disso, eu precisava me curar. Não queria que você achasse que eu estava te pedindo em casamento pelo trauma, por estar deprimido, ou que eu estava tentando juntar os cacos da minha vida de forma apressada. Eu queria que você soubesse que eu estava pronto, pronto de verdade pra me comprometer com você e com a nossa vida juntos.

— Eu te amo, Weston Charles Channing Terceiro — falei e sorri.

— Terceiro — ele murmurou, zombando de mim.

Então eu lhe dei algo para ocupar a boca, cobrindo-a com a minha.



O telefone tocou três vezes antes que ela atendesse com um ofegante "alô".

— Gin, o que está acontecendo? Por que você está sem ar? — Olhei para o relógio e vi que eram onze da manhã, oito na Califórnia.

Wes e eu ficaríamos no hotel hoje, descansando, vendo filmes e pedindo comida no quarto. Tínhamos programado uma massagem em casal no spa do hotel em uma hora, mas achei que agora era um momento tão bom quanto qualquer outro para dar a notícia para as minhas garotas. Já tinha ligado para Maddy, que ficou em êxtase e falou sem parar sobre fazermos um casamento duplo quando ela se formasse. Concordar era a única opção quando se lidava com uma Maddy muito animada. Entretanto, não contei a ela que Wes queria se casar no primeiro dia do novo ano. Isso era algo que eu queria contar pessoalmente, com bebidas — e mais do que algumas.

— Hum, por nada. Ahhh, hum... hummm. Para com isso — ela disse pelo telefone, mas eu duvidava que estivesse falando comigo.

— Ah, sua vadia. Você está com um homem aí! — Eu ri ao telefone e estalei a língua. Ela me encheria o saco se os papéis estivessem invertidos.

— Hã? Não. Não tem homem nenhum. Eu? Imagina — ela exagerou. — Puta merda... bem aí — ela sussurrou de um jeito que eu podia dizer que o telefone estava longe de sua boca, mas não o suficiente para que eu não ouvisse suas palavras.

— Ele está te comendo neste momento? — *Blergh.* Tem algumas coisas que não se deseja compartilhar nem com a sua melhor amiga. Essa era uma daquelas coisas.

— Mia, agora é um mau momento. Muito... muito... mau... — A voz dela sumiu.

— É mesmo? Tudo bem. Bom, eu só queria te contar que o Wes me pediu em casamento. Eu vou me casar no dia 1º de janeiro, em local a ser definido. Aproveite a sua trepada.

Apertei o botão de desligar e fiz a contagem regressiva, esperando.

Cinco.

Quatro.

Três.

Dois.

O telefone tocou na minha mão. "Vagaba Sem-Vergonha" apareceu na tela. Deixei tocar quatro vezes, só para irritá-la.

— Terminou tão rápido assim de transar com o cara que você estava fingindo que não estava aí? Deve ser ruim de cama. — Eu me apressei em lhe dar uma dose do seu próprio veneno.

Sua respiração estava ofegante, mas percebi, pelos sons, que ela estava andando pela casa de hóspedes.

— Você me ligou, lembra? Às oito horas da maldita manhã de um dia de semana, enquanto a minha pepeca estava sendo chupada pela primeira vez em meses, e jogou uma bomba em cima de mim. Você é foda, Mia. Sabia? — ela perguntou, em um tom irritado. — Se você soubesse como é foda... você diria... puta merda, eu sou foda!

Dei risada, caindo de costas na cama, e olhei para meu anel de brilhantes à luz do sol. Magnífico. Eu não conseguia parar de olhar para ele.

— Terminou de reclamar?

Ginelle gemeu.

— Bom, agora que eu perdi um orgasmo de fazer a terra tremer porque a vadia

da minha amiga jogou uma bomba no meu palácio do prazer, sim, terminei. Comece do início e me conte tudo. Se você deixar um único detalhe de fora, vou trocar o xampu do seu banheiro por creme de depilar. Vamos ver se o Wes vai gostar de ter uma noiva careca.

Rindo, contei a história de como ele fez o pedido. Eu tinha poupado Maddy dos detalhes sobre termos acabado de transar loucamente, mas não faria o mesmo com Gin. Minha melhor amiga adorava esse tipo de história.

— Uau. O Wes é mesmo pra casar. Então vocês vão subir ao altar no primeiro dia do ano?

Dei de ombros, embora ela não pudesse ver.

— Não tenho certeza. Ele parece bem determinado. Acho que a data não importa muito pra mim. O Wes, por outro lado, enfiou na cabeça que vamos começar o próximo ano como sr. e sra. Channing. O que é bem engraçado, porque, quando a gente se conheceu, em janeiro, a mentalidade dele era exatamente oposta.

— Assim como a sua — ela acrescentou, amável.

— Tem razão. Parece que se passaram anos desde aquela época, e na verdade foram só dez meses. Você acha que eu estou louca de dar esse passo com ele?

— Espera um pouco. — Eu podia ouvi-la andando em sua pequena casa em Malibu. Uma porta se abriu e fechou novamente, e eu ouvi ao fundo as ondas do mar. Ela provavelmente estava no pátio com vista para o Pacífico.

Eu tinha viajado havia apenas dois dias, mas já estava com saudade de casa. Era impressionante como, em tão pouco tempo, a minimansão de Wes se tornou um lar para mim.

— Olha, Mia, você sabe que eu não sou nenhuma expert em amor, mas sou especialista em você. Você já teve alguns homens de merda no passado.

— *Aff*. Nem me lembra.

— Não, eu tenho que lembrar, porque isso é parte do que faz você ser quem é hoje. Além do babaca do Blaine, teve alguns outros por quem você se apaixonou e que partiram o seu coração.

— Verdade — concordei e observei minhas unhas, me concentrando em uma com a ponta irregular.

— Mas nenhum deles destruiu você. O Wes ter sumido na Indonésia... *Isso* te destruiu.

Só a lembrança daquele tempo, a dor inacreditável e a enorme saudade que senti, sem saber onde ele estava ou se voltaria para casa... Era um momento da minha vida que eu nunca mais queria reviver.

— É... — consegui dizer baixinho.

Ginelle inspirou lentamente. Achei que ela pudesse estar fumando, mas não tive coragem de chamar sua atenção naquele momento.

— Você consegue se imaginar sem ele? Ou melhor, consegue se imaginar com outra pessoa?

— De jeito nenhum — falei instantaneamente. E isso estava sendo dito por uma mulher que amava o amor, mesmo tendo se dado mal tantas vezes no passado. Por outro lado, eu gostava de sexo casual tanto quanto qualquer um, mas nada nunca, jamais poderia tomar o lugar de Wes para mim. — Ele é onde tudo começa e termina, Gin.

— Eu acho que você já tem a sua resposta.

— Você me apoia? — Esperei, prendendo a respiração. Eu não tinha necessidade da aprovação de Ginelle, mas, como ela mesma disse, ela me conhecia bem. *Muito* bem. E não teria nenhum problema em dizer que eu estava prestes a cometer um erro colossal se acreditasse nisso.

— Amiga, eu te apoio em tudo que você fizer. Nem sempre vou gostar, mas sempre vou te apoiar. Mas com o Wes... ele *é* o seu começo e o seu fim. Eu vejo isso em você e, mais importante, Mia, eu vejo isso nos olhos *dele*, toda vez que ele te olha quando pensa que ninguém está prestando atenção. Ele está mais do que apaixonado. O sol, a lua, as estrelas... a *Terra* gira pra ele só por sua causa.

— Obrigada, Gin. Significa muito ouvir isso.

— Sabe o que significa muito? — Ah, sim. A ironia estava de volta.

— O quê?

— Um orgasmo interrompido. O Tao vai ter que me deixar aquecida de novo. Se bem que, com o pedaço de mau caminho que é aquele deus samoano, as comportas se abrem totalmente. — Ela fez um som como se estivesse lambendo os lábios.

— Puta merda! Você está pegando o Tao, irmão do Tai? Como? Quando?

Ela riu.

— A gente estava se falando desde maio. Ele sabia que você ia viajar e tirou uma folga. Vai passar duas semanas comigo no continente, tomando sol na areia da praia. Imagino que nós vamos ter que sair do quarto pra aproveitar o sol.

— Sua vadia!

— Eu sei! Estou tão empolgada. Menina... ele me faz ver deuses havaianos do fogo cada vez que...

— Chega! — Balancei a cabeça. — Por favor, me poupe dos detalhes.

— Ah, assim não tem graça!

— Volte pro seu homem. Cai matando em cima do deus samoano. — Olhei ao redor do quarto e ouvi o chuveiro. Ele ainda estava lá. Ótimo. — Eu sei por experiência própria. Ele vai te deixar louca.

— Acho que eu precisaria ser normal pra isso acontecer, mas eu te entendo. Eu te entendo, amiga! — Ela repetiu as palavras para dar ênfase.

— *Touché!* Divirta-se! — Eu ri e dancei ao redor do quarto, animada, porque a minha melhor amiga estava com um cara ótimo, de uma família incrível.

— Ah, deixa comigo. Deixa comigo, maninha. Eu amo essa sua cara feia. — E desligou antes que eu pudesse retrucar.

Droga! Ela tinha ganhado mais uma vez.

3



Wes e eu entramos no lobby para encontrar Mason e Rachel para o almoço. No segundo em que pisei ao lado da coluna alta de mármore na entrada do saguão, vi o corpo grande de Mason com o braço jogado de forma casual sobre os ombros de sua namorada.

Ele se virou, e seus olhos encontraram os meus. Abri um sorriso enorme. Meu coração bateu forte no peito. A última vez que o vira, ele estava cuidando de mim em um hotel depois de eu ter sido atacada pelo senador da Califórnia.

Parei no meio do caminho, mas Mason não. Ele praticamente correu em minha direção. Jogou os braços ao meu redor, me levantou e me girou no ar. Encolhi as pernas, preocupada com a possibilidade de atingir alguém. Finalmente ele parou, me pôs no chão, segurou meu rosto e beijou minha testa.

— Como você está linda, Mia. Me deixe dar uma boa olhada. — Aquele sotaque... Havia alguma coisa nos caras de Boston que podia deixar uma garota toda animadinha. Ele me analisou da cabeça aos pés. Como de costume, eu não estava vestida como uma fashionista, mas tinha feito um esforço para estar bonita. Especialmente para meu namorado. Eu estava usando jeans escuro, uma blusa de tricô verde justa, botas de camurça marrom de salto alto, um lenço no pescoço com redemoinhos coloridos e jaqueta de couro marrom. — Sim, você está gata demais!

Empurrei seu ombro. Neste momento, Rachel se aproximou.

— Mia, que bom te ver! Ouvi a semana inteira o Mace dizer como estava animado para te encontrar e conhecer o seu namorado. — Ela riu de um jeito doce e eu a puxei para um abraço.

— Rach, que bom ver vocês também. Principalmente nestas circunstâncias. — Eu me afastei e tirei seu cabelo loiro do ombro. — Você está maravilhosa. O amor combina com você.

Seu sorriso era enorme quando Mace passou um braço em volta dos seus ombros e beijou sua têmpora.

— Combina mesmo — ele concordou.

Wes não interrompeu nossos cumprimentos, mas eu sentia seu calor em minhas costas, muito perto. Inclinei-me para trás e, sem me preocupar em perder o equilíbrio, me recostei nele. Assim como eu suspeitava, ele estava bem ali, esperando para me dar a mão ou me apoiar. Sorri e olhei para cima quando passei o braço em volta de sua cintura. Ele retribuiu o sorriso e piscou. Senhor, eu adorava quando ele piscava para mim. Era como se fosse a nossa linguagem particular. Como se uma piscadela dissesse: *Sim, você sabe que eu estou aqui com você e sempre vou estar.*

— Mason Murphy, Rachel Denton, este é o meu namorado, Weston Channing.

Wes estendeu a mão para apertar primeiro a de Mason e, em seguida, a de Rachel.

— Mais uma vez, Mia, eu acho que você quis dizer *seu noivo*. — Ele inclinou a cabeça e esfregou o nariz em minha testa antes de depositar um beijo lá.

Os olhos de Rachel se arregalaram, brilhantes como os faróis de um carro na calada da noite.

— Você vai se casar?! — ela gritou.

Ergui os ombros.

— Vou!

Ela deu pulinhos, tirou a luva e me mostrou a mão direita.

— Eu também!

Abri a boca para dizer algo, mas estava tão dominada pela emoção e alegria que também comecei a pular, como se fôssemos crianças de cinco anos que tinham acabado de descobrir que viajariam para a Disney. Nós nos abraçamos, demos gritinhos e pulamos até ficar sem fôlego.

— Me deixe ver a sua aliança! — ela praticamente gritou. Estendi a mão. — Maravilhosa. — Ela girou um pouco meu dedo. — Discreta e não cheia de ostentação, como algumas pessoas que eu conheço. — Revirou os olhos e olhou para Mason, que estufou o peito e sorriu.

— Me deixe ver a sua.

— Não tem como não ver — ela disse secamente, mas segurando um sorriso animado. Estendeu a mão direita, e o brilho em seu dedo quase me cegou. Era enorme.

— Puta merda, quantos quilates tem isso? — perguntei com admiração, observando o diamante gigantesco de corte quadrado que recobria seu dedo.

— A pedra central tem quatro, mais um quilate de cada lado. No total, são seis. — A resposta convencida de Mason me levou de volta ao momento em que nos conhecemos e ele agiu como um grande babaca.

Apertei os lábios, coloquei a mão no quadril e olhei para ele de lado.

— Que foi? O que eu posso fazer? O beisebol tem sido bom pra mim, mas não tão bom quanto a minha garota. — Ele puxou Rachel para o seu lado. — Você merece mais.

— Eu só queria o homem — ela resmungou, mas eu sabia que não se importava. Rachel não era o tipo de mulher que se preocupa com essas coisas. Claro, ela se vestia incrivelmente bem, era perfeita em manter Mace na linha e sabia lidar com os amigos ricos dele, mas no fundo era uma garota comum, que só queria o seu homem.

Wes colocou um braço no meu ombro e se inclinou, colando os lábios no meu ouvido. Sua respiração fazendo cócegas nos meus cabelos enviou uma onda de desejo pela minha coluna. Nós tínhamos acabado de transar e eu já estava ansiosa por mais. Será que seria sempre assim? Eu esperava que sim.

— Mia, se você quiser um diamante grandão, eu vou ficar mais do que feliz em te dar um. Só não achei que você... — Eu o cortei, me virando, segurando seu rosto e grudando meus lábios nos dele.

O grunhido de surpresa foi um convite para minha língua mergulhar em sua boca. Depois de beijá-lo, me afastei e encarei seus olhos verdes.

— Eu amo o meu anel mais do que qualquer outra coisa que eu tenho. Ainda mais do que a Suzi. Quer dizer, até você me dar uma Ducati, ou talvez uma MV Agusta FCC, mas essa deve custar uns cento e quarenta mil, o que é loucura. Se bem que a Ducati custa uns quarenta mil, o que ainda é muito dinheiro...

Wes colocou dois dedos sobre a minha boca e sorriu feito um louco.

— A minha garota tem a oportunidade de ganhar um anel de meio milhão de dólares e, em vez disso, prefere uma moto esportiva. Caramba, você é mesmo a mulher perfeita.

— Perfeita pra você! — Beijei seus lábios e senti a menta de sua pasta de dente. *Humm*.

— Muito bem, beijoqueiros. — Mace riu, rompendo nosso momento. — Eu e a minha garota estamos morrendo de fome. Alguma ideia de onde podemos ir almoçar? De preferência hoje ainda?

Estreitei os olhos e o encarei.

— Sinto muito, garotinho, estou beijando o meu noivo. Algum problema?

Mason levantou as mãos, fingindo irritação.

— Que seja. Vem, Rach. Vamos encontrar um lugar onde comer!



Curiosamente, depois que Wes e Mace começaram a falar de esportes, vi a tensão deixar os ombros do meu namorado com facilidade. Antes de nos encontrarmos com Mason, ele me perguntou se eu tinha ido para a cama com ele. Quando eu disse que não, ele pareceu aliviado, mas ainda cauteloso. Alguma coisa nesse seu novo lado ciumento não parecia certa para mim. Eu precisaria discutir isso com Anita, a terapeuta de Wes, quando voltássemos a Malibu. Havia uma série de características incríveis em meu futuro marido, mas o ciúme definitivamente não era uma delas.

Achei que podia ser porque agora nós tínhamos "oficializado" a relação e talvez ele achasse que tinha algum direito sobre mim. Eu realmente não sabia. Só sabia que, a cada gesto de carinho que Mace fazia para Rachel, meu namorado relaxava um pouco mais, como se cada toque fosse uma garantia de que ele não tinha nada com que se preocupar. No entanto, a verdade era que ele não tinha nada com que se preocupar porque eu tinha me comprometido com ele e só ele. Ele precisava confiar em mim.

Esse pensamento me fez imaginar por que ele queria casar tão rápido. Por que a pressa? Se o ciúme fosse o motivo, eu colocaria um ponto-final nisso bem rápido.

— Quando vocês estão planejando se casar? — perguntei a Rachel.

Seus olhos brilharam e ela se inclinou para a frente sobre a bancada. Tínhamos encontrado um pub perto do hotel que estava aquecido, tinha sidra e uma infinidade de cervejas importadas, o que interessava aos caras, além de um cardápio decente.

— Estamos pensando no final do ano que vem. A temporada de beisebol costuma terminar no início de outubro, então provavelmente vai ser logo depois disso. Talvez na terceira ou quarta semana de outubro, né, amor? — Ela cutucou Mace no ombro.

Ele mordeu um anel de cebola enorme, do tamanho da palma da mão.

— Sim. O dia que você decidir. Eu vou estar lá, vestindo o que você escolher.

Pelo jeito, seu único plano era não planejar nada para o próprio casamento. *Planejamento. Argh.* Essa era a última coisa no mundo que eu queria fazer.

Rachel revirou os olhos.

— Vai ser enorme. Nós temos muitos parentes, e, claro, tem todos os membros do time e muitos jogadores de outras equipes com quem ele tem amizade. Na última contagem, eram cerca de quatrocentos e cinquenta.

— Quatrocentos e cinquenta o quê?

— Convidados.

— Meu Deus! Acho que eu nem conheço tanta gente assim.

Rachel deu de ombros.

— Faz parte do mercado em que nós estamos. Quanto mais, melhor, aliás. Vai ser incrível. Eu estou planejando tudo sozinha. Por falar nisso, vou conferir o calendário. — Ela clicou em algumas coisas em um dispositivo portátil que tirou da bolsa. Não era um celular, e era menor que um laptop. Imaginei que fosse um iPad. — Ok, que data você está pensando? Vamos torcer para que o Mace não tenha jogo, mas, infelizmente, não podemos prometer nada. — Ela fez beicinho, parecendo realmente lamentar.

— Ah, bom, nós ainda não decidimos — tentei, mas Wes não deixaria quieto.

— Desculpe, Rachel. Você perguntou a data do nosso casamento?

Ela o encarou.

— Sim.

— Primeiro de janeiro, dia de Ano-Novo — ele disse, com absoluta confiança.

Mace assobiou.

— Uau, está perto. Está com tudo pronto, gata?

Os olhos de Wes se estreitaram para Mason por causa da forma carinhosa de tratamento.

Suspirei.

— O Wes quer casar no dia 1º de janeiro, mas eu ainda não concordei.

Ele balançou a cabeça.

— Não é verdade. Você concordou, sim.

— Eu preciso lembrar que perguntas feitas no meio de um orgasmo não devem ser levadas em conta?

Mason caiu na gargalhada, batendo na mesa algumas vezes. Até Rachel riu, mas disfarçou com a mão.

Wes sorriu.

— Linda, você sabe que eu vou vencer esta batalha, mas você também vai sair como vencedora. Nós devíamos começar a planejar. A minha mãe vai querer fazer algo grande, e sete semanas é pouco tempo.

— Sete semanas... — Engoli em seco, percebendo como estava próximo. — Fazer algo grande? — Fazer algo grande não era nada do que eu queria. De jeito nenhum. Sem chance.

— Ah, não. Parece que a Mia vai vomitar. Gata, você está bem? — perguntou Mace, mas os alarmes em minha mente continuaram gritando: *Perigo... Perigo... Perigo*.

De repente, comecei a sentir muito calor e puxei o lenço do pescoço.

— Quente. Não está muito quente aqui? — perguntei ao grupo, tentando puxar mais ar. Meu coração começou a bater tão forte que esfreguei o peito. Era como se ele estivesse espremido, como se um caminhão estivesse sobre mim, prestes a quebrar minhas costelas e a roubar cada milímetro de ar que eu conseguia inalar. Parecia que eu estava respirando através de um canudinho; apenas pequenas porções de ar enchiam meus pulmões.

— Mia, calma. Baby, olha pra mim. Você está tendo um ataque de pânico. Olha pra mim! — A voz de Wes rompeu meu torpor e eu me concentrei em seus olhos, que estavam agitados de medo. — Respire comigo. Inspire... agora expire lentamente.

Fiz isso algumas vezes até que o caminhão saiu de cima do meu peito e eu pude, por fim, respirar profundamente.

— Pronto, agora sim. Aqui, tome um pouco de água. — Ele me entregou um copo.

Bebi o líquido gelado e deixei a calma que veio com ele se instalar em meu peito.

— O que aconteceu, Mia?

Mason estava atrás de mim. Eu podia sentir sua mão acariciando minhas costas, para cima e para baixo.

— Gata, você precisa relaxar. Essa coisa de casamento pode fazer a gente se sentir pressionado, mas na verdade só tem a ver com você e o meu novo amigo aqui, o Wes. O resto é detalhe.

Fechei os olhos e senti Wes segurar minhas bochechas.

— Baby, você não quer um casamento grande?

— Eu nunca quis — falei suavemente, retomando o controle. Por um momento, achei que fosse desmaiar.

— Tudo bem. Vamos fazer uma coisa pequena. A gente pode até casar escondido, se você quiser.

Balancei a cabeça.

— Não, a sua mãe ia ficar muito triste. Eu não quero tirar isso dela.

— Por que vocês não fazem uma cerimônia pequena, diferente? Qual é o lugar que faz vocês lembrarem um do outro? — Rachel falou suavemente enquanto eu encarava os olhos bonitos de Wes.

Nós dois sorrimos e dissemos a mesma coisa ao mesmo tempo:

— A praia.

Ela bateu palmas.

— Ai, que fofo!

Mason gemeu.

— Casamento na praia... Bacana, pessoal. Mas como isso vai funcionar em janeiro? Não é muito frio?

Wes negou.

— Não. Na verdade, em janeiro, o clima em Malibu é muito bonito. Entre vinte e vinte e cinco graus. Se bem que pode chegar a uns quinze. De qualquer forma, ainda é perfeito.

A nossa praia. Me casar com o homem que eu amo, a poucos passos do lugar onde surfamos, caminhamos, nos aninhamos para ver o pôr do sol, tendo as ondas e o céu azul como pano de fundo.

— Wes, é perfeito. Vamos casar na nossa praia.

— E a festa? — ele perguntou.

Era aí que eu provavelmente marcaria pontos com a minha futura sogra.

— Que tal na casa dos seus pais?

Seus olhos brilharam, sorrindo em resposta.

— A minha mãe ia adorar. A gente pode casar na nossa praia, por nós. E a festa vai ser na casa onde eu passei a infância. — Ele segurou minhas bochechas. — Meu Deus, eu te amo mais e mais a cada dia.

— Maravilha — sussurrei enquanto ele ria e me beijava docemente. Nada como seus beijos normalmente intensos, mas ainda assim inesquecível.

— Bem, está resolvido. Agora eu sei que vai ser uma festa pequena, mas nós podemos ir? O Mason vai estar disponível em janeiro, e nós adoraríamos visitar Malibu.

— Claro. Quanto mais, melhor — repeti sua resposta anterior.

— Sério? — A expressão chocada de Wes provavelmente significava que ele não tinha captado o sarcasmo em minha voz.

Balancei a cabeça.

— Não, não mesmo. Eu posso fazer uma lista mental de vinte pessoas mais ou menos que eu gostaria de convidar. Você consegue fazer uma lista de vinte e poucos

também?

Ele inspirou por entre os dentes.

— Não sei. Mas vamos conversar sobre isso. Vou fazer uma lista hoje à noite.

Hoje à noite. Ele ia fazer uma lista de convidados para o nosso casamento hoje à noite. O homem estava decidido a fazer aquilo acontecer em sete semanas. Agora eu só precisava chegar ao motivo.



O almoço com Mason e Rachel se transformou em jantar. Nós tínhamos tanto para conversar que ficamos no pub tomando cerveja, comendo petiscos e falando sobre tudo, desde os intrincados planos de casamento deles até a casa que estavam comprando. Falamos da família dele, da dela, da minha experiência com Max e tudo o mais. Eu já tinha avisado ao Mason para não falar sobre o sequestro do Wes, ou sobre o fato de eu ter ligado para ele com bastante regularidade no mês anterior para desabafar sobre algumas das coisas com as quais nós vínhamos lidando. Ele era ótimo em dar uma perspectiva masculina imparcial, e não era o tipo de cara que usaria isso contra Wes nem contaria a ele. Mace e eu éramos amigos. Tínhamos formado um vínculo durante o mês que passei com ele e novamente quando me socorreu, na última vez que estive em Nova York. Nosso relacionamento era tão bom quanto o que eu tinha com meu irmão, Maxwell — outra pessoa para quem eu precisava ligar e contar sobre o casamento. Mas nós iríamos ao Texas no feriado de Ação de Graças, e eu o veria em algumas semanas, de qualquer maneira. Primeiro eu precisava lidar com Wes e sua obsessão sobre precisarmos nos casar imediatamente.



— Eu gostei do Mason e da Rachel, sabia? Eles formam um ótimo casal. E uma boa equipe também — Wes disse enquanto tirava a camisa.

Por um momento, perdi a linha de pensamento. O peito musculoso de Weston estava em plena exibição e merecia um momento de reflexão silenciosa. Me fez lembrar uma daquelas pinturas de Monet ou Van Gogh. Quando expostas, com a iluminação certa, deixavam o observador em transe, exatamente como fazia o corpo sexy do meu homem.

Wes sorriu.

— O gato comeu a sua língua? — Ele provavelmente percebeu que eu estava babando.

Balancei a cabeça. *Não. Não vai acontecer. Não se desvie do curso. Você precisa de respostas.*

— Wes, posso perguntar uma coisa? — comecei, ao mesmo tempo em que ele tirou o jeans e ficou só de cueca.

Lute contra isso, Mia. Lute! Você consegue. Não deixe que o cretino sexy te tire da sua linha de raciocínio. Isso é importante.

Umedeci os lábios enquanto observava o colírio que era o meu noivo. Meu Deus, ele poderia ser modelo com aquele corpão. As horas de surfe faziam maravilhas em seu físico.

— Claro, linda. — Wes se sentou a meu lado, pegou meu tornozelo e passou a mão pela minha panturrilha. Não era uma carícia sexual, mas meu corpo não sabia a diferença. No instante em que sua mão tocou minha pele, um calor que eu não podia ignorar se espalhou daquele ponto por todo o meu corpo.

Pense, Mia. Certo. Fechei os olhos e tentei lembrar o que eu queria perguntar.

— Baby, você está me assustando. O que foi? — O tom de Wes demonstrava nervosismo. Seus dedos se cravaram em meu queixo, sem machucar, mas definitivamente me trazendo de volta ao presente.

— Por que você está insistindo em casarmos tão depressa? — Minhas palavras saíram em um fluxo rápido.

Os ombros de Wes caíram. Ele apoiou os cotovelos nos joelhos e colocou a cabeça entre as mãos.

— Wes, baby, o que foi? — Arrastei-me até ele na cama e passei a mão ao longo de suas costas.

— Não é que a gente não possa esperar. Eu sei que a gente poderia planejar melhor, mas... Mia, meu Deus... Depois do tempo que eu passei no cativeiro... a única coisa que me dava esperança era pensar em você. Você era a minha constante. Eu precisava sobreviver. Porque queria estar do seu lado, mais do que qualquer coisa.

— Wes... — Minha voz falhou quando me encostei em suas costas e o abracei por trás. — Estou tão feliz por você estar comigo e por termos esse tempo juntos pra planejar o nosso futuro.

— Então, não é que a gente tenha que fazer tudo na pressa. Eu só não quero desperdiçar mais nem um minuto da minha vida com você não sendo minha. Casar

com você, colocar uma aliança no seu dedo, eu só pensava nisso quando as coisas ficaram muito ruins. Eu imaginei uma centena de maneiras de fazer o pedido. Uma centena de maneiras que você responderia. Mas no fim, na cama, onde éramos só eu e você, longe da terapia, do estresse do trabalho, da minha família, eu soube que era o momento certo.

Beijei suas costas e deixei suas palavras me penetrarem. Ele não queria perder mais um minuto sem mim. Não era por ciúme ou por pressa. Era pelo compromisso. Para estar comigo. Para sermos um. Uma família.

— Tudo bem. Então está decidido. Nós vamos nos casar na nossa praia, em Malibu, e fazer a festa na casa dos seus pais. Quer fazer a lista de convidados?

Ele se virou, me deitou de costas e se posicionou entre minhas pernas num piscar de olhos. O talento era uma das muitas razões pelas quais eu amava meu namorado.

— Vamos fazer a lista depois.

Balancei as sobrancelhas para ele.

— Depois do quê? — perguntei, timidamente.

— Depois que eu trepar loucamente com a minha noiva.

As palavras percorreram meu peito e vibraram por todo o caminho até o calor entre minhas coxas.

— Acho que nós podemos fazer isso — concordei e sorri, me levantando em direção a sua boca para beijá-lo.

— Não, Mia. *Eu* vou fazer isso — ele brincou, sugando meu lábio inferior.

Gemi e envolvi minhas pernas ao redor de sua cintura, trazendo-o para mais perto.

— Então faça — falei, sem fôlego.

— Com prazer — ele rosnou.

— Prazer de quem? Meu ou seu? — brinquei, rindo, amando esse lado leve da nossa paixão.

Ele sorriu.

— Nosso, linda. Sempre nosso.

4

Uma semana depois, a equipe de filmagens chegou à cobertura de Anton ao amanhecer. Ele ainda não havia acordado. Aparentemente, Heather e ele tinham caído na farra com algumas outras pessoas da indústria da música. Ainda assim, ele me deixou usar sua cobertura para gravar o quadro e entrevistar Mason lá. Heather estava acordada, claro, parecendo uma estrela chique do rock, ainda que eu pudesse ver as olheiras sob seus belos olhos azuis. A maquiagem estava perfeita, e sua roupa, impecável como de costume.

Eu usava uma saia lápis risca de giz preta muito sexy, botas pretas de cano alto e blusa de seda branca com um laço em volta do pescoço. Uma pulseira vermelha robusta e um colar completavam o visual. Eu devia estar muito bem. Wes praticamente me atacou quando me viu arrumada de manhã. Sua ereção era prova suficiente de que ele me desejava, sem mencionar a forma como ele me puxou contra seu corpo e espalmou minha bunda com as duas mãos, se esfregando em mim feito um maníaco. Não deixá-lo me tomar contra a parede de nossa suíte exigiu cada centímetro de controle que eu possuía. Mas eu estava determinada a encerrar a gravação rapidamente, passar um tempo com meus amigos e voltar para o meu homem. Juro que a forma como Wes olhava para mim a metade do tempo era o suficiente para me deixar em chamas.

Afastando o pensamento do meu namorado nu e pronto em nosso hotel, respirei fundo para me acalmar, fechei os olhos e contei até dez. Quando os abri, me senti mais conectada com o trabalho e a tarefa que eu tinha em mãos.

A equipe se movimentava ao meu redor, montando tudo na luxuosa sala de estar, decorada com um clima porto-riquenho que imediatamente me fazia pensar em Anton. Ele tinha feito um esforço naquela sala. Eu a escolhi para gravar o quadro com ele porque refletia o homem que era — o lado pessoal, e não a pessoa

pública. O cômodo demonstrava a riqueza e a diversidade colorida da cultura de Porto Rico, algo que eu sabia que era muito próximo ao coração do meu amigo.

Havia obras de artistas de seu país natal penduradas nas paredes, e esculturas de madeira feitas em sua terra. As mantas de tecido que sua mãe tinha feito foram cuidadosamente colocadas nos sofás de couro marrom. O mobiliário sugeria que o convidado deveria se acomodar e ficar à vontade. Assim era Anton. Com seus verdadeiros amigos e familiares, ele sempre estendia a mão e fazia questão de oferecer um lugar confortável para as pessoas queridas ficarem por perto.

Kathy, minha assistente de produção, veio até mim. Seu cabelo era preto e longo, chegando até o traseiro, mas eu nunca o tinha visto solto — ela o mantinha preso em uma longa trança embutida. Eu gostava muito dela. Os óculos estilo Woody Allen estavam sempre escorregando do nariz longo e pontudo. Quando ela parava diante de alguém, os empurrava para cima com a unha pintada de rosa-claro. Todas. As. Vezes.

Isso me fazia pensar se as lentes tinham grau ou se ela usava óculos apenas para combinar com o estilo hipster. De qualquer maneira eu não mencionava nada, porque ela era incrível, trabalhar com ela era um sonho. Pelo que Wes havia me falado, assistentes de produção que não são irritantes nem querem se colocar sob os holofotes são difíceis de encontrar. Ele achava que Kathy era uma alma velha no corpo de uma jovem. Eu ainda não sabia quais eram seus planos para o futuro, mas, por enquanto, esperava que ela estivesse feliz o suficiente para permanecer comigo enquanto o quadro "Vida bela" durasse no programa do dr. Hoffman.

— Srta. Saunders...

Revirei os olhos. Eu tinha dito a Kathy uma centena de vezes para me chamar de Mia, mas ela se recusava; achava desrespeitoso.

— O sr. Murphy está aqui com a srta. Denton. Mandei os dois para a maquiagem, o que surpreendeu a srta. Denton. — Kathy ajeitou os óculos no nariz, embora eles não parecessem estar caindo.

Sorri.

— Eu sei. Vamos deixá-la intrigada. Ela não sabe que o Mason planeja anunciar o noivado no programa. Parece que eles vêm mantendo isso em segredo. Só descobri a respeito recentemente, mas ele quer que o mundo saiba que está fora do mercado e não é mais um solteirão convicto.

Os olhos de Kathy se iluminaram.

— Adorei. O dr. Hoffman vai desmaiar, e a Leona — ela balançou a cabeça à menção da chefona do programa — vai querer beijar os seus pés. — Ela riu, colocou

a mão sobre a boca e olhou ao redor, como se tivesse medo de que alguém pudesse tê-la ouvido falar de forma pouco profissional.

Descansei a mão em seu braço.

— Kathy, somos apenas você e eu. E você está certa. A Leona vai rir feito louca quando o anúncio for feito no programa. Às vezes é bom ter amigos importantes, né? — Cutuquei seu ombro, e suas bochechas ficaram vermelhas quando ela concordou. — Você sabe se a sala de TV está pronta? Com o Anton indisponível por pelo menos mais duas horas, eu gostaria de prosseguir com o Mason.

Ela assentiu, teclou em seu dispositivo eletrônico com um dedo e franziu os lábios.

— Vou checar. Deve estar pronta no momento em que eles saírem da maquiagem.

Caminhei pela casa, verificando os lugares que tínhamos escolhido para gravar diferentes partes do quadro. Wes e eu decidimos que trabalharíamos juntos para fazer o máximo possível nessa viagem, porque precisávamos que ela valesse o conteúdo de um mês inteiro. Dessa forma, eu teria o final de novembro e dezembro inteiro livres para estar com a minha família.

Max tinha deixado claro que, se as duas irmãs não fossem para o rancho, no Texas, para o feriado de Ação de Graças, ele ficaria magoado. Claro que Maxwell era muito machão para dizer isso assim, mas definitivamente deu a entender que ficaria radiante se pudéssemos ir. Com os hormônios descontrolados por causa do bebê, Cyndi deixou *muito* claro que seu marido ficaria arrasado se Maddy e eu não pudéssemos ir. Além disso, eu queria desesperadamente conhecer Jackson, meu primeiro sobrinho. Sem mencionar que o fato de o meu irmão ter pagado milhares de dólares da dívida do meu pai para salvar a minha pele e a da minha melhor amiga, em setembro, me fazia pensar que ir visitá-los no feriado era o mínimo que eu podia fazer.

Encontrei Mace e Rachel em um dos grandes banheiros de hóspedes. O lugar era enorme! O fato de Anton ter um apartamento tão grande na cidade só para ele e Heather me deixava pasma.

Rachel e Mason estavam sentados de frente para o grande espelho sobre as pias duplas.

— E aí, gente. Preparados para as câmeras?

Os olhos de Rachel se estreitaram.

— Sim, mas por que eu estou sendo maquiada?

Tentei me fazer de boba e dei de ombros, com indiferença.

— Só para o caso de precisarmos fazer uma panorâmica pela casa, ou se quisermos te fazer uma pergunta ou duas. — Sem querer estragar a surpresa, me virei para Mace. — Trate de parecer sexy para as câmeras, bro. — Soquei seu braço com tanta força quanto possível.

— Ai! — Ele se encolheu e esfregou o braço. — Eu também te amo, Mia. Viu como ela me trata, Rach? Sem nenhum respeito. Eu devia contar na entrevista alguma coisa bem nojenta sobre o mês que passei com ela. Tipo... — Ele coçou o queixo, fingindo pensar a respeito. Estalou os dedos e apontou para meu reflexo no espelho. — Tipo que ela tirou meleca do nariz e limpou na parede da minha casa. — Sorriu como um louco.

Meus olhos quase saltaram das órbitas.

— Isso é mentira! Você não faria isso!

Seus olhos se estreitaram.

— Ah, faria, sim. Não me provoque, briguenta. — Ele esfregou o braço, que não podia estar tão dolorido. Seu melhor amigo, Junior, já tinha lhe dado socos muito mais fortes em várias ocasiões.

— Fracote!— respondi, sem me importar com as consequências.

— Parem com isso, vocês dois. É hora de levar as coisas a sério — disse Rachel. Ela teria soado muito mais poderosa se não estivesse com a boca franzida como um peixe enquanto o maquiador aplicava gloss. — Mia, você está com as perguntas prontas? Eu gostaria de ver.

Ah, merda. Isso não era bom. Tentar esconder alguma coisa da relações-públicas dele não era exatamente fácil. Olhei para Mason, e suas sobrancelhas se arquearam.

— Hum, sim, mas, hum... — Tentei pensar em qualquer coisa que eu pudesse dizer para disfarçar, para evitar que ela visse as perguntas que eu planejava fazer ao Mason.

— Rach, baby, eu já aprovei as perguntas — Mason veio em meu socorro.

Os olhos dela nos fuzilaram.

— Você o quê? Esse é o meu trabalho. Eu não acredito que você fez isso.

— Baby... — Ele estendeu a mão e segurou a dela. — É a Mia. Ela não vai perguntar nada constrangedor, e você estava ocupada com aquele babaca das bebidas PowerStrong. Lembra?

— Ah, aquele cara era um mala. Acredita que ele queria que você fosse porta-voz da segunda linha deles de graça? E não era nem para caridade. — Ela balançou a cabeça e seu rosto ficou vermelho de irritação. — Eles se acham importantes o suficiente para não precisar pagar pela campanha. Idiotas — ela sussurrou baixinho.

Certo, essa foi a minha deixa.

— Bom, a gente se vê na sala de TV. Pessoal, quanto tempo até eles estarem prontos?

— Uns cinco minutos — um dos maquiadores disse enquanto arrumava o cabelo de Mason, deixando-o com uma aparência estilosa e descolada.

— Aqui também — disse o outro. Ele pegou um grande pincel e começou a aplicar pó no rosto de Rachel para finalizar o trabalho.

— Tudo bem, vamos colocar o microfone em vocês. — Kathy fez um gesto com a mão na direção do hall, onde a sala de TV se localizava e onde eu planejava gravar primeiro.



— Olá. Sejam bem-vindos a um segmento muito especial do "Vida bela", chamado "Seja grato". O convidado de hoje é ninguém menos que o jogador profissional de beisebol Mason Murphy. — Eu me virei para olhar para ele, sentado na namoradeira de couro de frente para mim, totalmente relaxado. — Mason, obrigada por estar conosco hoje.

— Qualquer coisa por você, gata. Você sabe disso. — Ele piscou.

Eu sorri e me inclinei para trás.

— Continua um conquistador, pelo visto.

— Só pra você. Desde que você partiu o meu coração.

Esta parte, em especial, eu não esperava. Claro, o público achava que eu tinha namorado Mason Murphy em abril.

— Eu não parti o seu coração. Você é terrível.

Ele sorriu.

— Não, nós somos apenas bons amigos.

— Isso mesmo. E, como bons amigos, eu gostaria de compartilhar um pouco o lado de Mason Murphy que os seus fãs e os fãs do programa do dr. Hoffman ainda não conhecem. Está dentro? — provoquei.

— Manda ver. — Ele se recostou, os braços abertos sobre o encosto da namoradeira, uma perna apoiada sobre a outra. Sua pose demonstrava que ele estava confortável. Exatamente o lado que queríamos que o mundo visse. Com essa parte eu sabia que Rachel concordaria.

— Certo, minha primeira pergunta é: Quais são os seus planos para o feriado de Ação de Graças?

Ele passou a mão pelo queixo robusto e sorriu.

— Vou ficar com a família. Os meus irmãos e o meu pai adoram o feriado, e nós fazemos o possível para estar juntos sempre que dá.

— Que ótimo.

— É, mas o melhor é que dessa vez eu vou levar a minha noiva.

Meus olhos se iluminaram como luzes de Natal e seguiram os dele, quando Mason olhou na direção de Rachel, que estava de queixo caído.

— Você está anunciando que está comprometido? — perguntei, me inclinando, como se estivesse ouvindo o segredo pela primeira vez.

Mason assentiu.

— Sim, senhora. Bem, você já sabe disso. Foi você quem nos juntou! — Ele riu.

— É verdade, mas você sempre foi muito discreto sobre os seus relacionamentos desde que nós dois namoramos, em abril. O público deve estar surpreso com essa informação. Eu quase posso ouvir corações se partindo em todo o país enquanto conversamos.

Ele bateu no joelho e tossiu, com o punho fechado sobre a boca.

— Acho que está na hora de o mundo descobrir que eu estou comprometido de verdade. — Suas palavras foram confiantes e atrevidas, como de costume.

— Bem, pessoal. Vocês estão ouvindo aqui em primeira mão. E, como uma surpresa especial, Mason Murphy vai apresentar a sua noiva ao mundo depois dos comerciais. Fiquem ligados!

— E corta! — disse o diretor.

Pulei e gritei.

— Isso é fantástico! — Procurei Rachel no meio da equipe para ver como ela estava reagindo. — Rach, venha aqui. Venha se sentar.

Ela estava parada num canto, observando com nervosismo. Eu diria que ela não tinha gostado do início do quadro, porque dava para sentir a tensão que irradiava daquele lado da sala. No entanto, Mace e eu concordamos que era hora de fazer o mundo enxergar que o tempo que passamos juntos não foi grande coisa e, mais ainda, que ele estava cansado de manter o relacionamento dos dois em segredo. Claro que havia boatos de que ela era sua namorada, mas eles nunca confirmaram. As revistas de fofocas conseguiram algumas fotos deles juntos, mas nenhuma palavra oficial tinha sido dada até agora. Era fácil despistar a imprensa com a desculpa de que era uma reunião com sua relações-públicas.

— O que você está fazendo? — Ela segurou a mão de Mason quando ele a puxou para se sentar no sofá ao lado dele.

— Estou cansado de fingir. Você vai ser minha mulher no ano que vem. Eu quero que o mundo saiba. Não quero mais esconder a gente. Não tem mais por que negar. Estou cansado de tudo isso. Um novo ano está chegando, e eu quero passar a próxima temporada com todas as mulheres do mundo sabendo que eu sou seu. Melhor ainda, quero que todos os homens saibam que tudo isso — ele passou a mão nas costas dela de forma sugestiva, mas não inadequada — é meu.

Ela balançou a cabeça.

— Não sei o que pensar.

Rachel mordeu o lábio, claramente preocupada com a maneira como os fãs de Mason iriam lidar com essa nova informação sobre sua vida pessoal. Ele sorriu e passou um braço em volta da cintura dela, puxou-a para seu lado e beijou sua bochecha.

— Bom, eu sei. Vamos lá, Mia.

— Pode deixar, Mace.

As câmeras foram ligadas novamente, e o operador estendeu a mão, contando de um a cinco.

— Bem-vindos de volta ao quadro especial "Seja grato". Estou aqui com Mason Murphy, recentemente eleito o melhor arremessador da história do beisebol, que tem algo para compartilhar com o nosso público. Mason, você pode apresentar a bela mulher sentada ao seu lado? — pedi.

O cinegrafista se moveu e os holofotes brilharam sobre meus amigos.

— Claro. Esta é a minha noiva, Rachel Denton. Ela é a minha relações-públicas e trabalha na empresa responsável pela minha publicidade. Acho que ela deve estar muito brava com nós dois, que conspiramos pra fazer esse anúncio agora, sem ela saber, mas não me importo.

Eu ri.

— Não fique chateada, Rachel. O Mason queria te fazer uma surpresa.

Ela sorriu e suas bochechas ganharam um tom rosado quando Mace apertou seu ombro.

— Então, Mason, o país todo sabe que você ficou sozinho por um bom tempo. Como se sente por ter encontrado a mulher sortuda ao seu lado?

— Sabe, Mia, eu me sinto grato. A Rachel é a tampa da minha panela. Não vejo a hora de poder chamá-la de minha mulher.

Umedeci os lábios e observei enquanto Mason encantava o mundo e a sua garota

em uma entrevista que seria transmitida em rede nacional.

— Certo, Mason, você soltou uma bomba tão grande que tenho certeza de que todas as mulheres do mundo devem estar chorando neste momento. Agora vamos voltar ao assunto do programa. Nós queremos saber pelo que os nossos amigos famosos são gratos. Você já mencionou a sua noiva, com o que eu concordo plenamente. Ter a Rachel na sua vida é algo para ser grato! Mas o que mais?

Mason se ajeitou e apertou os lábios.

— Bons amigos, meus fãs, o time, o esporte como um todo. Eu não estaria onde estou hoje se não fosse apaixonado por beisebol. Acima de tudo, porém, eu sou grato pela minha família: meu pai, irmãos e sobrinha. Além da Rachel, eles são o meu mundo.

— Obrigada, Mason, por compartilhar a notícia do seu casamento com os nossos espectadores. Desejo a você e à Rachel um casamento longo e feliz.

— E você? — ele perguntou, com as câmeras ainda gravando.

Olhei ao redor da sala e de volta para Mason, que exibia um enorme sorriso babaca. O mesmo que eu já havia me oferecido para arrancar daquele belo rosto diversas vezes.

— Hum, o quê?

A boca de Rachel se retorceu em um sorriso sarcástico. Sim, esses dois definitivamente foram feitos um para o outro. Petulância se casando com ironia.

— Me corrija se eu estiver errada, mas acredito que este anel no seu dedo seja de um estilo muito específico — Rachel disse, tão doce quanto uma torta de maçã.

— Isso, Mia. Compartilhe a *sua* novidade com o mundo! — Mason pediu.

Ah. Meu. Deus. Esse cachorro. Me colocando na berlinda!

De repente comecei a suar e senti a umidade em meu cabelo, enquanto as luzes brilhantes me faziam sentir como se estivesse sendo interrogada pela polícia.

— Hum... — Sorri, olhei para minha aliança e não consegui sequer cogitar negar a melhor coisa que já tinha acontecido comigo. Então, enquanto pensava em como responder, tentando colocar o pânico sob controle e, pelo menos, parar a câmera para regravar o final, olhei para cima, como se uma corda invisível puxasse meu queixo. O ar na sala ficou tão carregado que eu tinha certeza de que, se tocasse em qualquer superfície, sentiria um choque. Meus olhos encontraram aqueles que eu planejava mirar pelo resto da vida.

Como se aquilo fosse uma deixa, Wes entrou no enquadramento e estendeu a mão para mim. Eu a segurei e ele me puxou para cima. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele colocou a mão no meu rosto e a boca sobre a minha. Me beijou

com força, de forma decidida. Não foi um beijo molhado, mas o que faltava em calor foi compensado com toneladas de amor. Tudo isso com as câmeras gravando.

— Oi, linda — Wes disse, os olhos verdes repletos de humor. Ele usava uma bela calça social, camisa branca engomada e blazer de veludo. Estava delicioso.

— Hum, pessoal — inspirei e olhei para a câmera, um pouco atordoada —, este é Weston Channing, meu noivo. — Sorri como uma doida.

Wes torceu os lábios, prendeu os dedos nos meus e acenou para a câmera com a outra mão. Cheio de classe.

E foi aí que eu praticamente perdi todo o controle do meu próprio programa.

— Isso está ficando interessante — disse Mace. — Conte para nós, Mia, pelo que você é grata este ano?

Eu não poderia desviar o olhar do homem que eu amava nem se meu corpo estivesse em chamas.

— Wes. — Suspirei. — Tenho tanta coisa para ser grata. Minha irmã, meu irmão, meu pai, minha melhor amiga e todos os novos amigos que ganhei e que me fazem sentir amada onde quer que eu esteja. Realmente, acho que é por isso que eu sou grata este ano. Pelo amor. Em todas as suas formas.

— Eu te amo, Mia Saunders, e não vejo a hora de me casar com você — disse Wes, claro como o dia, com uma câmera do tamanho de uma geladeira bem na frente do nosso rosto. Todos os paparazzi acampados ao redor da nossa casa em Malibu, nos escritórios da Century Produções, brigando por qualquer pedacinho de informação sobre Wes e seu sequestro, sobre os milhões gastos com o filme que estava sendo gravado, mas que atualmente se encontrava paralisado, sobre Gina DeLuca e tudo o mais, ficariam extremamente chateados pelo fato de aquela informação ter sido divulgada em meu programa, e não em suas revistas de fofocas.

Não bastasse todo esse drama, o quadro estava programado para ir ao ar na sexta-feira, o que significava que não só o mundo inteiro saberia que nós estávamos noivos como seus pais descobririam também. Teríamos de contar a eles logo que saíssemos dali.

Wes me virou para as câmeras. Voltei para a realidade no meio do programa. Encerrei a gravação gaguejando, mas tentei estar bem o suficiente para que não fosse necessário regravar. De jeito nenhum eu passaria por tudo aquilo duas vezes.

— Agradecemos novamente o nosso convidado, Mason Murphy, e sua noiva, Rachel, por compartilharem as novidades conosco. Tenho certeza de que posso falar em nome do dr. Hoffman quando digo que vocês são bem-vindos ao programa quando quiserem fazer um anúncio. — Olhei para a câmera e sorri. — Bem,

pessoal, sejam gratos por suas bênçãos, porque elas são muitas. Eu sei que as minhas, com certeza, são. — Com isso, passei os braços ao redor do homem dos meus sonhos, colei a testa na dele e ouvi o diretor dizer "corta", pouco antes de os lábios de Wes selarem os meus.

O meu homem tinha me assumido em rede nacional. Como alguém declara o seu amor depois disso?

5



— O que você está fazendo aqui e que raios acabou de acontecer? — repreendi Wes enquanto moldava meu corpo ao dele. Mesmo aborrecida, eu não podia deixar de querer me grudar em sua forma musculosa, grande e sexy. *Humm.*

Ele riu contra meu pescoço e me deu um beijo suave e quente.

— Mia, relaxa. O Mason me contou que ia anunciar ao mundo o plano de se casar com o amor da vida dele, e eu pensei... *Ah, quero fazer a mesma coisa*. Não faz sentido manter segredo.

Mordi o lábio e olhei em seus belos olhos verdes.

— Mas... Mas... E quanto aos paparazzi sanguinários? Eles ficaram atrás de você por semanas. Isso não vai dar mais munição pra tentarem te atingir? — Fiz uma careta, com medo de que Wes tivesse cometido um erro gritante. Eu *poderia* consertar se não exibisse a parte final do programa, mesmo que aquilo levasse a audiência à estratosfera. Mas a saúde e a felicidade de Wes valiam muito mais que alguns milhões de espectadores.

Ele balançou a cabeça.

— Mia, muito pelo contrário. Isso vai dar aos paparazzi algo mais feliz pra se concentrarem do que as mortes e todas as merdas que aconteceram. A Gina mal consegue se manter de pé. Sabe por quê?

A simples menção do nome de Gina DeLuca enviava tremores de pavor que ondulavam pela minha coluna e faziam meus braços se arrepiarem. Cerrei os dentes e tentei fingir que não me incomodava.

— Não. Por quê?

Ele segurou meu rosto.

— Porque ela não tem algo bonito para abraçar todas as noites. Eu tenho e quero que o mundo saiba disso. Eu dei a esses sanguessugas algo mais poderoso pra

se agarrarem. Não tenho nenhum problema em falar o dia todo sobre quanto eu te amo e sobre o meu plano de fazer de você a minha mulher.

Suspirei. Era tão diferente do jeito como ele agia em janeiro. Dez meses antes, ele estava focado no trabalho e no filme. Agora tudo tinha a ver comigo.

— Se você acha que isso vai te ajudar a se curar, estou com você, exibindo a minha mão direita pra todo mundo ver.

Ele sorriu.

— Que bom, porque nós temos uma entrevista agendada com a revista *People*.

Meus olhos se arregalaram.

— Eu não vou falar só sobre a gente. — Ele balançou as sobrancelhas para tentar amenizar o clima de medo instantâneo. Aquele homem me conhecia muito bem. — Também quero falar um pouco sobre o que aconteceu por lá, como eu estou me tratando... Talvez isso ajude outras pessoas com transtorno de estresse pós-traumático. Pode funcionar como um lembrete de que tem gente que realmente se importa e de que o trauma que elas vivenciaram não as define. É só uma coisa que aconteceu com elas.

Uma mecha de cabelo caiu em seus olhos e eu a afastei. Lembranças daquele período sem ele surgiram em minha mente, trazendo uma série de memórias horríveis. Meu Deus, eu não sabia o que teria feito se ele não tivesse voltado para casa. Sem ele, com certeza eu não estaria onde estou hoje. E definitivamente não seria tão feliz. Todo dia eu me surpreendia com quanto amava minha vida e como minha sorte tinha mudado de forma exponencial desde que eu começara a minha jornada, quase um ano antes.

Eu me inclinei e o beijei, tentando colocar todo o meu sentimento naquele beijo. O orgulho que eu tinha dele, a cada passo de Wes em direção à cura, a magia que eu acreditava que tínhamos em nosso relacionamento e, o mais importante, o amor que eu sentia por ele. Às vezes esse sentimento se tornava tão poderoso e intenso que eu não sabia o que fazer. Mas naquele momento, na frente da equipe, de Mason, Rachel e todos os outros, eu beijei meu homem com tudo o que tinha dentro de mim. Ele rosnou em minha boca e me deitou sobre sua perna. Os aplausos na sala eram ensurdecedores.

— Droga, *Lucita*, estou atrasado pra festa! Tem uma marca onde eu devo ficar? Você está distribuindo *besos*? Se estiver, eu sou o próximo!

O vozeirão de Anton fez com que eu terminasse o beijo e risse com a boca colada à do meu namorado. Wes fez uma careta e depois sorriu, mostrando que estava superando a natureza incorrigível de Anton com as mulheres.

— Você está duas horas atrasado. O que fez ontem à noite?

Ele abriu aquele sorriso sexy de molhar calcinhas.

— Acho que a pergunta seria: O que eu *não* fiz ontem à noite? — Ele estalou a língua e levantou as sobrancelhas.

Suspirando, balancei a cabeça.

— Vamos lá. A Kathy vai colocar o microfone em você pra gente começar a gravar a primeira parte da entrevista.

— Então, nada de *beso*? — Ele fez um beicinho.

Revirei os olhos e lancei um olhar para Wes.

— Sem porra de *beso* nenhum. Se quiser manter a sua boca inteira, amigo, é melhor parar com os comentários engraçadinhos — Wes resmungou.

Isso fez Anton cruzar as mãos sobre o peito, inclinar a cabeça para trás e rachar de rir. Parecia uma hiena.

— Desculpa, amigo, eu não quis ofender. Eu adoro a maneira como você protege a nossa Mia.

Wes fez uma careta.

— Você quer dizer a *minha* Mia, Anton. Você está na corda bamba comigo. Eu estou sendo legal com você, mas, sério, é melhor manter a boca fechada se não quiser arrumar briga. — A voz de Wes era cortante e rude. Não havia nenhuma razão para ele ser tão duro.

— Wes... sério. O Anton só está brincando. Relaxa. — Fui para o seu lado e ele me puxou para mais perto. Às vezes eu esquecia que desde o sequestro ele tinha esses ataques de ciúme, com os quais eu não estava acostumada nem apreciava. Me aborrecia até dizer chega o fato de ele suspeitar de que todos os caras nas imediações estivessem tentando conseguir minha atenção, o que realmente não era o caso. Nem de longe. Na noite anterior ele tinha se estressado com o garçom no jantar, porque, de acordo com Wes, o cara olhou para os meus peitos. Que surpresa. Eu tenho peitos grandes. A maioria dos homens olha para eles. Estou tão acostumada que é mais fácil perceber se um homem *não* olhar diretamente para eles quando me vir pela primeira vez.

Anton se aproximou de nós.

— Weston, amigo, eu estou feliz por você e pela Mia. O meu coração ficou cheio de alegria por saber que ela encontrou o final feliz. E eu vejo que você gosta muito dela. Assim como eu. Como *amiga*. Nada mais, nada menos. Eu digo essas coisas, como vocês dizem...? No piloto automático? A Mia é uma *mujer hermosa*.

Eu me lembrei de Heather dizendo que *hermosa* significava "bonita".

— A sua noiva desperta o meu lado bobo. Você entende? *Sí?*

Wes expirou lentamente e seus ombros relaxaram. Fechou os olhos e baixou a cabeça, como se estivesse suplicando.

— Desculpe, Anton. Eu não sei o que está acontecendo. Até os amigos dela estão trazendo à tona um lado feroz em mim. Por favor me perdoe, sim? — O pedido de Wes era sincero, e eu podia dizer que, com Anton, ele seria imediatamente perdoado. Meu amigo não era do tipo que guardava rancor por mal-entendidos triviais.

— Ah, sem problemas. Agora, *muñeca*, onde você quer que eu fique para a entrevista?

— Hum, vamos começar na sala com a arte porto-riquenha.

Anton sorriu.

— Vejo você lá.

Esperei que ele saísse da sala, segurei a mão de Wes e o levei pelo corredor até os fundos do apartamento, onde eu sabia que ficava o escritório de Anton. No momento em que chegamos lá, segurei a porta aberta para que ele entrasse.

Um milhão de emoções dominavam meu sistema, e eu só conhecia uma maneira de tirá-las de mim rapidamente. Do momento em que ele declarou seu amor por mim em rede nacional até as ameaças de homem das cavernas machão, meu corpo inteiro estava formigando de excitação, felicidade, raiva, medo, ansiedade e tudo o mais.

No segundo em que passei pela porta, eu a fechei, girei rapidamente e joguei os braços ao redor de Wes. Antes que ele pudesse falar alguma coisa, minha boca estava na sua, minha língua em sua garganta. Graças. A. Deus. Ele tinha gosto daqueles pirulitos que estalam na língua. Gemi quando ele agarrou minha bunda. Chupei seu lábio inferior ao mesmo tempo em que me apoiava em seu peito, fazendo-o cair em um banco acolchoado, que podia ser usado para sentar em frente à lareira ou como apoio para os pés. Eu não tinha ideia da função, mas sabia exatamente para que o usaria agora. Se eu conhecia Anton, e eu achava que sim, ele me aplaudiria.

— Uau, linda, o que está acontecendo? Achei que você fosse me dar um esporro por bancar o babaca macho alfa com o seu amigo. Honestamente, não sei o que deu em mim.

Eu realmente não me importava — estava mais focada em abrir seu cinto.

Levantei minha saia até a cintura. Wes não conseguia decidir se queria abrir ou fechar a boca, seus olhos fixos em minha pele exposta. Eu estava usando meias sete-oitavos e uma calcinha fio-dental de renda por baixo da saia lápis.

— Olha, não temos muito tempo, mas eu preciso de você. Aqui e agora. Então, coloque pra fora.

Meu homem me olhou como se eu fosse um donut de chocolate ao lado da sua xícara de café.

— Caramba, eu vou casar com a porra da mulher perfeita.

Wes ergueu os quadris, abriu o cinto e expôs sua ereção. Ele se acariciou até que houvesse um líquido perolado na ponta e estivesse completamente duro. Eu me ajoelhei no banco e lambi a cabeça do seu pau, permitindo que a pérola saborosa revestisse minha língua antes de engoli-la.

— Porra, isso... — Antes que eu pudesse me mover para uma posição melhor, uma explosão abrasadora atingiu minha bunda, uma, duas, três vezes. — Não se atreva a me chupar — ele rosnou e me afastou, segurando um punhado do meu cabelo. O cabeleireiro ficaria muito irritado.

Wes se sentou no banco e eu gemi com a visão do seu pau duro e pronto. Ele se inclinou para trás, com as mãos na beirada do couro liso do banco para suportar seu peso.

— Monte em mim. Me tome todo. Até o fim.

Feliz, montei no banco, puxei a calcinha para o lado, posicionei sua ponta molhada em meu sexo e deslizei lentamente para baixo. Centímetro por centímetro tentador, sua grossa espessura me preencheu. Quando ele estava completamente dentro de mim, com minha bunda pressionando a pele macia de suas bolas, o zíper de sua calça aberta me arranhando, eu me inclinei para trás.

— Eu quero ver você pegar o que precisa, linda. Agora se mexa. — Sua voz era um estrondo baixo e gutural, que enviou outra onda de luxúria pelo meu sistema.

Apoiando as mãos em seus joelhos, usei os braços e os pés encostados no chão para me balançar para cima e para baixo. Ver seu pau escorregadio desaparecer repetidamente dentro de mim agia como um afrodisíaco. Quanto mais eu olhava, mais molhada ficava e mais subia e descia. A cada movimento Wes gemia, até que eu só conseguisse ver o meu homem e seu pau poderoso me levando ao êxtase. Tudo em minha mente e meu corpo estava concentrado cem por cento no deslizar dos nossos corpos um contra o outro. Estar preenchida por Wes era inexplicável. Cada descida era um pedaço do paraíso. Cada subida e perda de contato com seu corpo, o inferno absoluto. Prazer se unia a dor.

— Olha isso. Tão lindo. Ver você me levar pra dentro, ter prazer com o meu pau, me deixa louco. Não vejo a hora de gozar tão forte que você vai ter um

lembrete de mim por dias. — Sua voz era áspera, imitando o aperto dos dedos em meus quadris.

Eu gemia e o pensamento me levava a um frenesi de necessidade e desejo. Algo dentro de mim simplesmente perdeu o controle e eu comecei a fazer barulhos animalescos, como o miado de um gato irritado.

— Ah, sim, você está quase lá. Eu sei disso. — Wes mordeu o lábio e olhou para baixo, entre minhas coxas. — Eu adoro o seu clitóris rosado, implorando pelo meu toque. Se eu pudesse estar em dois lugares ao mesmo tempo, estaria te chupando com tanta força que você colocaria a casa abaixo. — Levou o polegar à minha boca. — Lambe.

Fiz o que ele ordenou, sugando o polegar salgado, girando a língua ao redor dele, mordendo-o. Ele sorriu, e foi minha ruína. Eu me inclinei e desci, me esfregando em seu osso pélvico tanto quanto possível, perdida em busca do que eu tanto queria. Para subir tão alto quanto ele podia me levar. Wes respirou, ofegante, por entre os dentes. Ele estava tão fundo dentro de mim. Parecia que seu pau estava cravado bem no meio do meu corpo. Tão bom...

— Quer que eu faça você gozar? Te faça gritar? — Seu rosto era uma máscara de pura luxúria. Aqueles olhos lindos, que controlavam metade dos meus pensamentos, estavam entreabertos e quase totalmente pretos. Sua boca era macia, o lábio inferior úmido dos intermináveis e viciantes beijos.

Balancei a cabeça. Eu queria gritar mais que qualquer outra coisa no mundo, mas não queria fazer isso quando havia uma sala cheia de pessoas que poderiam nos ouvir. Era bem possível que todo mundo soubesse o que estávamos fazendo, e, de alguma forma, esse pensamento tornou aquilo ainda mais poderoso.

— Tudo bem, linda. Eu sei do que você precisa. — Ele colocou o polegar molhado diretamente em meu clitóris, colou a boca na minha e me estimulou com movimentos repetidos.

Envolvi as pernas ao redor de sua cintura e o apertei com força quando o orgasmo monstruoso me atingiu. Eu gritei, mas seu beijo abafou o som, engolindo minha libertação como se fosse seu direito — e era mesmo.

Só depois que eu gozei ele me afastou de seu pau molhado, me girou para que eu ficasse de joelhos, abaixou minha calcinha minúscula, abriu minhas nádegas e penetrou meu sexo por trás.

— Wes! — gritei com a intrusão intensa. Como eu estava ajoelhada no banco com os joelhos unidos, ele entrou de forma mais apertada.

Wes se debruçou sobre minhas costas e sussurrou em meu ouvido:

— Se você não quiser que o mundo inteiro saiba o que está acontecendo aqui, sugiro que fique quieta.

— Eu não consigo — choraminguei fracamente e rebolei, para que ele se movesse dentro de mim. Eu já tinha gozado, mas a nova sensação era demais para ignorar. Eu precisava dele novamente. Sempre precisava de mais.

Ele mordiscou meu pescoço e meu ombro.

— Certo, tudo bem. — Depois de um farfalhar seguido de um tilintar, Wes me entregou seu cinto dobrado ao meio. — Morda isso — ele disse, enquanto o segurava na frente da minha boca. No momento em que mordi, ele tirou tudo, parando só com a ponta enorme do seu pau dentro de mim. — Vou te comer com força agora, Mia.

Quando Wes dizia que ia me comer com força, ele falava sério. Só tive tempo de cerrar os dentes com mais firmeza sobre o cinto e me agarrar ao banco acolchoado antes que meu corpo se deslocasse para a frente com a força dos seus impulsos. Grunhi alto, mas nenhum grito saiu. Ele me fodia loucamente, o tempo todo fazendo elogios sacanas sobre meu corpo, sobre como era bom quando eu estava ao redor dele, apertando-o.

— Ah, isso, assim é demais. — Ele espalmou minha bunda, batendo em cada lado algumas vezes, até o espaço entre minhas coxas estar encharcado, pingando pelas minhas pernas. Minha bunda estava em chamas pelas palmadas sensuais, mas tudo isso só me fazia me perder ainda mais na bruma de luxúria em que Wes sempre me colocava. Sem falar mais nada, ele agarrou meu quadril com uma mão, meu ombro direito com a outra e não parou mais de meter dentro de mim.

Bem ao longe, ouvi uma batida, mas não me importei e, aparentemente, Wes também não, embora eu achasse que ele tinha resmungado alguma coisa. Eu não podia dizer com certeza. Tudo que eu sabia era que o meu homem estava duro como uma rocha e seu pau batia naquele ponto interno que me fazia ver estrelas.

Mordi o pedaço de couro quando o prazer me tomou por todos os poros, até a ponta dos dedos das mãos e dos pés. Quando Wes estava perto de explodir, se inclinou, colocou dois dedos em meu clitóris e começou a me acariciar. Foi o que bastou para me tirar de órbita mais uma vez. Quando gozei, meu corpo apertou seu pau de forma intensa, e ele agarrou meus ombros. Dentro de mim, impulsionou o pau com mais força, permitindo que meu corpo absorvesse cada gota do seu prazer, deixando sua semente dentro de mim. Lindo demais.

Enquanto eu tentava recuperar o fôlego, descobri que minha testa estava colada no banco de couro. Wes estava debruçado sobre mim, com as mãos ocupadas. Isso

era algo que eu curtia em nossa vida sexual. Ele adorava me trazer de volta do abismo do prazer com toques carinhosos em todo o meu corpo.

— Tenho que admitir que foi uma excelente ideia, mas alguém veio chamar a gente duas vezes. Depois eu ouvi o Anton abrir a porta e espiar aqui dentro antes de bater com força, dizendo que nós precisávamos de mais vinte minutos de pausa. — Ele riu contra meu pescoço suado.

Merda, será que vou precisar trocar de blusa? Devo estar toda amassada e molhada de suor.

— Você me deixa louca — eu disse, depois de ter conseguido acalmar a respiração. — Pare de me surpreender com gestos sensuais e com atitudes de macho alfa que me fazem querer pular em cima de você. Um de nós tem que ser o adulto da relação. — Fiz uma careta e o empurrei, tentando fazê-lo sair de dentro de mim, ainda que eu estivesse perfeitamente contente ali, ajoelhada no banco com o traseiro para cima e o corpo do meu homem envolto no meu. Infelizmente, eu tinha um trabalho a fazer e um sapo enorme para engolir.

Wes riu, saiu de dentro de mim e pediu que eu não me movesse. Antes que eu pudesse descobrir o que ele estava fazendo, algum tipo de pano macio estava limpando nossos fluidos entre minhas coxas.

— Pronto, você está o mais limpa possível.

Eu me levantei, puxei a calcinha para cima, passei para o outro lado do banco e arrumei a saia. Eu podia sentir que meu cabelo estava bagunçado na parte de trás, onde Wes o agarrara algumas vezes. Minha bunda estava quente das palmadas, e o espaço entre minhas coxas estava muito sensível, inchado e dolorido quando juntei as pernas.

— Merda. Acabei de ser comida como se não houvesse amanhã e tenho que gravar um quadro. Tem vinte pessoas lá fora esperando. Que merda eu estava pensando? — Mexi no cabelo, tentando arrumar o ninho de rato.

Wes sorriu, fechou a calça e pegou o cinto. Traçou as marcas dos meus dentes no lado brilhante do couro.

— A coisa mais sexy do mundo. Vou usar esse cinto o tempo todo — ele anunciou.

Eu, por outro lado, estava furiosa.

— Você não tinha nada que trepar comigo feito um louco justo aqui. Caramba! Eu posso perder o meu emprego.

— Mia, foi você que começou. E você não vai perder o seu emprego — ele disse enquanto enfiava o cinto pelos passadores. — Você está fazendo eles ganharem

muito dinheiro, e, além disso, tem uma coisa que nenhum outro quadro tem.

Coloquei as mãos na cintura, me apoiei em uma perna, inclinei a cabeça e o fuzilei com os olhos.

— Que é...?

— Eu. — Ele abriu o sorriso largo e fácil que eu adorava. Desde seu retorno, aqueles sorrisos estavam começando a aparecer com mais frequência, e a cada um deles eu acreditava um pouco mais que a cura estava acontecendo diante dos meus olhos.

— E como é que isso ajuda? — Eu já sabia a resposta.

Ele riu.

— Oi? O cineasta premiado aqui. Lembra? Eu estou editando o quadro com você.

Fingi refletir por alguns momentos, como se estivesse avaliando se ele era útil ou não. Ah, eu sabia, sem sombra de dúvida, que sua habilidade estava me tornando muito popular na televisão e com a equipe do programa do dr. Hoffman. Tanto que outros programas e produtoras tinham me sondado. Uma até falou sobre me oferecer meu próprio programa diurno, tipo o da Oprah ou o da Ellen DeGeneres — basicamente, tudo o que eu poderia querer, em uma bandeja de prata. Wes e eu estávamos considerando nossas opções em conjunto, como família, discutindo o que cabia ou não em nosso estilo de vida. A resposta ainda não havia chegado, mas eu tinha tempo. Estava comprometida com o dr. Hoffman pelo menos até o próximo ano.

— Oi, ego, eu sou a Mia — eu disse para provocá-lo.

Ele balançou a cabeça.

— Ah, vai ter troco!

— Promete?

— Pode ter certeza. Quando você menos esperar.

— Hum, acho que isso já aconteceu.

Ele riu, me puxou contra seu peito e me beijou profundamente.

— Foi incrível e valeu cada pedacinho do carão que nós vamos enfrentar.

— Você não está errado. — Eu sorri.

— Vem. Vamos amaciar a equipe. Estou pensando em uma rodada de cerveja e pizza depois das gravações.

— Isso deve resolver!

Eu estava começando a conhecer minha equipe, e eles pareciam adorar esportes, cerveja, pizza e falar besteiras com celebridades.

— Seja bem-vindo, Anton Santiago, mais conhecido como Latin Lov-ah. Eu comecei a fazer sucesso no mundo do entretenimento depois que estrelei o seu clipe, lançado este ano, de uma música que foi muito bem nas paradas, pelo que eu saiba.

— Isso mesmo. As mulheres adoraram, mas os homens ficaram loucos com você no papel da sedutora. — Anton me colocou no meio da história, em vez de morder a isca e falar sobre si mesmo.

Senti um calor começar em meu peito e subir até o rosto.

— Obrigada. O meu noivo com certeza gostou. — Calculadamente, pisquei para Wes, para que ele soubesse que eu também estava fazendo um esforço para tornar o nosso relacionamento público.

Anton riu.

Continuei a entrevista:

— Eu sei que já te perguntaram antes e você se recusou a responder, mas por que Latin Lov-ah? Sério, vamos lá, Anton. Estamos entre amigos aqui. Nós queremos os detalhes sórdidos!

Ele olhou para a câmera, fez um muxoxo perfeito, que faria o público feminino do meu programa querer lamber a tela da TV, e respondeu:

— Eu amo as mulheres. Todas elas. De qualquer forma e tamanho, não importa. E, claro, eu tenho ascendência latina. Então, se você colocar os dois juntos, *perfecto*: Latin Lov-ah, amante latino.

Anton se recostou como se fosse o rei do castelo, o que combinava com ele. Ele estava usando uma camisa de manga comprida branca, quase toda aberta — para mostrar o peitoral definido —, calça solta de linho branco e mocassins de camurça marrom. Uma corrente de ouro estava pendurada em seu pescoço e brilhava sob as luzes. A pele morena, combinada com o cabelo escuro e os olhos castanho-esverdeados, fazia uma mulher, *qualquer* mulher, querer cair de joelhos e adorá-lo. Anton era tudo isso e muito mais.

Engraçado pensar em como ele era absurdamente bonito, mas tudo o que eu podia fazer era esperar que um dia ele encontrasse amor verdadeiro.

— Agora que você tem fama e fortuna, o que há para agradecer nesta temporada?

Anton se inclinou para trás e olhou para cima.

— Eu sou grato pelo teto sobre a minha cabeça, a comida na minha barriga, a amizade da minha empresária, Heather Renee, o amor de *mi mamá* e dos meus *hermanos*. E, claro, por todos os meus amigos e os fãs da minha música. Mas, sabe, este ano eu quero agradecer a você, Mia. Por me salvar de perder uma coisa muito importante pra mim. Eu sou grato a você e à sua amizade.

Não pude evitar as lágrimas que se formaram em meus olhos. Claro que aquele seria o momento em que a câmera iria ficar superperto e invadir meu espaço. Sem estar preparada para isso, olhei para ela quando a lágrima escorreu.

— É isso aí. Anton Santiago, o Latin Lov-ah, meu amigo e amigo de vocês. Obrigada por ter vindo, Anton. Foi ótimo ter você como convidado deste segmento especial, o "Seja grato". Eu te desejo ainda mais sucesso na indústria da música e em todos os seus futuros projetos. E este foi o Anton, pessoal — falei com um grande sorriso.

Só mais uma gravação para fazer e Wes e eu iríamos para o Texas passar o Dia de Ação de Graças com meu irmão, sua esposa e seus filhos, além da minha irmã e o noivo dela.

6

— O que nós estamos fazendo todo embrulhados, congelando até os ossos, andando pelo centro de Manhattan com uma equipe de filmagem atrás? — Wes balançou nossos braços enquanto caminhávamos. O simples ato de segurar sua mão e tê-lo comigo me fazia lembrar que tudo estava bem. Eu tinha uma quantidade absurda de coisas para agradecer, e no topo dessa lista enorme estava Weston Channing, o homem com quem eu iria me casar.

As imagens e os sons de Nova York nos envolviam. A neve caía pesada e os flocos derretiam assim que tocavam o solo. Em Vegas não tínhamos muita neve, e nunca era parecida com esta. Uma das maravilhas do inverno.

Dei de ombros, sem me comprometer.

— Eu tive uma ideia que quero tentar. Confie em mim. Vai ser divertido.

Wes colocou o braço ao meu redor e me puxou para o seu lado. Senti o calor irradiando de seu corpo para o meu enquanto descíamos a rua para um destino desconhecido.

— Linda, você é a única pessoa em quem eu confio.

Com extremo esforço, afastei as emoções que queriam estourar como uma bolha. Em vez disso, eu o segurei com força e me inclinei em sua direção para desfrutar da nossa caminhada. A cidade era magnífica. Independentemente do tempo, as pessoas circulavam, agitadas, de porta em porta, entrando e saindo de táxis amarelos mais rápido do que alguém poderia levantar a mão. Eles apareciam do nada no momento em que alguém se aproximava do meio-fio nas ruas movimentadas de Manhattan. Uma infinidade de aromas preenchia o ar, proveniente dos carrinhos que vendiam de tudo, de cachorro-quente a churros e pizza.

Quando chegamos ao Rockefeller Center, bem no centro de Manhattan, parei bem na frente da pista de patinação no gelo.

— Aqui está perfeito por enquanto. — Sorri. Wes só olhou para mim e balançou a cabeça.

O cinegrafista arrumou os equipamentos enquanto eu avaliava a área. De um lado, vi um homem ajudando uma menina, que devia ser sua filha, a amarrar os patins. Fui até eles de maneira casual.

— Olá, com licença, senhor. Sou Mia Saunders e estou entrevistando algumas pessoas para um quadro do programa do dr. Hoffman a respeito de gratidão.

O homem se levantou e ficou na frente da menina. O movimento provavelmente foi instintivo, de um pai protegendo sua filha.

— Sim, e...? — Sua voz era profunda e desconfiada enquanto ele me avaliava.

Apontei por sobre o ombro para os operadores de câmera e Wes, que estavam parados em frente à pista de patinação.

— Bem, eu queria saber se você se importaria em ser entrevistado. Só uma ou duas perguntas. Estou tentando encontrar americanos vivendo o seu dia a dia e compartilhar isso com o resto do mundo. Seria legal a sua garotinha descobrir, no futuro, que apareceu na TV. — Sorri para a menina de cabelos e olhos castanhos. Ela usava um chapéu vermelho de inverno e o longo cabelo aparecia nas laterais. As bochechas estavam coradas do tempo, num perfeito tom de rosa-chiclete.

O homem, que também tinha cabelos e olhos castanhos, se inclinou para falar com a filha.

— Você gostaria de aparecer na TV, Anna? — Ele colocou o dedo sob o queixo da menina, que levantou a cabeça para olhar para ele.

— Claro, papai.

Bati palmas.

— Ótimo! Se vocês não se importarem de ir até onde nós posicionamos a câmera, seria fantástico!

Uma vez que a menina já estava com os patins amarrados, o pai a levantou facilmente nos braços. Ela não devia ter mais que cinco ou seis anos, e ele era um cara grande.

— Então, senhor...

— Pickering. Shaun Pickering.

Guardei bem o nome dos dois para não confundir na gravação. Não queria prendê-los por muito tempo e, acima de tudo, queria que o quadro fosse real. Se eu errasse... Bem, a vida é cheia de pequenos erros, e nem as pessoas da TV são perfeitas, apesar de o público pensar que sim.

— Certo, pessoal. Estão prontos para gravar?

O técnico de som me entregou um microfone e um fone de ouvido. Eu os coloquei e empurrei o cabelo para o lado, para que ele me protegesse do frio. De acordo com Wes, ficava bem bonito com a minha boina xadrez. O cinegrafista comentou que o casaco verde que eu usava fazia um belo contraste com o cabelo preto e os olhos verdes.

— Pronto? — perguntei a Shaun.

Ele anuiu e segurou a filha com mais firmeza.

— Se você estiver.

O cinegrafista fez a contagem regressiva de cinco a um.

— Estou aqui com Shaun Pickering e sua filha, Anna, no Rockefeller Center, no coração de Manhattan, onde eles estão prestes a patinar no gelo, o passatempo favorito de muitos nova-iorquinos. Obrigada, Shaun, por me permitir interromper o seu dia por alguns minutos.

Ele sorriu.

— Fico feliz em ajudar.

— Com o feriado de Ação de Graças chegando, o que eu gostaria de saber é: Pelo que você é grato?

Ele olhou para a câmera e abraçou a filha com mais força.

— Eu sou grato pela minha Anna. A única coisa que me resta da mãe dela, a minha falecida esposa.

Eu não sabia como reagir. Como é que se responde quando se ouve a respeito da perda de alguém? Com um "sinto muito"? Era muito provável que ele não quisesse ouvir isso.

A câmara continuou gravando, e, com a pausa na conversa, Shaun continuou:

— Não é fácil ser pai solteiro, mas essa menininha — ele esfregou o nariz no de Anna — fez todos os dias dos últimos cinco anos valerem a pena.

Ela riu e segurou as bochechas do pai.

— Que frio, papai! — E abriu um daqueles sorrisos que fazem tudo se iluminar.

Limpei a garganta.

— Srta. Anna, pelo que você é grata este ano?

Ela virou seus grandes olhos castanhos em direção à câmera. Eu pude ver o cinegrafista aproximar a imagem um pouco mais. Anna piscou e sorriu.

— Eu sou grata pelo meu papai. Ele é o melhor pai do mundo inteiro. E vai me levar pra patinar no gelo e me comprar cachorro-quente e refrigerante, que a vovó diz que é ruim pra mim! — Ela riu de novo e eu desejei agarrá-la e beijar suas bochechas rosadas.

— Parece ser um pai muito legal.

— O melhor de todos. — Ela franziu o narizinho bonito.

— Bem, é isso aí, pessoal. Obrigada, Shaun Pickering e sua filha, Anna, por compartilharem conosco pelo que são gratos.

Parei, sorri para a câmera e esperei o sinal. O cinegrafista levantou o polegar.

— Vocês foram incríveis. Obrigada. Fiquei muito feliz por compartilharem isso conosco. — Estendi a mão para o operador de câmera. — Está com você? — perguntei. Ele me entregou dois cartões pré-pagos Visa. — Este é o nosso presente pra vocês. Tomara que comprem alguma coisa maravilhosa com eles.

O homem pegou os cartões.

— Nós não participamos por dinheiro.

— Eu sei que não. Mas eu agradeço pela contribuição. Divirtam-se! — Sorri. Braços me envolveram por trás. Inclinei-me contra o corpo familiar, amando o calor que ele emanava.

Um nariz gelado se esfregou no espaço atrás da minha orelha. Dei um gritinho, mas ele me segurou firme.

— Excelente ideia que você teve. E o presente foi um toque gentil.

— Ah, é bom poder fazer uma surpresa. Além disso, nós não precisamos pagar para entrevistar o Anton e o Mason. Então eu decidi usar um pouco do meu orçamento pra comprar alguns cartões de presente. Nós vamos dar um cartão para cada pessoa que entrevistarmos, e eu espero que isso faça o dia delas um pouco mais feliz.

Ele me virou, me segurando com firmeza no conforto de seus braços.

— Amei a ideia, Mia. E amo você.

Wes parecia precisar cada vez mais dizer que me amava. E eu nunca me cansava de ouvir.

— Obrigada. Agora vamos para o próximo local. Estou pensando no Empire State. Vai ser divertido!

Ele riu.

— Eu percebi o que você está fazendo.

Balancei as sobrancelhas e sorri.

— Conhecendo os pontos turísticos e fazendo o meu trabalho ao mesmo tempo. Eu chamo isso de matar dois coelhos com uma cajadada só.

Wes me puxou para perto mais uma vez e me beijou. Totalmente. Profundamente. Completamente.

De mãos dadas, Wes e eu fomos com a equipe até o topo do Empire State Building, onde encontrei um casal que parecia estar na casa dos oitenta anos. Eles mais que depressa concordaram em me deixar entrevistá-los. Depois que tudo foi montado, e com o casal diante da linha do horizonte de Nova York, as câmeras começaram a gravar.

— Estou aqui com Xavier e Maria Figueroa, no topo do Empire State Building, um dos lugares mais emblemáticos do mundo, para perguntar a eles pelo que são gratos.

O homem levou a mão da mulher até os lábios e deu um longo beijo.

— Eu sou grato pela minha esposa, Maria. Nós estamos casados há sessenta anos. Ela me deu quatro filhos, dos quais eu me orgulho muito, cuidou da nossa casa enquanto eu servi por dezesseis anos nas forças armadas, durante a Guerra do Vietnã, e permaneceu ao meu lado nos momentos bons e ruins.

Ele virou a cabeça e segurou o rosto dela com a mão trêmula.

— Você é o meu grande amor. — E a beijou suavemente enquanto lágrimas deslizavam pelo rosto enrugado da esposa. O cabelo branco da mulher estava preso em um coque perfeito e brilhava contra o céu, agora ensolarado, de Nova York.

Quando olharam para a câmera, ele entregou a ela um lenço de pano, que ela provavelmente havia passado a ferro. A mulher enxugou os olhos e sorriu para mim.

— Agora, Maria, eu tenho certeza de que vai ser difícil superar essa declaração, mas pode me dizer por que vocês estão aqui hoje, no topo do Empire State Building, em um dia de sol, porém gelado?

A mulher alisou o cabelo e olhou para o horizonte.

— Nós subimos aqui todos os anos, no mesmo dia.

— E qual é o significado disso? — insisti.

— Foi aqui que o meu Xavier me pediu em casamento, há mais de sessenta anos. Nós moramos fora da cidade e todo ano estamos aqui para agradecer, um ao outro e à cidade, por nos proporcionar um lugar tão bonito. Nós não temos muita coisa, mas o que nos falta em dinheiro ou modernidade, mais do que compensamos com amor. Não é mesmo, querido? — Ela se aproximou ainda mais do marido, que passou o braço ao redor de seus ombros.

— Com certeza, meu amor.

— Já fomos ao Rockefeller Center e ao Empire State. Qual é o próximo? — Wes perguntou quando entramos em nossa van alugada.

Sorri e apoiei as mãos no banco a minha frente, praticamente pulando de animação.

— A Estátua da Liberdade e Ellis Island, é claro!

Wes revirou os olhos.

— Você está dando uma de turista! — Ele segurou minha mão e a levou à boca para um beijo, da mesma forma que aquele senhor tinha feito com a esposa no alto do Empire State.

— Totalmente! E não tenho vergonha. Eu já tinha vindo a Nova York, mas as circunstâncias não foram boas.

A lembrança das mãos ávidas de Aaron me pressionando contra a parede de concreto da biblioteca perto do Bryant Park me fez arrepiar de desgosto. Percebi que Wes sentiu a mudança, pois seus lábios se apertaram e a mandíbula ficou trincada.

Ele balançou a cabeça.

— Aquilo nunca mais vai acontecer. Eu vou te proteger com a minha vida — ele grunhiu por entre os dentes.

Acariciei sua mão e a apertei.

— Eu sei. Eu sei. Não se preocupe. Esta viagem está sendo incrível. Fiquei noiva do homem dos meus sonhos... — Bati o ombro no dele, tentando aliviar sua irritação com a referência ao ataque que eu havia sofrido. — Nós vimos alguns dos meus melhores amigos. E eu estou aqui com você, entrevistando pessoas e falando sobre gratidão enquanto visitamos os principais pontos turísticos de Nova York. Como poderia ser melhor?

Ele soltou uma expiração lenta.

— Tem razão. Isso aqui é maravilhoso. Estou contente por ter vindo com você.

Eu me aconcheguei ao seu lado e deixei seu calor alimentar minha alma.

— Eu também.

A van parou em frente ao estacionamento da balsa para a Liberty Island. Pagamos as entradas e passamos pelo extenso procedimento de segurança, que levou muito mais

tempo do que eu tinha previsto. Isso significava que teríamos de fazer algumas das entrevistas no dia seguinte. Só tínhamos mais dois dias na cidade, e eu queria passar um deles sozinha com meu noivo, mas isso parecia improvável. Já eram três horas da tarde e logo escureceria, o que não era ideal para as filmagens e para conseguir bons panos de fundo para as entrevistas. O objetivo era fazer o quadro ser visualmente estimulante também. Proporcionar um passeio em Nova York para aqueles que não podiam visitar a cidade pessoalmente. Até agora tinha funcionado bem.

Na balsa, decidi aproveitar para entrevistar alguém que estivesse sozinho. Encontrei exatamente o que eu precisava quando vi uma loira muito agasalhada com impressionantes olhos azuis. O vento soprava seu cabelo, e ela permanecia em silêncio, observando a ilha se aproximar. Interrompendo seu momento, perguntei se ela estaria disposta a participar do quadro. Ela ficou muito feliz. O sotaque escocês me surpreendeu. Descobri que ela era escritora de romances e estava nos Estados Unidos para participar de uma convenção de escritores, mas estava com o dia livre. Então, decidiu passear e ver a linha do horizonte da cidade em toda a sua glória.

Peguei o microfone e fiquei bem perto do gradil da balsa, que navegava através das águas da Upper Bay.

— Pessoal, eu estou no meu primeiro passeio de balsa, indo para a Liberty Island, e encontrei essa mulher encantadora. Janine Marr é da Escócia e está visitando o nosso país a trabalho. Como está sendo a sua primeira visita aos Estados Unidos? — perguntei.

— Fascinante. Estou esgotada, mas, no geral, diria que está sendo inesquecível. Eu adoro os americanos. Todo mundo está sempre com pressa de chegar a algum lugar, como se a pessoa que estão indo encontrar fosse a melhor do mundo, então eles precisam chegar lá rápido. — O sotaque escocês era denso e doce feito melado.

Sorri para a câmera, sem compartilhar seu entusiasmo a respeito de pessoas apressadas, mas adorando sua positividade.

— É uma forma de enxergar as coisas. Bem, eu sei que você vai voltar para a Escócia amanhã e que vocês não comemoram o Dia de Ação de Graças, mas a pergunta é... pelo que você é grata?

Janine olhou ao redor da balsa, para a estátua, o horizonte de Nova York e, finalmente, a baía.

— Pelo mundo. A nossa Terra. Olhe só para isso. Não importa onde você esteja, seja em Nova York ou nas extensas terras da Escócia, sempre existe beleza a ser admirada, em qualquer lugar.

Assim que terminei a entrevista com Janine, peguei seu cartão para me lembrar

de conhecer os romances sensuais que ela escrevia e lhe dei um cartão presente. Era hora de sair da balsa. Antes que os outros turistas pudessem nos arrastar até a incrível e gigantesca Estátua da Liberdade, abordei os Martin, uma família canadense que tinha vindo visitar a estátua pela primeira vez.

— Obrigada, Jacob e Amanda Lee Martin, por me permitirem entrevistar vocês e as crianças antes de conhecerem a nossa bela dama. Vamos começar contando ao público de onde vocês são.

Amanda apoiou sua única menina, a caçula, na lateral do quadril, enquanto o marido segurava os dois meninos gêmeos, um de cada lado.

— Nós viemos de Ottawa, no Canadá — ela disse, com orgulho.

— E estão gostando da viagem até agora?

— Estamos, sim. Só que manter gêmeos de seis anos entretidos, além da nossa garotinha preciosa, em uma cidade deste tamanho não é fácil. — Jacob riu.

— Aposto que não. Bem, eu sei que vocês têm muito para ver, e esses carinhas aqui estão prontos para visitar a nossa estátua supermaneira, não é, meninos? — Minha voz se elevou enquanto eles se concentravam em mim.

Dois pequenos punhos se ergueram no ar, como se estivessem sincronizados, e eles gritaram:

— Sim!

— Muito bem. Então me diga, Amanda Lee, pelo que você é grata?

Seus lindos olhos cor de caramelo ficaram enevoados de lágrimas não derramadas.

— Pela minha família. Eles são tudo o que eu preciso no mundo.

Sorri e inclinei o microfone para seu marido.

— E você, Jacob?

— Eu também. — Ele deu de ombros. — Não tem nada pelo que eu seja mais grato do que a minha esposa, os nossos dois meninos e a nossa menininha.

Sabendo que o público adoraria ouvi-los, eu agachei e a câmera me seguiu. Apontei o microfone para um dos gêmeos.

— Pelo que você é grato?

Ele franziu os lábios, e seus olhos se arregalaram.

— Doces! — Seu tom de voz foi muito mais alto do que eu esperava.

Eu ri.

— Foi uma boa resposta. E você? — Inclinei o microfone para seu irmão.

— A minha bicicleta. Eu adoro a minha bicicleta. Ela é incrível, tem um raio maneiro na frente — ele disse. Todos os adultos riram.

Erguendo-me novamente, inclinei o microfone para perto da garotinha bochechuda, que não devia ter mais que dois anos e meio ou três.

— E você, pequena? Gostaria de contar à América pelo que você é grata?

Em vez de responder, ela empurrou um elefante rosa velhinho na frente do meu rosto, em direção à câmera.

— Você é grata pelo seu elefante?

Ela concordou e, em seguida, enterrou o rosto no pescoço da mãe.

— Obrigada, família Martin, por compartilharem conosco pelo que são gratos.

Eles ficaram mais do que felizes pelos cartões, que totalizaram quinhentos dólares. Me contaram que esta viagem era o sonho da vida deles, mas fez um grande rombo nas finanças da família. O dinheiro que ganharam da TV os ajudaria a repor a quantia retirada da poupança, para que eles pudessem usá-la em uma nova aventura.

Decidi que a última entrevista seria no Great Hall, em Ellis Island. Encontrei um homem idoso ao lado de dois outros homens, um dos quais segurava a mão de um menino que não devia ter mais que oito ou nove anos. Os homens poderiam ser meu bisavô, meu avô e meu pai.

— Com licença. Vocês se importariam se eu os entrevistasse para o quadro de um programa de TV cujo tema é gratidão?

Um dos homens falou em alemão com o mais velho, que assentiu.

— Claro. O meu *opa* não se importa. — Eu sabia que *opa* significa "avô" em alemão.

Tirei alguns minutos para conhecer os três homens e a criança. Eram quatro gerações de Kappmeier. Robert Kappmeier estava na casa dos noventa anos e muito bem para a idade, assim como seu filho, Richard, que tinha quase setenta. O filho dele, Eric, tinha pouco menos de quarenta anos, e o filho de Eric, Nolan, tinha oito.

Quando descobri por que eles estavam ali, não consegui conter as lágrimas. Wes me acalmou enquanto eu tentava me segurar e arrumar a maquiagem da melhor forma possível, sem uma equipe para me deixar impecável para as câmeras. Quando consegui me estabilizar, começamos a gravar.

— Estou aqui em Ellis Island com quatro gerações da família Kappmeier. Obrigada a todos pela disponibilidade.

Falei primeiro com Robert, o mais velho.

— Sr. Kappmeier, obrigada por concordar em conversar comigo. — Ele assentiu. Aparentemente, algum tempo depois que se aposentou, decidiu falar principalmente em sua língua nativa, mas sabia inglês muito bem. — Pelo que o seu

filho e o seu neto me disseram, o senhor passou por Ellis Island em 1949. Isso foi alguns anos antes de ser fechada, em 1954.

— Sim. Aquele foi o melhor dia da minha vida.

— Por quê? — perguntei, genuinamente interessada.

— Porque eu estava livre. A Alemanha havia sobrevivido à derrota dos nazistas, e o país estava dividido. Muitos integrantes da minha família foram prisioneiros de guerra durante esse tempo. Eu prometi à minha mãe, que tinha perdido o meu pai na guerra, que encontraria uma maneira de ser livre. Então, eu deixei o meu país, a minha casa, e encontrei um novo lar. Um lugar onde eu podia me sentir seguro para viver, trabalhar, amar e construir uma família.

— E o senhor diria que é grato à América pela oportunidade que esta terra lhe proporcionou? — perguntei, de forma automática.

Ele assentiu, mas se aproximou do bisneto, Nolan, que apertou a mão do pai, nervoso. O bisavô ergueu o queixo do menino.

— Eu sou grato pela minha liberdade e pela liberdade do meu filho, Richard, do meu neto, Eric, e do meu bisneto, Nolan Kappmeier. Como cidadãos americanos, eles sempre serão livres.

Agradeci aos homens por compartilharem sua história e lhes dei os cartões presente, que eles planejaram doar para a caridade.

Olhando para a câmera com lágrimas nos olhos e com Wes ao meu lado, decidi que o quadro havia chegado ao fim. Não havia necessidade de mais entrevistas.

— Hoje vocês assistiram ao povo de Nova York. Famílias, pais solteiros, visitantes de outros países e gerações de americanos. Descobrimos que essas pessoas são gratas por suas mulheres, maridos, filhos, pais, pelo mundo e, acima de tudo, pela liberdade que a América oferece. Eu gostaria de aproveitar e agradecer a todos os veteranos deste grande país por garantirem que tenhamos um novo dia para sermos gratos, pois eles estão lutando pela nossa liberdade. Eu gostaria de desafiar todos vocês que estão assistindo ao programa a agradecer alguém que signifique muito para vocês. Espalhem a alegria e o amor que recebemos diariamente, muitas vezes sem perceber, e os retribuam. Mais que isso... sejam gratos pelo que vocês têm e se alegrem com isso. Obrigada a todos pela audiência. Até a próxima, no "Vida bela".

No segundo em que o cinegrafista levantou o polegar, Wes me segurou pela cintura e me abraçou.

— Estou tão orgulhoso de você, linda. Esse quadro vai tocar muitas pessoas.

Aconcheguei-me em seu calor, guardando o momento na memória para que

pudesse resgatar esse sentimento de unidade, amor e compaixão nos anos seguintes. Hoje eu estava orgulhosa de mim mesma. Havia desenvolvido e concretizado o conceito do programa, que eu sabia que atingiria milhões de pessoas quando fosse ao ar.

— Vamos comemorar! — Wes falou, deixando uma trilha de beijos do meu pescoço até a orelha, cuja ponta lambeu e mordeu. Um raio de calor disparou pelo meu corpo e atingiu o espaço entre minhas coxas.

— O que você tem em mente? — Levantei uma sobrancelha e sorri.

— Você e eu, uma garrafa de champanhe, uma cesta de morangos, chantili e uma cama macia de hotel.

Sorri.

— Você me ganhou no "você e eu".

7



No momento em que nosso carro alugado parou na frente da grande casa do rancho, uma loirinha de cabelos rebeldes desceu os degraus, balançando os braços, com o pai a reboque.

— Isabel, dê um pouco de espaço pra sua tia sair do carro, querida! — Max gritou da beirada da varanda, enquanto descia.

Também muito animada, saí do carro e peguei a espoletinha quando ela saltou.

— Tia Mia! — ela gritou.

Ouvi-la me chamar de "tia" oficialmente, sabendo que ela compartilhava o sangue que corria em minhas veias, foi um dos momentos mais poderosos dos últimos anos. Segurei minha sobrinha bem perto, deixando-a envolver os braços e as pernas ao meu redor. Ela colocou as mãozinhas nas minhas bochechas.

— Eu quero ser a rainha! — praticamente gritou na minha cara. Ri muito e a abracei com força.

— Você vai ser, meu amor. Eu vou ser a princesa. Ei, está pronta pra conhecer o tio Wes?

Seus olhos se arregalaram.

— Eu tenho um tio Wes? — Suas palavras estavam repletas de empolgação e surpresa, condizentes com seus quatro, quase cinco anos.

Eu a apoiei na lateral do quadril.

— Tem, sim.

Wes se aproximou e segurou a mão dela.

— Olá, Isabel. Eu sou o Weston.

— Que nome bobo. — Isso saiu de sua boca com um sorriso torto.

— Bell! — Max a repreendeu no mesmo instante, mas eu balancei a cabeça e lhe lancei um olhar de reprovação.

Wes riu, feliz.

— Sabe o que é ainda mais bobo? — Ele se aproximou do rosto dela.

Ela apertou os lábios e olhou para o céu.

— Cachorro-quente.

Wes e eu caímos na risada. Max pôs a mão sobre a boca, tentando não rir para não incentivá-la.

— Que foi? — Seu rostinho se contorceu com indignação. — É comida, não é um cachorro que está quente. Muito bobo.

Tive que dar razão a ela. Tinha lógica.

— É verdade. Mas eu estava falando sobre o fato de ter um número no meu nome! — Wes esclareceu.

A boca de Isabel se abriu no formato de um O, e seus olhos se arregalaram.

— Não acredito!

— Pode acreditar. O meu nome é Weston Charles Channing Terceiro. — Ele levantou três dedos, e ela olhou para eles como se estivessem prestes a disparar feito pequenos foguetes, bem diante de seus olhos.

— Uau. Que legal! Papai, eu posso ter um número no meu nome? Eu gostaria de ser número cinco.

Nesse momento, Max riu.

— Querida, você já foi registrada. E não, você não pode ter um número no seu nome. Mas você vai fazer cinco em abril. Pode esperar até lá?

— Não, papai, não posso mesmo. É muito tempo. — Ela fez beicinho e eu beijei seu rostinho doce. Tinha cheiro de xarope de bordo e giz de cera.

— Vá lá pra dentro, Bell, e diga à mamãe que a sua tia e o seu tio chegaram. Tudo bem?

Ela remexeu os pés, então eu a coloquei no chão e ela saiu correndo. Cara, as crianças se movem muito rápido. Aonde quer que vão, saem correndo, mesmo que o destino esteja a seis metros de distância.

Fui até o meu irmão e encostei o rosto em seu peito. Passei os braços ao redor de seu corpo grande e o abracei o mais apertado que pude. Ele cheirava a couro e sabão em pó. Familiar e confortável.

— É tão bom te ver, meu anjo. Ter você aqui para o Dia de Ação de Graças significa, hum, você sabe... — Ele simplesmente deixou as palavras morrerem, e sua voz soou mais rouca que o normal.

Eu sabia o que significava para ele. Maxwell Cunningham era, acima de tudo, um homem de família. Milionário, mas ele dizia que era o amor de sua família que fazia dele um homem rico, e não os milhões de dólares em sua conta bancária.

— Maxwell Cunningham, este é o meu noivo, Weston Channing.

Max abriu um enorme sorriso, estendeu a mão e, no segundo em que Wes a apertou, ele o puxou para um abraço com tapinhas nas costas, como os homens geralmente fazem.

— É um prazer te conhecer, parceiro. A Mia quase ficou louca quando você sumiu. Aposto que você está contente por estar de volta aos Estados Unidos e com a nossa garota.

Eu não teria acreditado se não tivesse visto com meus próprios olhos, mas as bochechas de Wes ficaram vermelhas. Ele balançou a cabeça, arrastou os pés e assentiu. Eu também reparei que ele não ficou enciumado quando Max falou "nossa garota", como havia ficado quando Anton fez um comentário parecido. Interessante.

— É muito bom estar de volta. Eu só pensava nessa mulher linda e em fazê-la minha. — Ele passou um braço ao redor da minha cintura e me puxou para seu lado.

Os olhos de Max se suavizaram, enrugando nos cantos.

— Às vezes um homem tem que passar pelo inferno para valorizar aquilo que tem de bom. Eu acho que você aprendeu da maneira mais difícil, e lamento por isso, mas estou feliz por você estar de volta à terra dos livres e ao lar dos bravos. Bem-vindo ao meu rancho. — Suas palavras eram típicas de um caubói, e eu amei o meu irmão ainda mais por isso.

Wes inclinou a cabeça e me apertou em seu abraço. Olhou para a terra ao nosso redor, com os olhos num tom de verde incrível.

— Este lugar é fantástico. Você é dono de todo esse terreno? — Wes perguntou, indicando as árvores e para além delas.

Maxwell apontou as áreas para onde queria que olhássemos.

— Uma parte pertence à Cunningham Óleo e Gás, mas um grande lote é meu. Está vendo aquele celeiro com o J no alto? Ali já é a propriedade dos Jensen. Você conhece a Aspen.

Wes levantou a mão para olhar para o celeiro.

— Puta merda, esqueci completamente. Eu estive aqui no casamento da Aspen e do Hank, há alguns anos. — E olhou para Max. — Cara, nós já nos conhecemos.

Maxwell riu e concordou.

— Sim, no casamento, mas foi muito rápido. Vamos entrar. Quero te apresentar para a minha esposa, Cyndi. — Ele começou a subir os degraus, mas Wes o deteve.

— E aquela parte lá? — Apontou para uma vasta extensão de grama alta e

árvores em abundância.

— É nossa também. O terreno ao lado da fazenda dos Jensen eu vendi para a Aspen e o Hank quando eles se casaram. Os dois juraram que não iam vender. Também sou dono dos hectares que cercam a minha propriedade. Tem algumas casas vazias, e eu estou em dúvida se me desfaço delas ou as mantenho na família.

Wes franziu os lábios e segurou o ombro de Max.

— Eu acho que você deve manter na família. — A voz de Wes soou como uma imitação ruim de um sotaque do sul, tipo o de Max.

— Acho que você tem razão — Max falou, e algo surgiu em seu rosto enquanto ele e Wes se comunicavam sem palavras. — Essas casas vão precisar de um bom trato e muito esforço físico — ele disse.

Eu estava perdida na conversa e passei na frente dos dois, fugindo daquele papo chato sobre casas e terrenos.

— Eu não me incomodo com trabalho duro. — Foi a última coisa que ouvi Wes dizer. Provavelmente eu deveria ter me preocupado, mas, francamente, estava muito interessada em conhecer meu sobrinho para me preocupar com fazendas e terras.

— Vamos lá, pessoal. Eu quero conhecer o bebê Jack!

É oficial. Não há nada mais doce do que segurar um bebê de algumas semanas. A parte mais legal era que seus olhos pareciam verdes, como os meus, os de Maddy e Max. Ele tinha algumas mechas de cabelo castanho no alto da cabeça, que cheirava a talco.

— Acho que ele vai ser moreno — falei em voz alta, para ninguém em particular.

Cyndi se sentou a meu lado.

— Sério? — Ela passou a mão no cabelo dele. No segundo em que Jack sentiu o cheiro da mamãe, seus lábios se franziram e a boca começou a fazer movimentos de sucção. Em seguida, ele começou a mexer a cabeça. — Humm, alguém está com fome — ela arrulhou para o filho.

Em vez de sair da sala, Cyndi pegou a manta que estava pendurada no sofá, cobriu o ombro e o braço, mexeu em algo debaixo do tecido e então eu pude ouvir Jack mamando. A vida de uma supermãe.

— Dói? — perguntei, olhando para ela.

— Não vou mentir, Mia. Dói muito nos primeiros dias, e os mamilos podem rachar ou sangrar, mas a conexão que você sente com o bebê, o sustento que ele recebe do seu leite, faz você passar tranquilamente pelos dias de tortura.

— Tortura? — Engoli em seco.

Ela sorriu.

— Eu juro que vale a pena. Falando nisso, estou vendo que preciso lhe dar os parabéns — ela disse, olhando para minha mão direita.

Fiz uma careta.

— O Max não te contou?

— Claro que sim. Está brincando? Ele não esperou nem dois segundos pra me contar. Foi basicamente o tempo de desligar o telefone antes de gritar pela casa que as duas irmãs iam se casar. Até acordou o Jack e a Isabel.

Olhando ao redor da sala, me certifiquei de que não havia ninguém por perto.

— Se o pops não acordar, eu vou pedir para o Max me levar até o altar.

Os olhos de Cyndi se encheram de lágrimas, e ela começou a fungar.

— Você não tem ideia de quanto isso vai significar para ele. — Uma lágrima caiu pelo seu rosto, e ela a enxugou.

— Não chore. — Eu me encolhi, achando que não devia ter dito nada.

— Ah, querida, são os hormônios. Eu choro por tudo. Ontem eu estava vendo TV e apareceu um comercial de antiácido. A mulher estava grávida, com a mão no coração. Sim, isso me fez chorar. Lembrei da azia que tive na gravidez do Jack e caí no choro. Sério, eu estou bem. — Ela riu.

Uau. A gravidez mexe bastante com a mulher. Muito mesmo.

Como eu lidaria com isso? Será que queria mesmo? Pensei em Weston segurando nosso filho ou filha e decidi que sim: eu passaria por qualquer coisa para ter um bebê com os olhos de Wes olhando para mim, um dia.

— Vocês resolveram parar? De ter filhos? — perguntei quando ela ajeitou Jackson no colo, sonolento, fechou a camisa e recolocou a manta em cima do sofá, como se nada tivesse acontecido. Supermãe.

— Não. Acho que nós vamos ter mais dois.

Meus olhos se arregalaram.

— Quatro crianças?!

Ela sorriu.

— O Max quer seis! Eu me comprometi com quatro. Ele quer uma família *grande* ao seu redor em todos os momentos. Diz que o esforço vale a pena, e adora

voltar pra casa depois de um dia de trabalho e ouvir o barulho das crianças. Ele quer dar o seu nome e o da Maddy para os próximos bebês. E eu concordei.

Estreitei os olhos.

— Cyndi, vocês já fizeram isso colocando Saunders como nome do meio do Jackson. Não precisam fazer mais nada. Sério.

Ela balançou a cabeça.

— Nós queremos que os nossos filhos conheçam as tias e cresçam com elas na vida deles. Que saibam que os nomes que escolhemos são de boas pessoas, que os amam. Quem melhor do que as tias?

Eu poderia pensar em uma centena de pessoas mais merecedoras, mas seria chover no molhado. Eu havia descoberto da forma mais difícil que, quando Max e Cyndi tomavam uma decisão, jogavam pesado e não perdiam para ninguém. Os dois eram o tipo de pessoa que todo mundo quer ter na família. Pessoas sempre dispostas a te apoiar, te amar e te colocar em primeiro lugar. Mais um motivo para ser grata.

O som de pneus sobre o cascalho e dos pezinhos de Isabel descendo as escadas numa corrida louca anunciou que Maddy e Matt tinham acabado de chegar.



De mãos dadas, Wes e eu caminhamos entre as árvores na propriedade do meu irmão.

— O Max é um grande cara — ele falou, desviando de uma tora.

Sorri e apertei sua mão.

— Ele é. O melhor.

— E a sua irmã... uau. É como encontrar o exato oposto de você, mas de alguma forma muito igual. — As pequenas linhas em sua testa se tornaram mais visíveis quando ele apertou os lábios.

Eu ri.

— A Maddy é puro amor. Tudo nela exala esse sentimento. Ela é um espírito livre. Só que, em vez de ter uma natureza hippie, ela é do tipo inteligente, que enfia a cara nos livros e não deixa que nada a desvie do foco. Acho que é isso que atrai o Matt. Ele é mais reservado, conservador, mas a família dele é ótima e completamente a favor de ele e a Maddy estarem morando juntos.

Wes assentiu.

— Que bom. Deve ser legal saber que você não precisa mais tomar conta de tudo pra ela.

Dei de ombros.

— Não sei. Você pode pensar assim, mas eu passei a vida cuidando dela, garantindo que tudo estivesse o mais perfeito possível. Era como se fosse o meu propósito. Ela está arrasando na faculdade, prestes a se formar. O Max já pagou as próximas anuidades para que ela possa fazer o mestrado e o doutorado. Os Rains pagam o apartamento dela e do Matt para que eles não precisem trabalhar e possam se concentrar nos estudos. E agora que ela tem dinheiro, que o Max cuidou disso pra ela, não precisa de mim pra mais nada.

Wes parou no meio de uma clareira. Nós tínhamos caminhado cerca de meio quilômetro da casa de Maxwell. Eu mal podia vê-la àquela distância através do bosque.

— Isso te faz sentir inútil? — Ele inclinou a cabeça e esperou que eu respondesse.

Pensei na palavra "inútil", verificando se ela se encaixava na situação.

— Não exatamente. Eu me sinto mais... desnecessária. Não estou acostumada a ser desnecessária para a minha irmã.

Ele deu uma risadinha.

— Eu não iria tão longe a ponto de dizer que você é desnecessária pra ela. Desde a hora em que eles chegaram, eu percebi que você é a referência dela. Mesmo conhecendo todo mundo naquela sala, tirando eu, ela foi imediatamente até *você*, se sentou do *seu* lado no jantar, ficou com *você* o tempo todo. Mia, eu acho que você é muito mais que a irmã dela. Você é o centro do mundo da Maddy. Assim como é o centro do meu mundo.

Senhor, eu amava aquele cara. Ele sabia exatamente a coisa certa a dizer para me fazer sentir melhor.

— Eu sei que ela está crescendo e que as coisas estão mudando. Mas é muito difícil. Eu fui responsável pela Maddy desde que ela tinha cinco anos.

A mandíbula de Wes endureceu e um músculo pulsou em sua bochecha.

— Você não tinha nada que ser responsável pela sua irmã. Você só tinha dez anos. A sua mãe e o seu pai fizeram escolhas erradas, e, embora as coisas tenham dado certo pra você e a Madison no final, você não devia ter sido obrigada a desistir da sua infância. Não é assim que nós vamos criar os nossos filhos — ele falou, num tom duro.

Momento perfeito para tocar no assunto que ainda não havíamos discutido.

— Então você quer ter filhos? — perguntei, tentando parecer indiferente. Por mais que eu quisesse um filho ou dois, ainda não estava completamente convencida, como algumas pessoas que eu conhecia, tipo a Cyndi parideira.

A cabeça de Wes se ergueu.

— Claro que eu quero. Você não?

O fôlego que eu nem sabia que estava prendendo enquanto aguardava sua resposta deixou meus pulmões como uma nuvem de neblina no céu do Texas.

— Com você eu quero.

Ele se aproximou de mim e segurou minha cintura com calma. Fiquei feliz por ele ter feito isso. Uma conversa como aquela necessitava que um tocasse o outro.

— Eu nunca tinha pensado nisso antes de você, e acho que isso diz muito sobre o nosso relacionamento — completei.

Wes abriu um daqueles sorrisos de parar o coração, o que me deixou querendo pular em cima dele e tomá-lo ali mesmo, em campo aberto.

— Eu também não. Bom, não a sério. Quando eu pensava na vida durante o sequestro, ficava te imaginando grávida, carregando o nosso bebê e de mãos dadas com a nossa filha, num futuro não muito distante. Isso me dava esperança. Alguma coisa a desejar e sonhar durante tempos sombrios. — Wes limpou a garganta. — Às vezes eu estava com os olhos bem abertos, mas só conseguia ver você e um futuro que eu tinha medo de que não se concretizasse. Mais uma vez, é por isso que eu não quero esperar pra casar com você. Eu quero viver cada dia ao máximo e aceitar tudo que acontecer no nosso caminho juntos.

Passei os dedos pelo seu cabelo loiro-escuro.

— Eu gosto muito dessa ideia. — Fiquei na ponta dos pés e grudei a boca na dele. Nós nos beijamos como se nunca mais fôssemos ter outra oportunidade. De maneira feroz. Indomável. Selvagem.

O beijo esquentou e não havia nada nem ninguém por perto para impedir que aquilo continuasse. Wes estava fogoso, as mãos acariciando minhas costas para cima e para baixo e depois agarrando minha bunda. Ele me ergueu com facilidade, eu envolvi as pernas ao redor de sua cintura e mergulhei mais a língua em sua boca. Antes que percebesse o que estava acontecendo, estávamos em movimento, seus passos largos e determinados.

Em cerca de seis metros, estávamos de volta ao meio das árvores, minhas costas apoiadas em um tronco enorme. Os galhos pareciam quase tocar o céu, e o tronco era muito mais largo que nossos corpos. Wes deixou que meus pés tocassem o chão e rapidamente abriu o botão e o zíper da minha calça.

— Aqui? — Olhei ao redor, me certificando de que realmente não havia ninguém por perto.

Ele se ajoelhou, tirou meus tênis, a calça e a calcinha, me deixando só de suéter e casaco longo. Se aproximou do meu centro molhado e me cheirou.

— Cacete, eu adoro o seu cheiro quando você está excitada. — Seu olhar encarou o meu enquanto sua língua tocava deliciosamente meu clitóris. Eu gemi e segurei seu cabelo.

— Você está louco — sussurrei.

— E você é saborosa. Agora se incline pra trás e aproveite. — Ele abriu meus lábios com os polegares e me lambeu da entrada do meu sexo até o clitóris.

Levou exatamente um minuto para que eu estivesse pressionando sua cabeça em meu centro, me esfregando descaradamente em seus lábios, procurando com desespero aquele ponto que me levaria ao clímax. Ele segurou minha coxa, levantou-a e a apoiou no ombro para ter melhor acesso.

— Ah, caramba, Wes. Eu vou gozar.

Ele girou a língua o mais profundamente possível nessa posição, me penetrando. Meu corpo estava formigando, o orgasmo quase ali.

— Baby... — avisei uma vez, para o caso de ele querer parar e me tomar com seu pau.

Ele rosnou, me abriu mais e chupou o clitóris com força. Não precisou fazer mais nada. Meus poros gritavam, e os neurônios foram inundados de sensações. Meu corpo inteiro chiou com o calor quando uma bela onda de prazer me percorreu. Eu me esfreguei em seu rosto como um jóquei premiado monta um cavalo de corrida.

O orgasmo me atingiu, envolvendo meu corpo, até que seus lábios me deixaram enquanto eu ainda tremia. Gritei. Eu ainda não havia terminado com ele nem com sua língua talentosa.

— Não!

E, então, tudo ficou certo no mundo novamente quando, de alguma forma, ele desabotoou a calça, tirou o pau grosso para fora e me penetrou em um impulso brutal. Wes me ergueu, puxou minhas pernas para cima e eu as envolvi em sua cintura, querendo-o mais perto. Minhas costas se chocaram contra a árvore e sua mão protegeu minha nuca, para que não batesse no tronco com a força dos impulsos.

— Eu vou te foder até você gozar de novo. Eu quero engolir esse orgasmo dos seus lábios — ele falou, com a boca colada na minha, e mergulhou a língua dentro

dela. Senti o gosto da minha excitação, salgado e doce ao mesmo tempo.

Gemi e inclinei a cabeça para trás enquanto ele mordiscava meu pescoço exposto.

— Eu te amo, Wes. Meu Deus, eu te amo tanto que às vezes dói.

O homem golpeava meu corpo contra aquela árvore como se fosse um lenhador cortando madeira. Só que era o meu sexo que ele penetrava com seu pau grosso, do mesmo jeito que eu imaginava um machado golpeando uma árvore. Com força. Implacável. Cruel.

— Goza — Wes grunhiu entre os dentes, mantendo o ritmo das estocadas.

— Baby, eu preciso que você se movimente — implorei.

Ele fez um movimento circular com o pau e eu gemi. Quando ofeguei, sinalizando que ele havia atingido o ponto certo, meu noivo sorriu maliciosamente. Em seguida tirou o pau para fora, até a ponta, e me penetrou novamente. A cabeça do seu membro acertou aquele lugar especial dentro de mim que me fazia chegar ao êxtase.

— Ah, isso, você vai gozar de novo pra mim. — Ele metia sem parar, sem me deixar uma única vez. Sua testa estava suada, e a respiração saía em baforadas contra meu rosto.

Os quadris de Wes se moviam tão rápido que eu não conseguia manter o ritmo. Seu pau atingiu meu ponto G novamente, até que meu corpo pareceu derreter e eu praticamente uivei minha libertação para o céu do entardecer.

Ele gozou logo em seguida, jorrando seu líquido quente a cada estocada, até que nós dois terminamos. Moles e saciados, ainda conectados, apoiados em uma árvore gigantesca na floresta do Texas.

8



Depois de nos limparmos da melhor maneira possível, Wes pegou minha mão e me levou de volta para a casa de Max.

— Eu vou comprar esta terra do seu irmão. Nós vamos reformar aquela casa, ou então demolir e construir uma nova. O que você quiser — Wes disse, de repente.

Minha mente estava longe do assunto de compra de terras e reforma de casas. Ela ainda estava em êxtase absoluto por ter sido agarrada contra uma árvore pelo homem que eu amava.

Quando as palavras finalmente chegaram à parte pensante do meu cérebro, parei de andar. Ainda tínhamos tempo antes do jantar de Ação de Graças.

— Espera. Desculpa se eu não consigo acompanhar o raciocínio depois de trepar contra uma árvore há menos de dez minutos. O que você disse?

Wes umedeceu os lábios, como se ainda estivesse sentindo meu gosto. Provavelmente estava. Depois que me tomou com a boca, ele me comeu intensamente contra a árvore, e eu tinha as marcas do tronco nas costas para provar. Quando mexi os ombros, senti o suéter roçando nos pontos sensíveis. Com sorte não haveria nenhum ferimento, só o corpo dolorido para me lembrar da nossa brincadeira.

— Vou conversar com o Max sobre comprar esta parte das terras dele. Ele tem centenas de hectares e disse que aqui já foi uma fazenda, assim como as terras mais para baixo. E disse que as duas estão desocupadas.

Tentei compreender o que ele estava sugerindo.

— Nós nem vimos a casa. Só conhecemos um pouco da propriedade. Como você sabe que quer comprar?

Wes se virou e olhou para o bosque de árvores robustas que tínhamos acabado de deixar, ao longo da segunda área de terra aberta que conduzia ao rancho de Maxwell. Encolheu os ombros.

— Não importa como é. Nós podemos construir alguma coisa do nosso jeito se não gostarmos. A questão é: nós teríamos uma casa de família. Longe do brilho e do glamour do sul da Califórnia.

Levantei as mãos.

— Espere um pouco. Você está me dizendo que quer se mudar de Malibu? — Eu estava monumentalmente confusa. E não apenas por causa do sexo alucinante. — Você ama praia. *Eu* amo praia. — Apontei para o peito, meu coração já apertado com a ideia de nossa casa em Malibu não ser mais nossa.

— É verdade. Mas nós temos dinheiro. Muito. Mais do que precisamos. E, do jeito que a sua carreira está indo, você vai querer ter um lugar pra escapar quando a Califórnia ficar sufocante demais. Além disso, você mesma disse que a Madison vem morar aqui quando terminar os estudos.

— Na verdade ela mencionou que queria vir pra cá depois da graduação. O Max ficou de arrumar uma universidade aqui pra ela fazer o mestrado e o doutorado e começar a trabalhar na Cunningham Óleo e Gás no mesmo período. O Matt e a família vão se mudar pra cá também.

O rosto de Wes se iluminou. Parecia que, quanto mais ele pensava na ideia, mais animado ficava.

— Perfeito. Eles podem viver naquele outro lado. O Matt disse que ele e a família querem investir em agricultura, e podem fazer isso na nossa terra também. Claro, nós vamos ser parceiros nisso, e vamos ter mais uma casa. Um lugar que vamos poder visitar todo mês. Assim você não vai perder a infância da Isabel e do Jackson nem ficar longe da sua irmã por muito tempo. Seria vantajoso pra todo mundo.

O que ele estava oferecendo era mais do que eu jamais havia imaginado. Meu amor por esse homem era ilimitado.

— Você faria isso por mim? — perguntei, minha voz falha de amor e felicidade.

Ele balançou a cabeça.

— Não. Eu faria isso por nós. Você não quer ficar longe da sua irmã e eu não quero ficar longe da minha família. Nós vamos ter casa nos dois lugares. Vamos poder planejar pelo menos uma viagem por mês. Vamos fazer disso uma coisa regular, assim todo mês passamos alguns dias no Texas. Quando não estivermos gravando, podemos passar algumas semanas aqui. Sempre que quisermos. Eu tenho certeza de que podemos combinar com a Cyndi pra que ela fique de olho nas coisas e abra a casa de vez em quando pra arejar.

Ele não viu quando me movi, mas ainda assim me segurou quando pulei,

envolvi as pernas ao redor da sua cintura e o beijei com todas as minhas forças.

— Eu te amo. — Beijei seu rosto. — Eu te amo. — Beijei a testa. — Eu te amo. — Beijei o queixo. — Eu te amo. — Beijei os olhos. — Eu te amo tanto. Não vejo a hora de me casar com você! — gritei, antes de colar a boca na dele.

Wes pareceu gostar da minha maluquice e riu o tempo todo, até não poder mais, quando seus lábios ficaram muito ocupados com os meus.



— Sim! Não estou brincando. Não, mãe, não estou. Nós queremos fazer uma cerimônia pequena na praia, na nossa casa em Malibu, e depois a festa na sua. — Wes riu e passou a mão pelo cabelo. Seu sorriso apareceu no momento em que ele ligou para a mãe, não só para anunciar que iríamos nos casar, mas também que seria logo. — Eu sei que são só cinco semanas. Vou contratar um cerimonialista pra organizar tudo. Não, mãe, você não... Mãe, nós não te ligamos pra contar e fazer você assumir a responsabilidade.

Fale por si. De jeito nenhum eu iria organizar um casamento. Por mim, nós diríamos "sim" na praia e transaríamos feito coelhos na nossa cama logo depois. Eu não precisava de bolo e toda aquela ladainha. Só de Wes. Ele era tudo de que eu precisava.

Meu noivo se virou e olhou para mim. Eu estava sentada na cama, de pernas cruzadas, inclinada para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos debaixo do queixo. Ele andou pelo quarto com um sorriso enorme no rosto.

— Eu sei que é loucura, mãe, mas eu estou loucamente apaixonado. Não, não é demais. Eu estou bem. Na verdade, isso vai me deixar melhor do que nunca. Casar com a mulher com quem eu quero passar o resto da vida vai me ajudar ainda mais no processo de cura.

Wes acreditava que eu era a razão pela qual ele estava melhorando depois do sequestro. Eu achava que era por causa de sua psiquiatra, mas ainda havia coisas nas quais ele precisava trabalhar. Seu recém-descoberto ciúme de mim era uma delas. A segunda era a necessidade de definir nosso futuro tão rápido. As boas notícias? Ele não tinha pesadelos havia mais de uma semana. Ali no Texas ele estava dormindo melhor do que nunca. Quando estávamos em casa, ele acordava assustado, ia para a praia e ouvia o mar até estar cansado o suficiente para voltar para a cama. Muitas noites eu o encontrava andando pela praia, olhando para o mar em vez de estar

dormindo, enrolado em mim. No Texas, não. Ali na casa do meu irmão, com toda a família reunida, ele apagava. Talvez fosse pelo fato de estarmos longe da agitação. Wes parecia se sentir confortável com o silêncio das noites no campo.

Ele parou de andar pelo quarto.

— Sério? Você vai cuidar da festa? — Seus olhos encararam os meus. — A Mia fica sensacional de verde — Wes disse, olhando de soslaio para mim. — Eu sei que ela não vai usar essa cor. Vou perguntar a ela. Mia, que cores você quer no casamento?

Fiz uma careta.

— Sei lá. Eu tenho que escolher uma? — *Hã?* Nunca me ocorreu que eu me preocuparia com esse tipo de coisa. Quer dizer, eu já tinha visto casamentos em filmes em que havia uma horda de madrinhas. Eu só queria Maddy e Gin.

— Minha mãe está dizendo que você precisa escolher duas cores para que ela saiba que tipo de decoração contratar.

— O que ela decidir está bom — falei, despreocupada.

— Mãe, não. A Mia só não é tão mulherzinha assim. Quer dizer... — Seus olhos deslizaram pelo meu corpo, de cima a baixo. — Ela definitivamente é toda mulher, mas não liga pra esse tipo de coisa. Não mesmo... Sério, você pode escolher o que quiser. Não, ela não se importa. Mãe... — Ele voltou a caminhar.

Ao ouvi-lo discutir algo que obviamente deveria ser minha responsabilidade, gritei:

— Verde-claro e creme.

Wes parou.

— Espere aí. Que cores, linda?

Timidamente, juntei as mãos e girei os polegares.

— Acho que verde-claro e creme ficaria bonito.

Wes abriu um sorriso enorme. Deus, era fácil agradá-lo.

— A Mia disse verde-claro e creme. Ah, sim. Flores simples. O que você quiser. Sim, o que quiser. — Ele revirou os olhos, apontou para o telefone e fez cara de louco. — A Mia e eu vamos cuidar da cerimônia. Sim, nós vamos alugar cadeiras, um gazebo e tudo o mais. Mãe, se concentre na festa. Quantas pessoas?

Fiz uma contagem rápida de quem eu queria convidar: Maddy, Matt, Maxwell, Cyndi, as crianças, Ginelle, Tai e Amy, Anthony e Hector, Mason e Rachel, Warren e Kathleen, Alec, Anton e Heather, tia Millie, meu pai — se ele acordasse — e talvez mais algumas poucas pessoas.

— Vinte e cinco pra mim.

— Vinte e cinco. Espera aí, mãe. — Ele levou o celular ao peito. — Só isso? Só pra cerimônia, né?

— Não, no total.

Wes piscou.

— Mãe, vai ser um casamento bem pequeno. A Mia deve convidar no máximo vinte e cinco pessoas. Então nós precisamos limitar a cerimônia na praia à família. Sim, estou falando sério.

Gemi por dentro. Eu nem tinha começado a procurar o vestido de noiva, e o fato de não ter muitos familiares estava me fazendo parecer uma otária para minha sogra.

— Como assim, "quem"? Jeananna e a família, os meus parentes próximos, mãe. Vamos discutir isso mais tarde. Vamos fazer uma lista com umas trinta pessoas para a praia. Convide quem quiser pra festa, mas nós queremos uma coisa simples. Não gostamos de nada pomposo. Boa comida, bebida, música e vamos ficar satisfeitos. Certo, Mia?

Sorri. Meu noivo me conhecia bem.

— É isso aí! — Mandei um beijo e ele balançou as sobrancelhas.

— Bom, eu tenho que ir. Feliz Dia de Ação de Graças pra você, o meu pai e toda a família. Diga que eu amo todo mundo e que vamos estar em casa logo. Sim, nós vamos voltar antes do Natal. Eu te amo também.

Wes desligou e jogou o celular sobre a cama antes de vir para cima de mim.

— Você tem muita sorte por eu te amar tanto. Isso foi terrível.

— Conversar com a sua mãe foi terrível? — provoquei.

— Não. Conversar com a minha mãe sobre o casamento, quando nenhum de nós está preocupado com outra coisa além do "sim". Você me deve essa. — Ele forçou os quadris contra mim, e eu envolvi as pernas ao seu redor, trazendo seu corpo para mais perto.

— Humm. E como posso pagar? — Enrolei uma mecha do cabelo dele no dedo.

— Sendo a minha escrava sexual pelo resto da vida — ele brincou.

Sorri.

— Menino safado. Acho que você devia ceder um pouquinho.

— Nem vem. Eu quero você pro resto da vida.

Entrelaçando os dedos em seu cabelo, eu o beijei.

— Acho que nós podemos fazer isso.

— Não, *eu* vou fazer isso.

Dei risada.

— Essa piada de novo?

Ele riu e espalhou um monte de beijos pelo meu pescoço.

— É velha mas é boa.

— Tipo uma punheta?

Ele levantou o rosto.

— É uma analogia perfeita. Uma punheta também é velha, mas muito boa. Posso ganhar uma agora?

Com isso, coloquei a mão entre nós. No momento em que meus dedos tocaram o botão de sua calça jeans, uma batida na porta nos assustou. Pulamos, como se alguém tivesse jogado um balde de água gelada sobre nós.

— A Cyndi está chamando para o jantar! Venham — Max falou. Pelo menos ele teve a decência de não entrar. Eu não lembrava se tinha trancado a porta ou não.

Em seguida, o ouvimos bater em outra porta e repetir o chamado, só que dessa vez ele disse: "A comida está pronta".

Wes me ajudou a levantar.

— Ah, e a minha mãe disse que no ano que vem o jantar de Ação de Graças é na casa dela. — Ele respirou por entre os dentes.

Balancei a cabeça.

— Então você vai falar com o Max. De preferência quando eu não estiver por perto.

— Medrosa! — Ele sorriu, entrelaçando os dedos nos meus, e me levou para fora do quarto, seguindo pelo corredor para o nosso primeiro jantar de Ação de Graças juntos. O primeiro jantar de Ação de Graças de verdade de que eu podia me lembrar.

O único problema era que eu estava com saudade do pops. Ele adoraria estar sentado a uma mesa grande com a família. Eu nunca tive isso, embora ele houvesse tentado do seu jeito. Lembrei dos inúmeros feriados em que ele fazia frango frito ou comprava no KFC — isso quando não estava completamente bêbado e esquecia a data.

Ainda assim, eu sentia falta dele.

Cyndi e Max haviam se superado. Para um casal com um bebê recém-nascido, eles arrasaram nas comemorações do feriado. Numa grande sala ao lado da cozinha, a

mesa de jantar de dezesseis lugares foi posta para seis adultos e uma criança. Jackson estava dormindo confortavelmente no moisés ao lado da cabeceira da mesa. Música suave tocava — alguma peça de Chopin. Eu só sabia porque ele era o meu compositor favorito, embora Wes estivesse me apresentando a outros clássicos. Ele gostava de ouvir música clássica quando estávamos no carro ou sentados no deque com vista para o oceano.

Havia um caminho de mesa no centro dela. Os lugares tinham sido postos mais próximos de uma ponta do que da outra, o que deixou espaço para todas as travessas de comida. Max e Cyndi haviam preparado um banquete e tanto. Os pratos, as taças de cristal e os utensílios brilhavam à luz das velas. O efeito era incrivelmente bonito. Eu nunca tinha me sentado a uma mesa como aquela. Nunca sequer havia sonhado que um dia teria essa oportunidade.

Todos se juntaram e ficaram de pé atrás das cadeiras. Max estendeu as mãos.

— Vamos agradecer.

Ele fez uma oração e terminou pedindo um momento de silêncio para enviarmos gratidão e amor àqueles que não estavam conosco. Mais uma vez meus pensamentos se voltaram para meu pai, deitado numa cama de hospital em Las Vegas, em coma. Sozinho. No Dia de Ação de Graças. Mesmo que muitas vezes ele não celebrasse o feriado por estar bêbado ou qualquer outra coisa, ainda estávamos sempre juntos. Quem estava com ele agora? Ninguém. Senti o peito apertar e esfreguei o local.

— Está tudo bem? — Wes sussurrou, puxando a cadeira para eu me sentar. Sempre cavalheiro.

Na verdade, cada homem puxou a cadeira da sua mulher. Max fez isso até para Isabel, antes de se sentar.

— Sim. Só estou triste porque o meu pai não está aqui pra passar o feriado com a gente. Acho que ele ia gostar.

— Ia mesmo. — Maddy deu um leve sorriso e se sentou.

Uma vez que todos estávamos à mesa, começamos a nos servir. Havia peru recheado, purê de batata, milho-verde, molho de carne, caçarola de vagem, molho de cranberry, pãezinhos assados na hora e muito mais. Juro por Deus, não havia espaço suficiente no meu prato.

— Todo mundo come tanto assim no jantar de Ação de Graças? — perguntei, olhando para meu prato cheio.

— Verdade! — Maddy bufou e levantou o prato. — Nem cabe tudo! — E riu.

Max, Cyndi, Matt e Wes pararam e olharam para nós duas.

— O quê? — questionei. — Só estou dizendo que é muita comida para um jantar.

Wes cerrou a mandíbula e Max levou a mão à boca.

— Quando foi a última vez que você e a Maddy tiveram um jantar de Ação de Graças, com peru e tudo?

Olhei para a quantidade insana de comida. De modo algum conseguiríamos comer tudo aquilo. Mas, do jeito que eu estava salivando só com o cheiro, faria um esforço sincero.

— Hum, não sei. Mads? — perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— Nós nunca tivemos um jantar com peru. Quer dizer, nós comemos peru no cassino, e eu lembro de já ter comido peito de peru, mas nada parecido com isto. Me faz lembrar os bufês no Caesar's. Eles serviam cada jantar de Ação de Graças! Lembra aquele ano em que a gente entrou lá escondido?

Ela riu e eu sorri, recordando o dia em que decidimos que teríamos um jantar de Ação de Graças de qualquer jeito. Então saímos de casa, andamos três quilômetros pela Strip e entramos no Caesar's Palace sem que ninguém percebesse. Havia tantas pessoas por ali que nem notaram as duas meninas enchendo os pratos e saindo. Ou talvez não tenham se importado. Essa história soa como um daqueles filmes tristes feitos para a TV, mas nós nos divertimos horrores.

Eu ri.

— Foi o melhor jantar de Ação de Graças que tivemos... bom, até agora — falei, enquanto mergulhava um pedaço de peru no molho. — Ah, cara, isso é tão bom!

Max cruzou as mãos sobre o peito.

— Vocês estão dizendo que nunca tiveram um jantar de Ação de Graças ao redor de uma mesa? Sendo que vocês têm vinte e cinco e vinte anos?

Pensei no que ele disse. Honestamente, nunca tínhamos pensado que estávamos perdendo alguma coisa. Não se sente falta de algo que nunca se teve. Em vez de responder, apenas assenti e provei o recheio do peru.

— Esse recheio está uma delícia, Cyndi! — elogiei.

Seu rosto se iluminou de vaidade.

— Obrigada. Espere até provar a caçarola de vagem do Max. Ele não cozinha muito, mas faz uma caçarola incrível!

Eu me senti grata por ela me ajudar a alterar o rumo da conversa. Quando ela olhou para mim, agradeci com um movimento dos lábios. Ela assentiu e voltou a comer. A mesa ficou em silêncio depois disso; a atmosfera parecia um pouco tensa.

Tive que consertar. Era o nosso primeiro feriado juntos, e eu queria que todos ficassem felizes.

— Ah! O Wes e eu queremos fazer um anúncio.

Os olhos de Maddy se arregalaram.

— Você está grávida!

Fiz uma careta.

— Meu Deus, não! Caramba, Maddy.

Wes riu da minha resposta e me segurou pela cintura quando me levantei e parei ao lado de sua cadeira.

— Não se preocupe. Nós queremos ter alguns mini-Channings no futuro, mas vamos nos casar antes — ele explicou.

— É, Mads. Minha nossa. O que eu ia dizer é que nós marcamos a data. — A mesa inteira esperou que eu terminasse. — Primeiro de janeiro.

— Do ano que vem? — Maddy ofegou.

Um sorriso enorme apareceu no meu rosto. Não pude evitar. Eu me casaria em...

— Cinco semanas!

— Ai, meu Deus. Está muito perto. Tem certeza que não está grávida? — Ela franziu a testa, assim como Matt, mas por razões bem diferentes. Maddy porque sabia que era novidade para mim me comprometer com um cara a ponto de me casar, ainda mais em cinco semanas. Matt porque eu tinha dito que ele deveria esperar dois anos para se casar com minha irmã. Eu podia imaginar que essa revelação não o faria feliz, mas ele colou um sorriso no rosto mesmo assim. Bom rapaz.

— Olha só! E onde vai ser? — Max perguntou. Seus olhos brilhavam de alegria. Para ele, casamento significava família. E ele era um homem de família.

— Essa é a melhor parte. Nós vamos fazer uma pequena cerimônia na praia, em frente à nossa casa em Malibu, e em seguida uma festa na casa dos pais do Wes. Eles vão organizar a festa e nós dois vamos cuidar da cerimônia. Vai ser bem simples, só a família e os amigos mais próximos. Provavelmente umas cinquenta pessoas na praia, e quem mais os Channing quiserem convidar pra festa. Vocês vão, né?

— Até parece que eu ia perder! Eu sou a madrinha, né? — Os olhos de Maddy brilharam num tom de verde mais escuro.

— Claro. E eu adoraria que a nossa Isabel fosse a daminha. Você gostaria, meu amor? — perguntei a ela. A menina estava feliz, enchendo a cara de purê de batata.

— O que é uma daminha? — perguntou, com a boca cheia.

— Significa que você vai usar um vestido bonito, uma coroa e vai jogar pétalas de flores na praia para que a tia Mia caminhe sobre elas.

— Eu posso usar uma coroa?

Eu sabia que falar da coroa era uma boa ideia.

— Provavelmente vai ser uma tiara.

— Tipo uma coroa com diamantes? — ela perguntou, o tom muito sério.

— Isso mesmo, meu amor.

Ela inspirou profundamente e seu rosto ficou todo rosa, enquanto seus olhos se arregalaram.

— Eu vou ser uma daminha rainha! Na praia! Mamãe! Mamãe! Mamãe! — ela começou a gritar antes que Cyndi pudesse responder.

Jackson acordou e começou a chorar com a explosão da irmã. Max o pegou no colo e o silenciou instantaneamente, segurando o filho nos braços capazes. Colocou a chupeta na boca do pequeno, que se aconchegou e fechou os olhos novamente. Ser bebê é trabalho duro: comer, dormir, fazer cocô. Repetir.

— Sim, Isabel, você vai ser uma daminha rainha. Agora, será que você pode falar baixinho e tentar não acordar o seu irmão de novo? — Cyndi falou, naquele tom maternal que eu esperava ter quando fosse o momento certo.

— Isso é simplesmente fantástico. Vamos fazer um brinde — Max falou e levantou a taça. Todos nós o imitamos. — Que as minhas irmãs sejam tão felizes no casamento quanto eu tenho sido no meu durante todos esses anos.

— E ao mais novo membro da nossa família! — Inclinei a taça na direção de Jack.

— E a ter a minha família toda reunida onde eu sempre quis. Na minha mesa, comendo e criando lembranças.

— Saúde. Tintim. — As vozes ressoaram pela sala, até serem interrompidas por um som estridente vindo do meu bolso de trás.

Merda. Eu não tinha desligado o celular. Peguei o aparelho e olhei rapidamente para a tela antes de apertar o botão para ignorar, até que identifiquei o número de Las Vegas.

— Desculpe, pessoal — falei e atendi depressa. Pressionei o dedo na orelha oposta e entrei na cozinha. Senti o sangue escorrer do rosto, e o chão pareceu sumir sob meus pés enquanto eu ouvia a enfermeira dar notícias do meu pai. Encerrei a ligação e voltei para a mesa, colocando as mãos no encosto da cadeira, mais para me segurar do que qualquer outra coisa.

Maddy se levantou por instinto.

— O que aconteceu? Era sobre o pops?

Meus olhos observaram minha família preocupada. Eu não sabia como responder. Minha língua parecia inchada e seca na boca.

— Ai, meu Deus. É o pops. Ele...? — Ela deixou a pergunta no ar, mas todos na sala sabiam exatamente o que ela queria dizer.

Wes se levantou e passou um braço ao meu redor. Inclinei-me contra ele e balancei a cabeça, como se para colocá-la no lugar. Finalmente, umedeci os lábios e falei:

— Ele acordou. O pops acordou e está perguntando por nós.

9



— O que acontece que toda vez que eu consigo te trazer para o Texas você precisa sair correndo para Las Vegas? — Max brincou enquanto eu jogava as roupas na mala. Enfiei as coisas sem nem dobrar. Eu teria que sentar sobre ela para fechar, mas não me importava. Chegar ao aeroporto o mais rápido possível era o objetivo.

— Você conseguiu um voo? — perguntei.

Minhas mãos tremiam violentamente. Wes as segurou e colocou sobre o peito. Seu calor atravessou meus ossos gelados e foi direto para meu coração.

— Vai ficar tudo bem. O seu pai está acordado e chamando por você. Essa é uma boa notícia. Tá bom? — Seus olhos encararam os meus, me dando algo em que me segurar quando tudo parecia estar desabando. Eu só precisava chegar a Vegas e ver o pops por mim mesma. Então eu ficaria bem.

Max colocou a mão nas minhas costas.

— O avião da Cunningham Óleo e Gás está abastecido e pronto para decolar assim que vocês chegarem lá. Tem certeza que não quer que eu vá? — Max perguntou, a emoção nublando suas palavras.

Eu me virei e passei os braços ao redor dele, apertando sua ampla estrutura o máximo que pude. Eu queria que ele sentisse quanto o dia de hoje tinha significado para mim.

— Tenho. Mas obrigada. Obrigada por tudo. Pelo melhor feriado de Ação de Graças que eu já tive. Por ser o melhor irmão que eu poderia sonhar. E por estar ao meu lado. — Minha voz tremeu. Eu estava me segurando por um fio. — A Maddy e eu precisamos fazer isso, e nós temos o Wes e o Matt.

Seu peito estufou.

— Mas eu sou o irmão de vocês. Quero que estejam bem cuidadas. — Meu Deus, ele era um homem incrível.

O braço de Wes escorregou sobre meu ombro.

— Max, eu vou cuidar bem dela e vou cuidar para que o Matt faça o mesmo pela Madison, embora eu não acredite que o cara precise de qualquer lembrete. Nós estamos bem. Sério. Eu vou mandar mensagens regularmente pra te manter informado. Tudo bem? — Wes estendeu a mão.

Max assentiu e apertou a mão do meu noivo, em seguida passou seu braço enorme ao redor do ombro de Wes.

— Que bom que você vai se casar com a minha irmã. Eu sei que sou protetor até demais quando se trata dessas mulheres, mas você precisa lembrar que elas são tudo que eu tenho, e eu não posso arriscar perdê-las.

Wes bateu no ombro do meu irmão.

— Entendi. E eu quero conversar mais com você sobre a compra das terras depois do casamento.

— São suas — Max disse no mesmo instante. — Eu daria qualquer coisa para ter a minha irmã morando aqui. Ter a Mia como vizinha durante boa parte do ano vai ser um sonho realizado. Eu vou falar com o Matt sobre o outro terreno. Ele e a família são orgulhosos, com certeza vão querer comprar. Acho que vou tentar fazer um acordo com ele envolvendo o plantio dos nossos terrenos.

Wes apertou os lábios e estendeu a mão novamente.

— Parece um bom plano. Nos falamos em breve?

Max sorriu.

— Sempre, parceiro.

No caminho para fora do quarto, encontramos Matt e Maddy.

— Desculpe, Max, mas é o pops... — A voz de Maddy falhou e ela fez uma careta.

— Vá, querida. Está na hora de ver o seu pai.

Nas escadas, abraçamos Max, Cyndi, Isabel e o pequeno e doce Jackson. Era triste, mas necessário.

— Nos vemos em breve — falei.

— O quanto antes, meu anjo. Isso é uma promessa. — Max acenou enquanto colocávamos as malas no carro e saíamos para o aeroporto.

Estamos chegando, pops. Aguente firme.

Maddy e eu demos as mãos enquanto caminhávamos lado a lado pelo longo corredor branco. Estivéramos ali uma centena de vezes, mas hoje parecia diferente, novo de alguma forma. Apertei a mão dela, que retribuiu o gesto.

— Vamos ser sempre você e eu, maninha — falei, repetindo o que dizia a ela quando éramos crianças. Sempre que estávamos com medo, sem comida, quando a eletricidade era desligada na nossa casa velha ou nosso pai desmaiava no sofá na hora de irmos para a escola, eu lhe dizia essas palavras.

— Pra sempre — respondeu ela, da mesma forma que sempre fez.

Sorri. Nossos casamentos não mudariam nossa relação. Nada mudaria. Nosso laço não era profundo apenas por ser de sangue, mas tinha se solidificado depois de anos de luta, sendo só nós duas e amando uma à outra quando ninguém mais se importava. Claro que sabíamos que o pops nos amava, mas não o suficiente para se manter longe da bebida e nos mostrar como era ter uma vida saudável. Tivemos que aprender sozinhas, e agora... nós sabíamos.

Seguimos até a porta aberta. O som da TV podia ser ouvido ao longe. Maddy e eu entramos juntas. Nosso pai estava sentado na cama, não deitado. Seu cabelo grisalho estava liso e penteado para trás, como se tivesse sido lavado recentemente, mas provavelmente ele tinha tomado banho de esponja. Seu queixo estava coberto por uma barba grande, com fios brancos aparecendo no meio dos escuros. Seus olhos castanhos focaram em nós duas, e, enquanto ficávamos paradas ali, lágrimas escorreram pelo seu rosto.

— Meus b-bebês. — Ele abriu as mãos com esforço, provavelmente ainda incapaz de usar os músculos dos braços. — Venham dar um pouco de amor para o seu velho — falou, a voz fragilizada pela falta de uso.

— Papai! — Maddy gritou e correu para o lado da cama.

— Pops — falei, séria, observando-o abraçar minha irmã. Todos os dias durante os últimos onze meses eu desejei que ele acordasse, e finalmente, pela graça de Deus, ele estava ali. Vivo. Acordado.

— Mia, v-venha c-cá — ele resmungou e moveu os dedos ligeiramente ao seu lado, gesticulando para que eu me sentasse ali. Maddy já estava deitada na cama, aconchegada ao pai. Só que ele não era seu verdadeiro pai. Uma pontada me atingiu como um soco no estômago. Agora não era o momento de abrir essas feridas.

Fui até ele, me sentei e levei a mão até sua cabeça. Tracei seu rosto desde a testa, passando pela têmpora e pela bochecha, até chegar à barba. Sua pele exibia um brilho rosado saudável, ausente havia mais anos do que eu conseguia lembrar. Percebi que aquele era o meu pai, sóbrio e sério. E ele era magnífico.

— Você parece bem, pops.

Sua mão tremia quando ele a levantou, segurou minha nuca e descansou o braço em meu ombro. Naquele momento, eu me inclinei contra seu peito e deixei tudo ir embora. Os meses de preocupação, o medo de que ele não fosse melhorar, a crença de que eu nunca mais veria o único pai que me tinha sobrado. As lágrimas vieram rápidas e furiosas para nós três. Apoiamos um ao outro e choramos. Maddy e eu ficamos ali com o nosso pai, a cabeça descansando em seu peito. Segurei a mão dela e a coloquei sobre o coração dele.

— Meu Deus, eu a-amo vocês, m-meninas. M-m-ais que t-tudo. Eu vou m-mostrar pra vocês. Eu v-vou ser um b-bom p-pai. E-eu juro. — Sua voz falhou várias vezes, e as lágrimas escorriam sobre nós, mas não nos importávamos.

Ele nunca tinha prometido ser melhor para a gente. No passado, ele acordava das bebedeiras, pedia desculpas, dizia que não conseguia evitar, e era isso. Uma vez ele admitiu que bebia para espantar a tristeza e jogava para esquecer a raiva da nossa mãe.

Fechei os olhos e rezei a Deus para que ele estivesse falando sério, porque essa era a última chance que ele teria de fazer as coisas darem certo.

Ficamos ali, abraçadas a ele por um longo tempo, até não ter mais lágrimas para chorar. Nada além de fungadas e longos suspiros restava da nossa reunião mental e emocional.

— Hum, o-olá? — pops disse, quebrando o silêncio do nosso abraço.

Virei a cabeça e vi Wes parado na porta. Um enorme sorriso se espalhou pelo meu rosto. Vê-lo era como ver um céu cheio de estrelas numa noite intocada, na nossa praia em Malibu.

Pops resmungou:

— Seu, Mia?

Sorri.

— Ah, sim, *com certeza* ele é meu. — Pulei da cama, enxuguei o rosto com as mãos e passei os braços em volta do meu homem.

Wes me beijou.

— Eu amo te ver sorrindo assim, linda. — Segurou meu rosto e enxugou uma lágrima restante com o polegar.

— Vem aqui. Eu quero que você conheça o meu pai — falei, sentindo uma euforia até os dedos dos pés.

Segurando a mão de Wes, eu o levei para a cabeceira da cama.

— Weston Channing, este é o meu pai, Michael Saunders. Pops, este é o meu

noivo, Wes — falei, com uma grande dose de orgulho.

Os olhos do pops se estreitaram.

— Noivo?

Quando eu estava prestes a responder, Matt entrou no quarto. Maddy pulou e correu até seu namorado, que a pegou e a girou no ar. Ela lhe deu um beijo enorme, ainda que inocente.

— Amor! O meu pai está acordado! — Ela deu pulinhos, e ele a abraçou.

— Amor? — Pops tossiu. — A minha g-garotinha tem um n-namorado? S-Senhor.

— Hum, pai, muita coisa aconteceu desde que você se machucou. — Eu não tinha certeza de quanto deveria contar.

— Me m-machuquei? Uns b-babacas tentaram me matar. — Ele se recostou e fechou os olhos. O monitor cardíaco começou a apitar loucamente. Meu palpite era que sua pressão havia subido, mas eu não sabia muito sobre essas coisas.

Uma enfermeira correu para o quarto e avaliou o pops com o cenho franzido.

— Vou ter que pedir a todos vocês para saírem.

— Mas... — Estendi a mão para o meu pai. — Ele ficou desacordado por tanto tempo.

A enfermeira apertou alguns botões nas máquinas perto do pops e olhou séria para mim.

— Vamos conversar lá fora. Saiam todos. Vocês podem voltar amanhã de manhã, quando ele estiver descansado.

Meus ombros caíram. Sentindo-me desafiada, passei pela enfermeira chata, fui até meu pai e beijei sua testa.

— Descanse. Nós temos muito o que conversar. Voltamos amanhã cedo.

Maddy se despediu e encontramos a enfermeira do lado de fora. Ela nos informou que não ele não sabia por quanto tempo havia ficado em coma. Os médicos queriam fazer mais testes de capacidades mentais e começar a fisioterapia imediatamente. Ela nos lembrou de que ele tinha um longo caminho pela frente e que deveríamos ser pacientes.

Com a promessa de nos encontrarmos com o médico no dia seguinte, fomos embora. Wes e eu conseguimos um quarto no hotel do outro lado da rua, e Maddy e Matt voltaram para o apartamento deles.

— Ei, vadia, como vai? Como está o pops? — Ginelle perguntou quando atendi o celular.

Eu havia me recusado a falar com qualquer pessoa além de Gin. Wes conversou com Max. Eu sabia que ele estava louco de preocupação, mas estávamos bem. Não havia nada a dizer agora, e eu não queria ficar repassando meus sentimentos com o meu irmão. Ele nos conhecia, mas não sabia como eu lidava com as coisas. Não sabia de todos os detalhes da nossa criação, e eu não estava no clima certo para passar por isso agora. Eu sabia que ele se ressentia da nossa mãe da mesma maneira que eu, mas ele também não sabia nada de bom sobre o pops além do fato de que nós o amávamos.

Todas as outras chamadas que eu havia recebido eram de amigos me desejando feliz Dia de Ação de Graças. Mais uma nova experiência.

Inspirei e abracei o cobertor.

— Bem, até onde eu sei. Nós vamos saber mais quando encontrarmos o médico, amanhã. A enfermeira disse que o pops não sabe por quanto tempo ficou em coma. Quando tentamos apresentar o Wes e o Matt, a pressão dele disparou, e ela nos mandou embora.

— E você?

Gemi.

— É estranho. Antes de ver o pops acordado, eu estava com raiva dele. Mais do que jamais senti antes. E, sabe, acho que a minha raiva é justificada. Mas aí, quando ele estendeu os braços, era como se eu fosse uma menina de novo, querendo o amor do meu pai mais que qualquer outra coisa.

Uma lágrima desceu pelo meu rosto sobre o travesseiro. Meu nariz começou a escorrer, mas não me importei. Apenas o limpei no lençol.

— Isso me parece muito normal, amiga. Quer dizer, o pops é e sempre vai ser o seu pai. Ele pode não ter sido o melhor pai do mundo, mas pelo menos não te abandonou — ela disse, tentando me fazer sentir melhor.

— Não mesmo? Toda vez que ele entornava uma garrafa de uísque, desaparecia. Cada gole que tomava do sr. Jack Daniels o transformava em outro homem. Aquele que esquecia que tinha duas filhas pequenas pra alimentar, vestir e levar pra escola. E essa última proeza? Um milhão de dólares? É como se ele estivesse pedindo pra morrer.

Ginelle gemeu e deixou escapar um longo suspiro.

— Talvez ele tenha feito isso de propósito.

Esse pensamento me atingiu como um relâmpago, a descarga elétrica passando

através dos ossos, tecidos e músculos.

— Puta merda. Você pode estar certa. Ele podia ser um sem-noção quando se tratava de jogos de azar, mas nunca seria tão burro a ponto de dever um milhão para um cara como Blaine Pintero.

— Às vezes, quando você quer acabar com a sua vida, toma o caminho mais fácil. O pops sabia que o Blaine iria atrás dele.

— Sim, ele sabia. — Balancei a cabeça. O choque dessa possibilidade consumiu meus pensamentos.

— Como está o mar? — Ginelle perguntou, mas não parecia que estava falando comigo.

— Humm, as lágrimas salgadas dos deuses, *Ku'u lei*. — A voz grave de um homem soou perto o suficiente do telefone para que eu ouvisse. Eu conhecia essa palavra, *Ku'u lei*. Significa "minha amada" em havaiano. Eu tinha ouvido o pai de Tai dizer isso para a mulher. E Tao tinha acabado de dizer para minha melhor amiga. *A trama se complicou...*

Querendo mudar de assunto, joguei a isca.

— E como foi o Dia de Ação de Graças? Comeu muito peru? — perguntei, num tom sugestivo.

Ginelle soltou um gemido baixo.

— Amiga, digamos que a única ave que eu engoli foi um pinto samoano grande e grosso.

Comecei a rir. Só Ginelle para fazer qualquer coisa que envolvesse Ação de Graças parecer safado.

— Sério, Mia, não sei o que eu vou fazer quando ele for embora. Vou ter que fazer um estoque de pilha, com certeza. Ele está arruinando o sexo pra mim. — Ela suspirou. — Agora eu entendo por que você passou um mês na cama com o irmão dele. Os homens Niko... Puta merda, a minha pepeca nunca mais vai ser a mesma. — Ela soltou um longo gemido. — Ele olha pra mim com aqueles olhos negros e as minhas pernas simplesmente se abrem, como Moisés dividindo o mar Vermelho.

Eu ri.

— Sua depravada.

— E saciada. O tempo *todo*. Quando eu acho que ele está pronto pra guardar a fera que tem entre as pernas, ele coloca aquele pau grosso pra fora de novo e eu já estou gemendo mais uma vez.

— Para com isso! Me poupe dos detalhes.

— Você quer dizer a forma como ele usa a mão pra...

— Lá-lá-lááááá, lá-lá-lááááá, lá-lá-lá-lá-lááá. — Continuei cantando "Jingle Bells" até suas palavras morrerem.

— Você está com inveja.

— Nem um pouco. — Lembrei do meu Wes transando comigo contra a árvore no outro dia, e o espaço entre minhas coxas formigou.

Ela bufou.

— Ah, é mesmo. Você tem o surfista que faz filmes e também é muito bom nessa área. Aliás, como está o Wes? — A voz dela baixou para quase um sussurro. — Os pesadelos melhoraram?

— Melhoraram. Ele não tem nenhum há mais de uma semana. É um progresso e tanto. Agora ele enfiou na cabeça que vai comprar umas terras do Max e construir uma casa ao lado do rancho. Ter uma espécie de casa de férias ou algo assim.

— Que legal! Diversão no estilo caubói. *Ihaaa.*

Virando, me aconcheguei nos cobertores.

— Com certeza seria legal poder estar perto do Max e da Cyndi e ver os meus sobrinhos crescerem.

— Ei, você sempre quis pertencer a algum lugar. Agora conseguiu.

— Mas e o pops?

— O que tem? Ele precisa descobrir o próprio caminho. Você não pode tomar decisões por ele. Você é uma mulher adulta, prestes a se casar com o homem dos seus sonhos. A Maddy também. O caminho de vocês está definido. Ele tem que descobrir o que quer da vida e seguir nessa direção. Vamos esperar que ele tenha aprendido a lição com essa coisa de ficar em coma e a use pra se manter sóbrio. Por ele mesmo. Não só por você e pela Maddy. Apesar de eu ter as minhas opiniões sobre isso.

Fiz beicinho.

— Eu sei. Eu sei. Ele disse que vai mudar pela gente. Que vai ser um homem melhor.

Ela bufou.

— Eu só vou acreditar quando vir. Enquanto isso, vou torcer pelo melhor, e acho que é assim que você precisa agir também.

— Tem razão. Ele é um homem adulto e precisa cuidar de si mesmo pelo menos uma vez. A partir de agora eu não vou mais planejar a minha vida com base na dele ou na de qualquer outra pessoa.

— Muito bem. É isso que eu quero ouvir de você. Agora, o que eu quero ouvir pra mim é um samoano grande, moreno e tatuado clamar aos deuses havaianos

enquanto eu chupo seu pau pra poder dar uma cochilada depois. Porra, eu vivo dizendo ao Hulk que preciso do meu sono da beleza. Mas ele ouve? Não.

Eu ri.

— Certo, vagaba, vá buscar o seu tarado. Diga *aloha* ao Tao por mim.

— Pode deixar. Te amo. Até mais tarde, vadia.

— Te amo mais, cadela.

10



O pops estava sentado na cama quando cheguei, logo pela manhã. Wes, que Deus o abençoe, ficou no hotel trabalhando na edição das gravações que fizemos para alguns dos programas especiais de Natal do dr. Hoffman. Eu estava adiantada com o trabalho e extremamente grata por isso, já que agora tinha meu pai para lidar.

— Ei, minha q-querida, venha s-se s-sentar. — Ele bateu na cama com os dedos. Sua voz e os gestos ainda estavam erráticos. De acordo com o médico, demoraria para que seus movimentos e sua fala voltassem ao normal.

Fui até lá, me sentei, segurei sua mão e a levei aos lábios para dar um beijo. Sua pele parecia um papel fino, mas tinha mais cor do que quando ele enchia a cara.

— Eu conversei com o médico hoje. Disseram que você já sabe que esteve em coma nos últimos onze meses.

Pops assentiu, sério. Eu não podia imaginar o que ele devia estar sentindo ao saber que quase um ano tinha se passado.

— O que aconteceu, pops? Como as coisas ficaram tão sérias com o Blaine?

Ele fechou os olhos e apertou minha mão.

— Mia, eu t-tenho sido um homem m-muito e-egoísta.

Claro que eu concordava com ele, mas isso ainda não fazia sentido no contexto da pergunta que eu tinha feito.

— Como assim?

Ele encolheu os ombros.

— Eu não m-me importava com n-nada. Nem com a m-minha vida, nem com a m-minha d-dívida, nada além do vazio que eu sentia. — Ouvi o que ele disse com um estranho pressentimento, como se ele estivesse me preparando para uma realidade mais dura.

Inclinei a cabeça para o lado e encarei seus olhos.

— Pai, por acaso você pediu dinheiro emprestado e perdeu de propósito? — Repassei mentalmente a conversa em que Ginelle sugeriu que ele tinha tentado o suicídio extrapolando a linha de crédito com um agiota psicótico.

Ele balançou a cabeça.

— Não e-exatamente. Talvez. Eu n-não sei. Eu e-estava tão c-cansado. Saturado de me p-perguntar p-por que ela foi embora. Cansado de s-ser um b-bêbado. De s-ser ruim para as minhas m-meninas. Muito c-cansado. Então, eu não me importava em dever todo aquele d-dinheiro para o B-Blaine e n-não t-ter como pagar. Eu s-sabia que ele daria um j-jeito em mim, e era o que eu e-esperava. O s-seguro seria pago a vocês. — Ele fechou os olhos e inspirou lentamente. — M-mais do que eu p-poderia dar se estivesse v-vivo.

Engoli um soluço, me levantei e me encostei na parede.

— Quer dizer que você *queria* morrer?

Ele olhou para mim, e a verdade estava escrita, clara como o dia, em seu olhar escuro.

— Eu não q-queria mais v-viver daquele j-jeito. — Era o máximo de uma admissão de culpa que eu conseguiria.

— Meu Deus, pai. Eu não consigo nem... — Inspirei fundo, me inclinei para a frente e acalmei meus nervos agitados com respirações lentas. — Você não faz ideia de tudo que eu deixei pra trás durante todos esses meses pra pagar a sua dívida!

Ele levantou as sobrancelhas, surpreso.

— O quê? A dívida está p-paga?

Fechei os olhos e apoiei a cabeça na parede.

— O Blaine e os capangas dele tentaram te matar e depois vieram atrás de mim e da Maddy, em busca do que eles chamaram de "dívida herdada". Você não achou que ele ia te matar e ficar sem receber o dinheiro, não é?

Os olhos do pops se arregalaram, o que os fez parecer mais escuros, mais vazios.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Eles nunca disseram i-isso. Eu... eu só...

— Você o quê? — rugi. — Achou que ia se oferecer para o sacrifício e tudo seria perdoado?

Seu olhar saltou para o lugar onde eu tinha começado a andar.

— Sim, exatamente.

— Inacreditável. — Eu me balancei e puxei o cabelo, tentando desesperadamente aliviar a tensão. Queria gritar feito um demônio. — Eu fui trabalhar para a Millie como acompanhante pra pagar a sua dívida! — As palavras eram mordazes e pingavam veneno.

Todo o sangue pareceu sumir do rosto do meu pai, que ficou pálido como um fantasma.

— Você se p-prostituiu por m-mim? — Uma lágrima escorreu pelo seu rosto e o corpo inteiro pareceu desmoronar quando os soluços começaram. — Meu Deus, não. Não. Não a minha m-menina. — Ele cobriu o rosto com as mãos e chorou.

Fui até ele.

— Pops, não foi assim. Eu não tive que ir pra cama com os clientes. Só tinha que ser o que eles precisavam por quase trinta dias. Ganhei cem mil por mês e paguei o Blaine em parcelas. — Eu devia ter contado a ele o que aconteceu com Blaine em setembro e como Max salvou minha pele, mas achava que ele não ia conseguir lidar com toda a verdade.

Seu corpo tremia enquanto eu o segurava.

— Eu estou t-tão a-arrependido. Meu Deus, eu s-sinto t-tanto. Nunca vou c-conseguir compensar v-você e a s-sua irmã. Nunca.

Passei a mão para cima e para baixo em suas costas. Ele estava tão magro que eu podia sentir cada curva da coluna.

— Você pode começar se mantendo vivo. Sendo o nosso pai novamente. Se mantendo sóbrio — acrescentei, esperando que ele não ficasse na defensiva como fazia toda vez que eu mencionava a bebida.

Ele me abraçou por um longo tempo, sussurrando desculpas em meu cabelo, me dizendo que tinha orgulho de mim e que me amava. No fim das contas, isso era realmente tudo o que eu sempre quis do meu pai. Amor, aceitação e orgulho. Percebi, naquele momento, que eu tinha tudo isso. Sim, ele tinha feito muita besteira desde que éramos crianças, mas nós tínhamos muita vida para viver, e por mim eu passaria esse tempo criando novas lembranças, vivendo a vida ao máximo.

O celular tocou no meu bolso de trás. Não atendi e continuei abraçada ao pops. Mas não parou. Quando parecia que a pessoa ia desistir, começava a tocar novamente. Alguém estava realmente precisando falar comigo.

— Desculpe, pops. — Eu me afastei e peguei o telefone. A tela indicava que era "Maximus" ligando.

Sorri e levei o telefone ao ouvido.

— Olá, meu irmão — eu disse, de maneira irreverente.

— Era para você ter me ligado hoje. — Ele soou todo protetor.

— Você não tem a sua esposa e os meus sobrinhos pra agir assim, todo possessivo? — Eu ri e olhei para meu pai. Seu rosto estava contorcido em uma expressão de choque.

— Quantas vezes eu preciso dizer que cuido do que é meu?

Revirei os olhos.

— Tudo bem. Eu estou bem. Relaxa. Volte para o pequeno Jack e dê um beijo na Isabel por mim.

— Você está bem?

Mais uma vez, olhei para meu pai.

— Mais que bem. O meu pai está se curando, eu vou me casar com o homem dos meus sonhos e a vida é incrível.

Max riu.

— Tudo bem, meu anjo. Se cuide. Eu te ligo daqui a um ou dois dias. — Um ou dois dias, para Max, significava que ele me ligaria na manhã seguinte. Ri por dentro, amando o fato de ter um irmão. Um irmão superprotetor e ridiculamente autoritário com as irmãs adultas. — Eu te amo, maninha.

— Também te amo, Max.

Desliguei o celular e me virei.

— Quem era? — o pops perguntou.

— O meu irmão, Max — falei no modo automático, esquecendo completamente que ele esteve em coma. O pops não sabia nada sobre Maxwell Cunningham, nem sobre Maddy e seu verdadeiro pai. — Merda — sussurrei, olhando para seu rosto confuso.

— Que irmão?

Fechei os olhos e me sentei na cama.

— Pops, é uma história longa e bizarra que teve um final feliz, mas não é pra você ouvir logo depois de acordar de um coma de quase um ano. — Suspirei, odiando o fato de ter falado mais que a boca antes que ele tivesse tempo para se adaptar e descobrir o que tinha perdido.

— M-mocinha, trate de c-contar ao seu p-pai tudo sobre esse i-irmão e como vocês o descobriram. V-você tem falado com a sua m-mãe?

— Não, pops, não tenho. — Só a menção dela fez um arrepio gelado ondular pelas minhas veias.

Maddy chegou logo depois que comecei a contar a história do encontro com Maxwell Cunningham e como fui contratada para fingir ser sua irmã perdida havia muito tempo, quando, na realidade, ele já sabia que era eu. Então, quando ele descobriu sobre Madison, nós fizemos exames de DNA que confirmaram que ele era nosso irmão biológico.

— Então é isso? A s-sua m-mãe teve um relacionamento a-antes de me c-

conhecer, teve um filho e o abandonou. Isso é t-tudo?

Maddy mordeu o lábio e olhou para fora da pequena janela, com os olhos cheios de lágrimas.

— O que é que v-vocês não e-estão me contando? — Suas sobrancelhas baixaram e ele franziu a testa.

Suspirei.

— Acho que isso é o suficiente por hoje, pai. Você já passou por muita coisa. *Nós* já passamos por muita coisa. Talvez a gente precise fazer uma pausa.

O pops balançou a cabeça com firmeza.

— Não. Vamos acabar com q-qualquer s-segredo aqui e a-agora. — Ele apontou um dedo fino para o cobertor do hospital. Meus ombros caíram e as lágrimas escorreram pelo rosto de Maddy.

Arranque logo o band-aid, Mia. Faça isso para ficar livre dessa carga.

— Mia... Maddy... — o pops disse, em advertência.

O corpo de Madison parecia querer desabar. Fui até ela e a abracei por trás. Ela encostou em mim, levou as mãos ao rosto e chorou.

— Meu Deus, o q-que está acontecendo?

— Pops, quando nós fizemos os exames de DNA, o teste provou que o Maxwell e a Maddy têm a mesma mãe *e* o mesmo pai.

Ele fechou os olhos e esfregou a testa.

— Então é verdade. Eu n-não sou o s-seu pai biológico.

Maddy chorou alto e balançou a cabeça.

— Ah, querida, venha aqui. — Ele abriu os braços, e ela se apoiou em seu peito.

— Mas... mas... você é o meu pai! — ela gemeu. Eu teria feito qualquer coisa para afastar sua dor, mas não podia fazer nada.

Ele acariciou seus cabelos.

— Sim. E eu s-sempre vou s-ser. Nenhum t-teste pode afastar as m-minhas meninas de mim.

— Eu não, pops. O teste confirmou que eu sou irmã do Max e da Maddy só por parte de mãe.

Ele balançou a cabeça e continuou a acariciar o cabelo loiro da Maddy. O cabelo que ela herdou do pai verdadeiro.

— Eu s-sempre suspeitei que a sua mãe estivesse m-me traindo. Houve vezes em que eu p-pensei tê-la visto muito p-perto de um caubói a-alto e l-loiro. Não lembro o n-nome dele.

— Jackson Cunningham. Ele vinha para Vegas quando eu era criança. Ela via o

filho, e eu, o irmão que nunca soube que tinha. Até que ela ficou grávida da Maddy. Aí as visitas pararam — respondi, antes que ele pudesse perguntar.

O pops umedeceu os lábios e beijou o topo da cabeça de Maddy.

— É, depois que a Maddy nasceu, a s-sua mãe começou a ficar e-estranha. — Ele deu um sorriso triste. — Mais e-estranha que o n-normal. Era c-como se ela n-não pudesse ficar quieta ou permanecer no mesmo l-lugar por muito tempo. Ela trocava c-constantemente de show, pulava de um cassino pra outro, r-reclamando que este ou a-aquele tinham algum t-tipo de p-problema. E então, um dia, Vegas é que e-era o p-problema. Depois, eu v-virei o p-problema. O resto, como dizem, é história.

Em seguida ela foi embora. Eu me lembro muito bem dessa parte.

Wes e eu passamos o restante do mês com meu pai. Fisicamente, ele estava indo muito bem. Mentalmente, nem tanto. Ao longo dessas duas semanas, eu o atualizei sobre o que havia acontecido em nossas vidas, expliquei o que tinha feito em cada mês e então finalmente contei sobre o vírus que ele contraiu e a alergia ao remédio que quase o matou. Ele disse que tinha ficado deliciosamente ignorante o tempo todo. Alegou que num dia estava cheio de hematomas e com a cara grudada no asfalto, desejando a morte, e no outro acordou no quarto branco do hospital. Não conseguia se lembrar de absolutamente nada nesse meio-tempo.

O psicólogo disse que era normal e que mais para a frente meu pai poderia se lembrar de nos ouvir conversando com ele, de vozes em seus sonhos, mas no geral seu cérebro e seu corpo estavam saudáveis. Agora ele só precisava trabalhar duro na fisioterapia, fazer terapia por causa dos vícios e se juntar a um grupo dos Alcoólicos Anônimos. Por enquanto, o psicólogo o havia orientado a fazer uma sessão de terapia mais duas consultas por telefone semanalmente, até sentir que estava pronto para ser mais independente.

Wes contratou duas enfermeiras, que se alternavam em turnos de doze horas, para cuidar dele, levá-lo a seus compromissos e lhe fazer companhia. Maddy desistiu de uma de suas aulas extras a fim de ter mais tempo para visitar o pops todos os dias. Embora eu me sentisse mal porque em breve não estaria por perto, lembrei que tinha passado o ano inteiro dando minha vida por ele. Era hora de ir para casa, de

voltar para Malibu, onde Wes e eu poderíamos planejar nosso casamento e nos alegrar com todas as coisas que tínhamos para agradecer.



Sentada no pátio dos fundos, olhando para o mar, imaginei o dia do nosso casamento. Eu sabia onde ia colocar as cadeiras para os convidados, onde ficaria o corredor e o cenário exato de onde eu diria "sim" ao homem que eu amava.

Tomei um gole do meu chardonnay gelado e cruzei as pernas sob o cobertor macio que a sra. Croft tinha me entregado. Não estava muito frio em Malibu, ainda que dezembro tivesse acabado de chegar.

Meu celular tocou e eu me encolhi. Devia ter jogado a maldita coisa na areia para poder me sentar e desfrutar da minha casa em paz. Wes estava surfando. Eu via sua forma solitária sobre uma onda ao longe. Todo sexy dominando a prancha. Porra, eu era uma mulher de sorte.

Atendi o telefone sem olhar para a tela, focada demais no meu homem em sua prancha.

— Alô?

— Srta. Saunders, aqui é a Shandi, assistente do dr. Hoffman.

Ela sempre fazia isso. Se anunciava como assistente do dr. Hoffman, como se eu já não soubesse disso, tendo trabalhado com ele nos últimos dois meses.

— Oi, Shandi. Como posso te ajudar?

— O dr. Hoffman quer te passar a sua próxima tarefa.

Enruguei a testa.

— Ah, é? Normalmente eu escolho o assunto.

Sua voz assumiu um tom excessivamente confiante e abusado.

— Não dessa vez. Ele quer que você vá para Aspen, no Colorado, entrevistar os artistas locais. Um homem fez contato com a emissora e ofereceu muito dinheiro para fazermos um quadro sobre a esposa dele.

— E quem é ela?

— Uma mulher que vive lá e pinta quadros com imagens das montanhas e das árvores. Eu realmente não sei. Sua assistente vai mandar os detalhes. Ele acha que, enquanto você estiver lá gravando a matéria para o programa, pode aproveitar e gravar o seu quadro "Vida bela" na semana que vem.

— Semana que vem? Ele me quer lá na semana que vem? Você está brincando. Acabei de chegar em casa.

Shandi gemeu de um jeito irritante.

— Não é problema nosso que você tenha gastado o seu tempo batendo perna com a sua família no feriado. Está na hora de trabalhar. Ou eu devo dizer ao Drew que você está com problemas para fazer o trabalho? Porque eu tenho certeza de que ele conhece muitas morenas voluptuosas que estariam aqui em um estalar de dedos... — ela ameaçou.

— Não! Não, tudo bem. Eu vou fazer. Posso ter a mesma equipe de Nova York?

— Você quer aquela menina gótica, a Kathy?

Menina gótica. A mulher tinha cabelo escuro, usava óculos de aro preto e era automaticamente estereotipada como "gótica". Às vezes eu realmente odiava Hollywood. Na verdade, eu desprezava a assistente do Drew.

Suspirei.

— Sim, eu gostaria de trabalhar com a Kathy Rowlinski, por favor. Aliás, é possível a Century nomeá-la minha assistente de produção oficial?

— Você vai ter que falar com o Drew ou a Leona sobre isso.

— Certo. Obrigada por me ligar, Shandi. Estou ansiosa para receber os detalhes da matéria.

Gemi, apertei o botão de desligar, impulsionei o braço para trás e joguei o celular na direção da areia.

O braço de Wes apareceu do nada e pegou o telefone no ar.

— Perdeu alguma coisa, linda? — Ele riu, subiu o monte de areia e as escadas. Sua roupa de mergulho estava pendurada ao redor dos quadris, o peito encharcado com trilhas de água. Ligou a ducha no alto da escada e lavou os pés cheios de areia.

Sem nem pensar, completamente vestida, fui até ele, me inclinei, encontrei uma dessas trilhas de água e passei a língua pelo fantástico V em seus quadris, o abdome rígido e o peitoral musculoso, até minha boca encontrar seus lábios em um beijo de tirar o fôlego. Grudei meu corpo no dele, deixando a água fria do oceano encharcar minha roupa. Eu não me importava. Precisava estar com ele e afogar minha mente e meu corpo no homem que eu amava para superar o fato de que teria que viajar em uma semana.

Ele me levantou e agarrou minha bunda antes de caminhar pela casa até nosso quarto, onde passou a me fazer sentir bem-vinda ao lar da melhor maneira possível.

Wes brincou com meu cabelo enquanto eu ofegava em seu peito.

— Ela disse de quanto dinheiro estamos falando? Por que esse homem da montanha pagaria ao programa pra gravar lá? Teria que ser muito dinheiro.

Assenti contra sua pele e apoiei o queixo nas mãos, que descansavam sobre o coração dele.

— É esquisito, mas dizem que Aspen é linda. Eu nunca estive lá. Você já?

Ele sorriu.

— Em Aspen? Será que um garoto rico criado por pessoas da alta sociedade de Hollywood já esteve em Aspen? Hummm...

— O quê? — Balancei a cabeça, sem entender a piada.

Seus olhos brilharam.

— Mia, Aspen é o paraíso de inverno para os ricos e famosos. Os meus pais têm um chalé lá. Bem grande.

— Sério? — Pisquei algumas vezes, ainda sem compreender plenamente quão rico era o homem com quem eu ia me casar.

Ele riu.

— Sério. Acomoda de catorze a dezesseis adultos, e tem várias camas extras. Não que a minha família já tenha usado.

— Uau. Por que tão grande? — Eu sabia que havia apenas a sua irmã, o marido dela e seus pais.

Wes esfregou o nariz.

— Minha mãe diz que estava planejando receber os netos e toda a família. Eles compraram o chalé no começo do casamento por um bom preço e alugam durante o ano todo. Têm até um caseiro. Nós costumamos ir todo ano, ficamos uma semana esquiando, aproveitando o ar da montanha.

— Hum. Você acha que a gente pode ficar lá? Com a equipe de filmagem?

— Claro. A minha mãe não aluga o chalé em dezembro, para o caso de a família querer usar.

— Legal. Vamos levar a Maddy e o Matt. Eles vão estar nas férias de inverno. Ahhh... será que o Max iria?

— Por você? — Sua voz diminuiu com ironia.

Belisquei seu mamilo de leve. Não o suficiente para machucar, só de brincadeira.

— O que isso significa?

Wes sorriu.

— Mia, o Max adora você do mesmo jeito que adora a esposa, os filhos e a sua irmã. Ele é um homem de família. Você diz que quer alguma coisa, ele vai até a lua pra te dar. É a natureza dele. Aposto que o pai dele era assim também.

— A Maddy também — eu disse. O pensamento me fez lembrar como tinha sido difícil para o meu pai descobrir o que ele já suspeitava: que Maddy não era sua filha biológica.

— Sim, eles têm isso em comum.

Concordei e descansei a cabeça em seu peito.

— Você acha que a sua família consideraria passar o Natal no Colorado? Talvez a gente pudesse chamar a Jeananna e o marido, o Max e a família, a Maddy, o Matt, os pais dele e a Ginelle.

— Linda, você ainda não percebeu que, assim como o seu irmão, se você quiser algo de mim, eu faço qualquer coisa que estiver ao meu alcance pra te dar? — Sua resposta não foi bem-humorada. Ele afirmou isso como um fato. E fez o meu interior derreter.

Beijei-o lentamente e com paixão suficiente para iniciar uma nova rodada de boas-vindas.

Quando me afastei, seus olhos estavam vidrados e meio fechados.

— Acho que estou sonhando com um Natal branco. — Sorri e lambi seu mamilo.

Ele me deitou de costas rapidamente e se encaixou entre as minhas coxas.

— Aí vem o Papai Noel, aí vem o Papai Noel... — cantou enquanto esfregava o queixo com a barba por fazer na parte sensível do meu pescoço, até eu cair na risada.

— Parece que o Natal está chegando mais cedo este ano — gemi quando ele passou os lábios ao redor do meu mamilo e o mordiscou. Uma onda de prazer me percorreu.

Wes levantou o tronco e me olhou enquanto descia a cabeça pelo meu corpo, pairando sobre meu centro de calor.

— Mia, você é o meu melhor presente.

Eu queria responder de forma maliciosa e depravada. Alguma coisa que o deixasse ofegante de desejo, mas era tarde demais. Wes me tomou com os lábios, língua e dedos, me fazendo perder toda a capacidade de falar.

Meu último pensamento antes de cair no abismo, em direção às águas escuras da nossa paixão, foi o de que todos os anos, todos os feriados, todos os dias da minha vida seriam assim, maravilhosos, desde que eu tivesse Wes comigo.

Faça acontecer, universo.

Eu finalmente tinha tudo. Felicidade. Família. Amigos. Um irmão. Minha irmã tinha os melhores cuidados. Meu pai estava se recuperando, e um homem me adorava e queria passar o resto da vida provando isso. E eu planejava passar o resto da minha provando o mesmo a ele também.

Não perca o próximo passo da jornada de Mia.

A *garota* do CALENDÁRIO

DEZEMBRO

Conheça a seguir o primeiro capítulo.

1

Sair da cama, debaixo de uma quantidade enorme de cobertores, e com o braço do meu homem ao redor da minha cintura, me segurando com força, é mais difícil do que se poderia pensar. Pegamos um voo noturno para Aspen, no Colorado, e chegamos antes do nascer do sol no dia seguinte. Wes me levou para o chalé de sua família — e eu uso o termo "chalé" por delicadeza. O pouco que vi era maior que a nossa casa em Malibu. Fomos para o quarto dele, onde caímos na cama, acabados. Aposto que dormimos antes mesmo de nossa cabeça encostar no travesseiro.

No entanto, agora eu estava bem acordada, e, pelo pouco de luz que espreitava através da cortina, provavelmente era perto do meio-dia. Afastando-me pouco a pouco, me desenrolei do abraço de Wes, tentando não acordá-lo. Saí da cama e quase congelei. Calcinha e camiseta não eram o traje mais adequado. O quarto estava absolutamente gelado. Fui na ponta dos pés até o termostato e aumentei a temperatura para vinte e cinco graus. *Vamos colocar o aquecedor para trabalhar!*

Dei a volta, encontrei o banheiro e fiz o que precisava, tão silenciosamente quanto um ratinho, antes de localizar minha mala. Peguei uma legging, um moletom de Wes e minhas pantufas felpudas. A sra. Croft tinha me garantido que eu ia precisar delas, e estava certa. Eu precisava me lembrar de agradecer a ela pelo conselho.

Muito mais aquecida e com roupas adequadas, deixei o quarto e desci as escadas. Quando cheguei à metade, parei. Do outro lado do chalé havia uma parede inteira de janelas que iam do chão ao teto, através das quais era possível ver uma cadeia de montanhas. A neve, com pontos verdes e pretos das rochas e árvores, cobria todos os picos. Era de tirar o fôlego. Não há outra maneira de descrever. Como um zumbi, caminhei até a porta-balcão e a abri completamente, deixando o ar gelado envolver meu corpo e minha alma. Minha respiração formou uma névoa aquecida enquanto eu admirava, sonhadora, o que certamente era obra de Deus.

Quando eu olhava para a praia em nossa casa, a vista me acalmava e me dava paz. Olhar para aquela grande cordilheira me deixava serena. Era majestoso e irreal, como se eu estivesse vendo uma fotografia.

Espetacular.

Do nada, braços circularam meu peito, me puxando para o calor.

O queixo de Wes se esfregou em minha pele, entre o pescoço e o ombro.

— Lindo, né?

Deixei escapar uma expiração lenta.

— É muito mais que isso.

Wes beijou meu pescoço, o calor de sua pele formigando contra a minha.

— Estou feliz que você tenha gostado, já que esta vai ser a nossa casa pelas próximas duas semanas e meia. — Sua voz era um estrondo que eu podia sentir ao meu redor e em todos os poros.

— Eu não vou reclamar — respondi, ainda impressionada com aquela beleza natural.

Ele riu.

— Você diz isso agora. Vamos ver se você gosta mesmo de neve daqui a alguns dias, quando precisarmos desenterrar o carro de dentro dela.

Apertei os lábios, enrugando o nariz. Wes adorava quando eu fazia isso. Ele olhou para mim, sorriu e plantou um beijo na minha bochecha.

— Que tal tomar o café da manhã? — perguntou.

Meu estômago roncou.

— Acho que tenho que concordar com a sugestão.

Ele sorriu e me deixou admirando a vista.

— Não fique aqui fora muito tempo. Vai congelar o traseiro.

— Espero que só as partes flácidas! — Eu me virei e bati em seu bumbum conforme ele entrava em casa.

Wes estava certo. Em poucos minutos eu estava congelando, então entrei na casa para ajudar meu noivo a preparar o café da manhã. Encontrei uma manta de chenile em uma das poltronas macias e a joguei sobre os ombros.

Wes estava ocupado na cozinha, pegando frigideiras e o bacon. Ele disse que havia telefonado antes e pedido aos caseiros para providenciar o básico. Nós iríamos precisar fazer compras, mas eles tiveram o cuidado de abastecer a casa com ovos, bacon, leite, manteiga e café. Fiquei extremamente grata por isso.

Fui fazer café enquanto Wes fritava o bacon e aquecia outra frigideira para os ovos.

— O que você quer fazer hoje? — ele perguntou, balançando as sobrancelhas de modo sugestivo.

Revirei os olhos.

— *Isso* não.

Ele fez cara de surpresa.

— Tudo bem. *Isso* sim, mas não agora — corrigi. — Eu quero ver as coisas. Conhecer a cidade, comprar mais comida e descobrir onde os artistas locais expõem a sua arte. Isso vai me ajudar a planejar a matéria. Além disso, a equipe de filmagem vai estar aqui dentro de alguns dias, então precisamos estar preparados para uma semana com eles.

Wes anuiu e continuou preparando o café da manhã. Depois que comemos, fomos tomar banho juntos, e ele me lembrou que eu queria, sim, um pouco *daquilo*, antes de pularmos no carro alugado e nos dirigirmos à rua principal.



Eu não estava preparada para a beleza extrema com que me deparei no momento em que chegamos ao centro. Animada, saí do carro e girei em um círculo. O cenário roubou meu fôlego enquanto eu absorvia a imponência das montanhas. Era como se o centro da cidade tivesse sido criado dentro de uma bacia, escondido bem no meio da Terra. As pessoas circulavam dentro e fora das lojas, com roupas de cores brilhantes que se destacavam contra o pano de fundo branco das montanhas ao longe.

— Agora eu entendo — sussurrei enquanto contemplava, de olhos arregalados, o cenário que nos rodeava.

— Entende o quê? — Wes perguntou, segurando minha mão enluvada. Mesmo através das camadas de couro e lã, eu era capaz de sentir o calor em minha palma.

— Por que este lugar é tão badalado. É impressionante. Eu já fui para Lake Tahoe e vi montanhas cobertas de neve antes. Já esquiei também, mas nada se compara a isto. — Deixei escapar um suspiro, tentando absorver tudo, mas sabendo que não seria capaz de fazê-lo. Havia muito mais a apreciar. Eu esperava que, ao longo das próximas duas semanas e pouco, aquele lugar majestoso se fundisse à minha memória, para que eu pudesse revisitá-lo sempre que estivesse à beira de uma insolação no sul da Califórnia.

Wes olhou para as montanhas imensas.

— Eu entendo o que você quer dizer. Já estive aqui muitas vezes, vai ser bom ver Aspen da sua perspectiva, com novos olhos.

Sorri e apertei sua mão.

— Aonde nós vamos primeiro? — perguntei, esperando que Wes me guiasse. Ele me puxou para o seu lado, passando o braço em volta dos meus ombros.

— Vamos tomar uma bebida quente ali — apontou para o Café Colorado — e depois caminhar um pouco. O que acha?

Eu me encostei em seu corpo.

— Qualquer coisa com você está ótimo pra mim. Obrigada por ter vindo comigo, aliás. — Esfreguei o queixo ao longo de seu pescoço.

Wes abriu um sorriso tão grande que eu tive certeza de que a luz do sol refletia em seus dentes. Pura alegria atingiu seus olhos verdes e me derreteu. Vê-lo relaxado, confortável consigo mesmo e preenchido com uma sensação de paz seria suficiente para me fazer feliz por um século.

Havia alguma coisa nele que me chamava, falava diretamente com minha essência. Ao mesmo tempo que me fazia muito feliz, me assustava. No entanto, a alegria superava o medo, e eu suspeitava de que seria sempre assim. Estávamos cada vez mais perto de fazer nossos votos um ao outro.

Era difícil acreditar que em pouco mais de três semanas eu seria a sra. Weston Channing. Eu ainda não tinha conseguido assimilar.

Enquanto caminhávamos, Wes comentava sobre lugares legais para jantar e bares que serviam coquetéis e outras bebidas incríveis, se desse vontade. Seguimos pela rua principal, onde avistei um lugar pitoresco, pintado de cor-de-rosa, logo na esquina. O nome era Padaria & Café Main Street.

— Você já comeu naquele lugar bonito ali? — perguntei.

Quando ele ia responder, uma mulher com mais ou menos a minha altura saiu de lá. Ela era magra e usava um belo casaco de couro que batia nos joelhos, com um cinto largo por cima. Um lenço pink flutuava com a brisa, chamando atenção para seu pescoço. O cabelo preto familiar caía em cachos soltos ao redor dos ombros. Tentei desesperadamente ver mais do seu rosto, mas ela estava olhando para baixo, procurando alguma coisa na bolsa.

— ... e eles fazem os melhores ovos benedict... — Ouvi parte das palavras de Wes, mas meu foco estava unicamente na mulher do outro lado da rua. Uma sensação de formigamento surgiu em meus nervos, me confundindo.

A silhueta, o cabelo e a altura da mulher me lembraram muito de alguém que eu conhecia. A sensação de familiaridade atingiu meu cérebro bem lá no fundo, e então

dei alguns passos mais para perto do meio-fio, próximo à esquina da padaria. A mulher pegou um par de óculos de sol, e, um pouco antes de colocá-los, seus olhos encontraram os meus. Ofeguei e saltei para trás, batendo em Wes, com o peso daquele olhar.

— Não pode ser... — falei com dificuldade, incapaz de formar mais palavras com a confusão de emoções que me rodeava.

Raiva.

Frustração.

Desespero.

Desamparo.

Abandono.

Tudo isso e muito mais atingiu meu corpo como um trem de carga.

— O que houve, Mia? Qual é o problema? Linda, você está branca feito um fantasma.

Pisquei algumas vezes e olhei para Wes, parado a minha frente, segurando meus braços com firmeza.

— Eu... Eu... Não pode ser ela. — Balancei a cabeça e olhei ao redor, mas a mulher tinha ido embora. Desapareceu, como se nunca tivesse estado ali. — M-m-mas ela estava bem ali! — Olhei para as outras lojas e calçadas. Nada. Sumiu.

— Quem? Quem você acha que viu? — Wes perguntou, a preocupação tingindo seu tom.

Engoli o caroço do tamanho de uma bola de golfe parado em minha garganta e, com lágrimas nos olhos, olhei para o homem que ia comprometer sua vida comigo para sempre. Ele nunca me abandonaria. Com a segurança e a força que seu toque me proporcionou, inspirei o ar frio e disse o nome dela:

— Meryl Colgrove.

Wes franziu a testa.

— Baby, eu não entendi. Quem é Meryl Colgrove?

— Minha mãe.



Wes e eu olhamos para todo lado nas ruas por uns bons dez minutos, examinando vitrines e espiando dentro das lojas. Nada. A mulher tinha desaparecido.

Ele me levou para o carro e nós voltamos para o chalé de sua família. Fiquei calada o tempo todo, perdida demais em minhas próprias emoções para conseguir formular uma palavra.

Não podia ser ela. Era como se ela tivesse aparecido do nada. O destino não podia ser tão cruel. Eram mínimas as chances de Meryl Colgrove estar na cidadezinha onde estávamos hospedados para passar as festas e gravar o quadro "Vida bela".

E se ela mora aqui?

De jeito nenhum. Eu estava vendo coisas. Além disso, tinha perdido o contato com minha mãe havia mais de quinze anos. A probabilidade de encontrá-la em Aspen parecia ridícula. Era só alguém que se parecia muito com ela — ou com a mulher de quem eu me lembrava.

Meus pensamentos giravam como um tornado. Aleatórios. Erráticos. Devastadores.

Quando chegamos ao chalé, eu tinha me convencido de que não era possível que aquela mulher fosse minha mãe. Eu tinha visto alguém muito parecido, só isso. Fim da história. Não tinha nada com que me preocupar. No entanto, meu noivo não havia chegado à mesma conclusão.

Quando entramos na casa, ele caminhou até o bar, pegou dois copos e os encheu com dois dedos de um líquido âmbar, de uma garrafa de cristal.

— Bebida? — Era a primeira palavra que ele dizia desde que eu contara que achava ter visto minha mãe.

— Claro. — Eu me sentei em uma das exuberantes banquetas giratórias do bar. Não eram o tipo de móvel que se compra em lojas de departamentos. Passei os dedos sobre os braços gastos da banqueta, que tinha um aspecto rústico chique.

Wes tomou um grande gole do uísque. O pomo-de-adão se mexeu, instigando a mulher dentro de mim.

Ele se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos no balcão.

— O que você acha? Era ela? — perguntou calmamente.

Pela tensão em seu corpo e a incerteza em seu olhar, eu podia dizer que ele não sabia qual era a melhor maneira de começar uma conversa a respeito de uma mulher da qual quase nunca me ouvia falar. E minha reação provavelmente deu uma boa indicação de como eu me sentia.

— Não tenho certeza. — Dei de ombros. — A semelhança era impressionante.

Wes assentiu.

— Por que nós estamos aqui, Mia?

Meus ombros se ergueram quando a tensão começou a me envolver.

— Eu não sei, baby. É estranho. A Shandi, assistente do dr. Hoffman, falou que eu tinha que vir. Ela organizou tudo com a equipe e me avisou.

— Quando é que nós vamos encontrar o tal homem da montanha? O cara que fez uma "grande doação" — Wes fez gesto de aspas no ar — para o programa em nome dos artesãos da região, sendo que um deles é sua esposa?

Eu não podia negar que a coisa toda era estranha. No entanto, estava acostumada com coisas estranhas. Peculiares. Meu ano inteiro tinha sido construído sobre uma cadeia aleatória de acontecimentos que me levavam aonde eu era necessária. Até agora, havia funcionado. Eu conheci o homem com quem ia me casar. Fiz amigos para a vida toda. Encontrei meu irmão, Maxwell. Salvei meu pai. E comecei uma nova carreira, que estava amando. Tive alguns problemas no caminho, mas tudo deu certo no fim das contas. Honestamente, eu não queria perder muito tempo questionando.

Saindo da banqueta, dei a volta no bar, fui até meu noivo e passei os braços ao redor da sua cintura.

— O nome dele é Kent Banks. Acredite ou não, eu também achei um pouco estranho. Então liguei para o Max, contei tudo pra ele, e sabe o que aconteceu depois? — Sorri.

Meu irmão era absurdamente protetor com relação a mim e a Maddy. Saber que um cara qualquer tinha supostamente oferecido um bom dinheiro para eu fazer uma matéria sobre algo tão simples quanto os artesãos da cidade deixou Max intrigado. Na verdade, levou ao extremo o instinto de proteção.

Wes sorriu e me puxou contra seu peito.

— O Max chamou os cães de guarda dele?

— Se você está se referindo ao detetive particular, a resposta é sim. O Max é paranoico. Você sabe disso.

Meu noivo me abraçou apertado.

— Eu já te disse que adoro o seu irmão? Ele é um cara muito legal. — Wes olhou ao longe, sereno, porém de forma exagerada.

Eu ri e pressionei o nariz em seu peito. Inspirar sua loção pós-barba e seu perfume invernal enviou vibrações de excitação pelo meu corpo. O espaço entre minhas coxas se apertou automaticamente diante do pensamento de tê-lo mais uma vez.

— É mesmo.

— O que ele descobriu? — Suas mãos se apertaram ao meu redor e seus dedos

tocaram a parte baixa das minhas costas, massageando qualquer possível tensão causada por um dia de viagem e pela caminhada no centro de Aspen.

Gemi quando ele apertou um ponto particularmente dolorido.

— Hum, ele disse que o cara é um militar aposentado que tem formação em arquitetura. Fez fortuna projetando casas de inverno no mundo inteiro. Parecia honesto. O Max disse que ia continuar investigando, mas não pareceu muito preocupado. Especialmente quando eu disse que você ia ficar comigo o tempo todo.

As mãos de Wes subiram pelas minhas costas, até meu cabelo. Ele segurou minha nuca e virou meu rosto para que meus olhos o encarassem.

— Eu nunca vou deixar que nada te aconteça. Você é a minha vida. O meu tudo. Eu não quero existir em um mundo sem você.

— Nem eu — sussurrei.

Wes se inclinou para a frente e tocou minha boca com a dele. Uma sensação muito suave. Manteve os lábios pairando sobre os meus para que eu pudesse sentir o movimento e, logo em seguida, falou novamente. Eu o ouvi direto no coração.

— Eu sempre vou te proteger. De tudo e de todos. — Seu nariz roçou o meu quando seu rosto se aproximou mais um centímetro. — Seja no trabalho, na sua família, ou de fantasmas que aparecem do nada. De agora em diante, Mia, nós enfrentamos tudo juntos.

Assenti.

— Tudo bem, baby. Nós enfrentamos tudo juntos — falei e, em seguida, encostei a testa na dele. Esse simples toque afastou toda preocupação, dúvida e receio que eu tinha sobre a possibilidade de ter visto minha mãe e sobre o que eu deveria estar sentindo a respeito.

— Posso te beijar agora? — ele perguntou. Sua voz era um estrondo baixo, o som de um homem que estava perdendo o controle. E eu queria isso. Precisava.

Sorri.

— Por favor.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

A garota do calendário – Novembro

Skoob do livro
https://www.skoob.com.br/a-garota-do-calendario-novembro-601230ed601356.html

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan

Site da autora
http://www.audreycarlan.com/

Goodreads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Facebook da autora
https://www.facebook.com/AudreyCarlan/

Twitter da autora
https://twitter.com/audreycarlan

Vídeo sobre a série no Youtube
https://www.youtube.com/watch?v=CjCo6E20uHw

Instagram da autora
https://www.instagram.com/audreycarlan/